

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Leila da Silva Barbosa

**Construções modalizadoras epistêmicas asseverativas com “real” e “real oficial”:
Uma proposta de rede construcional a partir da Linguística Funcional
Centrada no Uso**

JUIZ DE FORA
2020

Leila da Silva Barbosa

Construções modalizadoras epistêmicas asseverativas com “real” e “real oficial”: Uma proposta de rede construcional a partir da Linguística Funcional Centrada no Uso

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

Coorientadora: Profa. Dra. Lauriê Ferreira Martins Dall’Orto

JUIZ DE FORA

2020

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

da Silva Barbosa, Leila.

Construções modalizadoras epistêmicas asseverativas com "real" e "real oficial": : Uma proposta de rede construcional a partir da Linguística Funcional Centrada no Uso / Leila da Silva Barbosa. -- 2020.

129 f. : il.

Orientadora: Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

Coorientadora: Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2020.

1. Linguística Funcional Centrada no Uso. 2. Construcionalização gramatical. 3. Modalização epistêmica. 4. Construções com "real" e "real oficial". I. Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, Patrícia , orient. Ferreira Martins Dall'Orto, Lauriê , coorient. III. Título.

Leila da Silva Barbosa

Construções modalizadoras epistêmicas asseverativas com “real” e “real oficial”:
uma proposta de rede construcional a partir da Linguística Funcional Centrada no Uso

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Aprovada em 31 de julho de 2020

BANCA EXAMINADORA

Patrícia F. A. C. Lacerda

Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda - Orientador

Universidade Federal de Juiz de Fora

Patrícia F. A. C. Lacerda

Dra. Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto - Coorientador

Universidade Federal de Juiz de Fora

Patrícia F. A. C. Lacerda

Dra. Mariângela Rios de Oliveira

Universidade Federal Fluminense

Sandra Aparecida Faria de Almeida

Dra. Sandra Aparecida Faria de Almeida

Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Marcos Luiz Wiedemer

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Dr. Luiz Fernando Matos Rocha

Universidade Federal de Juiz de Fora

Obs. 1: Todos os membros da banca e a discente participaram remotamente da defesa e acompanharam na sua integridade (cf. Resolução 01/2020)

Obs. 2: A discente e os membros da banca deram amávelmente para que a Presidente da banca assumisse por eles (cf. Resolução 01/2020)

AGRADECIMENTOS

“Que darei eu ao Senhor, por todos os benefícios que me tem feito?” (Sl 116, 12), tudo! A começar por meus sinceros agradecimentos. Ao autor de todas as coisas, Deus, por ser minha fonte de vida e sustento e, ainda, por me conduzir ao longo da estrada acadêmica.

Como não se trilha uma jornada sozinha, expresso minha gratidão às que estiveram comigo desde o início, à frente, guiando-me pelo caminho. As minhas queridas mentoras, por toda paciência e orientação a mim dedicadas. À Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, pela oportunidade de ser lapidada aos seus cuidados e pela confiança em mim depositada. Obrigada por apresentar-me a Linguística de forma tão bela! À Profa. Dra. Lauriê Ferreira Martins Dall’Orto, pela amizade e pelo companheirismo construídos ao longo desse percurso. A vocês, obrigada pela partilha de conhecimento e por todo incentivo e apoio!

Agradeço aos professores, membros externos e internos da banca examinadora, Profa. Dra. Mariângela Rios de Oliveira, Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer, Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha, pela disponibilidade para a leitura e as contribuições a esta dissertação. Amistosamente, agradeço à professora membro titular da banca de qualificação, Profa. Dra. Sandra Aparecida Faria de Almeida, pelas observações pontuadas a este trabalho e por todos os ensinamentos, generosamente partilhados, também no âmbito do curso de Bacharelado. Aos colegas do grupo de pesquisa NUPACT-UFJF (Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional e Tradução), pela partilha do conhecimento. Ainda, aos afeitos à arte das palavras, minha gratidão aos meus colegas, Isadora Aruante, Bruna Souza, Fernanda Evaristo, Sophia Castro e Victor Rodrigues, pela amizade e pelo apoio. Com carinho, a minha primeira orientadora, Profa. Dra. Luciani Vieira Gomes Alvareli, por plantar a semente do amor pela educação em meu coração.

Estendo, também, meu agradecimento especial a todos os mestres que um dia dedicaram a mim seu maior dom, o de ensinar. De forma muito carinhosa, àquela que, com muito empenho e paciência, apresentou-me um lápis e ensinou-me a esboçar os primeiros traços e a todos os que, ao longo desse caminho, foram educadores e fontes de inspiração, muito obrigada!

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística, pela partilha do saber, e a todos os colaboradores do departamento. À UFJF, não somente pela bolsa que me possibilita realizar essa pesquisa, mas também por ser casa acolhedora e oferecer-me ambiente favorável ao meu crescimento pessoal e acadêmico.

Gratidão a minha segunda família, Ministério Universidades Renovadas de Juiz de Fora, por ser sempre a minha “comum unidade” e por “sonhar o mesmo Sonho”. Meu agradecimento aos que estiveram ao meu lado sempre a me ajudar como cuidado divino, Allyne Marchioni, João Luis, Cristina Scarpa, Clarissa Dutra e Maiara Coimbra. De forma muito especial, àquele que me traz alegria, me apoia com palavras de sabedoria e me acolhe com um abraço carinhoso, Henrique Monteiro. Com o coração repleto de saudade, aos amigos que, mesmo à distância, sempre estiveram ao meu lado com palavras de amor. Em especial, à Lauriane Helena e à Ester Assunção, pela amizade e pelo apoio.

Gratidão eterna aos que são minha base: minha família! Aos meus queridos avós, Anna Francelina, Benedito da Silva (*in memoriam*), Julieta Vieira (*in memoriam*) e Martinho Barbosa. Gratidão aos que me deram a vida, meus pais, Márcia Cornélio e Luís Roberto. Com lágrimas nos olhos e voz embargada, agradeço a esses que nunca desistiram de mim, aos que sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado de forma incondicional. Obrigada por todo amor, carinho e amparo! Obrigada por serem os que, constantemente, me impulsionaram em direção à meta! Obrigada por serem meu porto seguro ao qual sempre terei afagoso retorno e por serem meus primeiros mestres! Em especial, a minha mãe que, com ternura e dedicação, desde cedo, ensinava-me a arte da combinação das palavras nas tarefas escolares. Ao meu pai, pelo seu esforço desmedido para que eu tivesse aquilo que lhe fora tolhido e pudesse realizar todos os meus sonhos. Como sabiamente sempre me disse, “a educação é a única herança que podemos deixar aos nossos filhos”. Obrigada por oferecer-me a parte que me cabe! Com imensa alegria, bem posto em seu nome, agradeço a minha querida irmã, Letícia Barbosa, por ser presença ao longo da minha história, pelas alegrias e por todas as palavras de incentivo e carinho nos momentos mais penosos. Enfim, aos que sempre acreditaram em mim e que me apoiaram em meus mais ousados sonhos, muito obrigada!

Não poderia encerrar de outra forma senão como a de costume, rendendo eterna gratidão a tudo o eu que vivi e ofertando meu “sim” a tudo o que há de vir!

RESUMO

Neste trabalho, dedicamo-nos à investigação de construções constituídas por “real” e “real oficial” que se instanciam e se convencionalizam em contexto de modalização epistêmica asseverativa, tais como: “problema real oficial”, “comi real”, “bonitinho real” e “funciona mesmo real oficial”. Assumimos, para tanto, os pressupostos em que se baseia a Linguística Funcional Centrada no Uso (BYBEE, 2010; MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO; SILVA, 2016), abordagem funcionalista que concebe a língua como um inventário de construções organizadas em rede de maneira hierárquica. Dessa forma, nossos objetivos são: (i) descrever os padrões dessas construções modalizadoras, no *corpus* analisado, a fim de identificar os três níveis de esquematicidade propostos por Traugott e Trousdale (2013) — esquema, subesquema e microconstrução — e (ii) propor uma rede construcional que relacione as construções analisadas de maneira hierárquica. Nesse sentido, realizamos uma análise sincrônica das ocorrências, tomando como base dados extraídos de vídeos do YouTube datados entre 2017 e 2020. Nossa análise se realiza a partir do equacionamento entre a análise qualitativa dos dados e o cálculo da frequência de uso (CUNHA LACERDA, 2016). Além disso, para a análise qualitativa dos dados acerca do escopo da modalização, contamos com o recurso do *software* Praat no que se refere à prosódia. Entendemos que o traço prosódico de *break*, pequena pausa, colabora com a identificação do escopo da modalização presente nas construções analisadas, revelando o modo como essas construções se organizam. Os resultados apontam que (a) “real” e “real oficial”, em contexto de modalização epistêmica asseverativa, cumprem novos propósitos comunicativos na língua que diferem do uso de “real” como adjetivo e que (b) os usos das construções modalizadoras com “real” e “real oficial” constituem um pareamento forma-função na língua. Nesse sentido, o esquema mais abstrato revela um posicionamento do falante, com atitude modalizadora, constituído por “real” e “real oficial”. Em um nível menos hierárquico na rede, observam-se quatro subesquemas. As construções modalizadoras apresentam-se de forma mais integrada ao escopo da modalização nos três primeiros subesquemas, o que é percebido pela ausência de *break* entre os elementos constituintes das construções sob análise. Em contrapartida, no quarto subesquema, “real” e “real oficial” organizam-se de forma menos interligada,

apresentando essa pequena pausa entre o escopo da modalização – a sentença – e as construções analisadas. Além disso, construções com “real oficial” mostram-se mais intersubjetivas se comparadas às de “real”, revelando uma maior preocupação com o interlocutor no processo de interação.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Construcionalização gramatical. Modalização epistêmica. Construções com “real” e “real oficial”.

ABSTRACT

In this work, we dedicated ourselves to understanding how constructions with “real” and “real oficial” such as “problema real oficial”, “comi real” e “bonitinho real” and “funciona mesmo real oficial” are instantiated and conventionalized in asseverative epistemic modalization contexts. Therefore, we take as theoretical approach the contributions of the Usage-Based Functional Linguistics (BYBEE, 2010; MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO; SILVA, 2016), which conceives language as an hierarchically organized inventory of constructions. In this sense, our most specific aims are (i) to draw and describe the constructional patterns (form-function pairings) of asseverative epistemic modal constructions with “real” and “real oficial” identifying the three schematic levels proposed by Traugott and Trousdale (2013) – scheme, subscheme and microconstruction – and (ii) to propose a constructional network that would be able to hierarchically associate the analysed constructions. In order to fulfill the objectives proposed in this work, we have constituted a *corpus* with social interactions data from YouTube videos, grounded on the current synchrony. Our analysis is based on the equation between qualitative analysis and frequency calculation of use (CUNHA LACERDA, 2016). In addition, for a qualitative analysis of the data on the scope of the modalization, we have used the Praat software regarding prosody. We understand that the prosodic trace of break, a pause, collaborates with the identification of the scope of the modality present in the analyzed constructions, revealing the way these constructions are organized. The results demonstrate that (a) “real” and “real oficial” within modalization contexts serve to new communicative purposes in the language that differ from their uses as adjectives and that (b) the uses of these constructions with “real” and “real oficial” constitute a form-function pairing in language. In this sense, the more abstract scheme reveals a speaker's position, with a modal attitude, performed by “real” and “real oficial”. At a less hierarchical level in the network, there are four subschemas. In the first three subschemas, “real” and “real oficial” are more linked to the scope of modalization, noted by the absence of a break between them. On the other hand, in the fourth subschema, “real” and “real oficial” are organized in a less interconnected way and there's a pause between the scope of modalization - a sentence - and “real” and “real oficial”. In addition, constructions with “real oficial” show more

intersubjective senses compared to those with “real”, which indicates a greater concern about the interlocutor in the communicative interaction.

Keywords: Usage-Based Functional Linguistics. Gramatical construcionalization. Epistemic modalization. Constructions with “real” and “real oficial”.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Representação da construção por Croft (2001, p. 18)	28
Figura 2 - Modelo construcional Traugott e Trousdale (2013, p.8)	29
Quadro 1 - Esquematicidade, produtividade e composicionalidade na construcionalização gramatical e lexical (reproduzido de TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013, p. 193, tradução nossa)	35
Figura 3 - Representação da ocorrência 9 pelo <i>software</i> Praat	69
Figura 4 - Representação da ocorrência 10 pelo <i>software</i> Praat	69
Quadro 2 - Representação do pareamento forma-função do esquema	73
Quadro 3 - Representação dos pareamentos forma-função dos subesquemas	74
Quadro 4 - Representação do pareamento forma-função do subesquema 1	77
Quadro 5 - Representação do pareamento forma-função das microconstruções pertencentes ao subesquema 1	79
Figura 5 - Representação da ocorrência 11 pelo <i>software</i> Praat	81
Figura 6 - Representação da ocorrência 12 pelo <i>software</i> Praat	82
Figura 7 - Representação da ocorrência 13 pelo <i>software</i> Praat	83
Figura 8 - Representação da ocorrência 14 pelo <i>software</i> Praat	88

Figura 9 - Representação da ocorrência 15 pelo <i>software</i> Praat	90
Figura 10 - Representação da ocorrência 16 pelo <i>software</i> Praat	91
Quadro 6 - Representação do pareamento forma-função do subesquema 2	92
Quadro 7 - Representação dos pareamentos forma-função das microconstruções pertencentes ao subesquema 2	94
Figura 11 - Representação da ocorrência 17 pelo <i>software</i> Praat	96
Figura 12 - Representação da ocorrência 18 pelo <i>software</i> Praat	97
Figura 13 - Representação da ocorrência 19 pelo <i>software</i> Praat	99
Figura 14 - Representação da ocorrência 20 pelo <i>software</i> Praat	102
Figura 15 - Representação da ocorrência 21 pelo <i>software</i> Praat	103
Quadro 8 - Representação do pareamento forma-função do subesquema 3	104
Quadro 9 - Representação dos pareamentos forma-função da microconstrução pertencente ao subesquema 3	105
Figura 16 - Representação da ocorrência 22 pelo <i>software</i> Praat	106
Figura 17 - Representação da ocorrência 23 pelo <i>software</i> Praat	108
Figura 18 - Representação da ocorrência 24 pelo <i>software</i> Praat	109

Quadro 10 - Representação do pareamento forma-função do subesquema 4	109
Quadro 11 - Representação dos pareamentos forma-função das microconstruções pertencentes ao subesquema 4	111
Figura 19 - Representação da ocorrência 25 pelo <i>software</i> Praat	113
Figura 20 - Representação da ocorrência 26 pelo <i>software</i> Praat	115
Figura 21 - Representação da ocorrência 27 pelo <i>software</i> Praat	116
Figura 22 - Representação da ocorrência 28 pelo <i>software</i> Praat	119
Figura 23 - Rede construcional com “real” e “real oficial”	123

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência dos subesquemas e frequência total.....	73
Tabela 2 – Frequência das microconstruções do subesquema 1.....	78
Tabela 3 – Frequência das microconstruções do subesquema 2.....	93
Tabela 4 – Frequência das microconstruções do subesquema 3.....	104
Tabela 5 – Frequência das microconstruções do subesquema 4.....	110
Tabela 6 – Frequência de “real” e “real oficial” por subesquema.....	121

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA GRAMÁTICA NO CONTEXTO DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO. 20	
2.1	LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO	21
2.2	O MODELO DE TRAU GOTT E TROUSDALE (2013)	30
2.3	ENCAMINHANDO ALGUMAS CONCLUSÕES	40
3	AS NOÇÕES DE MODALIZAÇÃO E FOCALIZAÇÃO	42
3.1	MODALIZAÇÃO	42
3.2	FOCALIZAÇÃO	52
3.3	ENCAMINHANDO ALGUMAS CONCLUSÕES	58
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	60
4.1	A CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	60
4.2	MÉTODO MISTO	62
4.3	O PROGRAMA PRAAT	63
4.4	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	66
5	ANÁLISE DE DADOS	71
5.1	ESQUEMA	72
5.2	SUBESQUEMAS	74
5.2.1	Subesquema 1	77
5.2.1.1	<i>Microconstrução 1.1</i>	79
5.2.1.2	<i>Microconstrução 1.2</i>	84
5.2.2	Subesquema 2	92
5.2.2.1	<i>Microconstrução 2.1</i>	94
5.2.2.2	<i>Microconstrução 2.2</i>	99
5.2.3	Subesquema 3	103
5.2.3.1	<i>Microconstrução 3.1</i>	105
5.2.4	Subesquema 4	109
5.2.4.1	<i>Microconstrução 4.1</i>	111
5.2.4.2	<i>Microconstrução 4.2</i>	117
5.3	CONCLUSÕES	120
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
	REFERÊNCIAS	127

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, adotamos uma concepção de língua como instrumento de comunicação baseada em contextos histórico-sócio-culturais. Além disso, acreditamos que a língua está em constante desenvolvimento, de maneira dinâmica, e que, a partir das necessidades comunicativas dos falantes, ela sofre alterações. Portanto, a língua se constrói a partir dos propósitos comunicativos interacionais de seus usuários.

Dessa forma, este trabalho, de maneira mais abrangente, dedica-se à investigação de como construções com “real” e “real oficial” se instanciam e se convencionalizam na língua para cumprir propósitos comunicativos específicos em contextos de modalização epistêmico-asseverativa. Nesse sentido, compreendemos tais construções modalizadoras como aquelas que exprimem o posicionamento e a crença do locutor, indexando as noções de realidade, veracidade e legitimidade aos sintagmas nominais, verbais, adjetivais e às sentenças tomados como escopo. Vejamos a seguir alguns exemplos desses padrões:

(1) FP: Já tomei cerveja quente na casa do Zeca Pagodinho. Fui campeã de Kumon. Fui jogadora de vôlei profissional com carteirinha de federada.

FS: Já foi, isso já foi! Negócio de Kumon? Era tendência na nossa época, Kumon. É, agora, beber cerveja quente na casa do Zeca? Isso não pode ser verdade porque a casa do Zeca não poder ter uma cerveja quente ou pode e isso ser a pegadinha do rolê, entende? Então, eu acho que a mentira é a cerveja quente na casa do Zeca, cara!

FP: Já tomei!

FS: Hã?

FP: Isso é uma verdade! Cai um mito! Eu já tomei cerveja quente na casa do Zeca e não foi uma vez, tá?! Porque eu acho que é tanta cerveja que se bebe que não dá tempo de gelar.

FS: Hummm ta na presença de Zeca.

FP: A mentira **REAL OFICIAL** daqui

FS: É o Kumon!

FP: É o Kumon, porque eu sou de humanas

FS: Ai, eu tinha que ter pensado nisso

FP: Porque eu nunca fui bem nada, nada de exatas, nada que você pode imaginar.

(*Corpus YouTube*, 2018)¹

(2) F: Eu tô impressionada como você conseguiu trocar de roupa, até agora.

A: A gente rasgou todas as roupas, nem existem mais.

F: Rasgou **REAL**, assim, puxando?

B: E no escuro ainda, naquele calor da emoção.

A: No escuro, no calor do cacete, é muito louco! (*Corpus YouTube*, 2019)²

(3) Hoje deu mais cara de casa ainda, sabe?! Tá mais cara de casa. Já tinha cara, mas agora tá mais cara de casa [risos]. Então, você vê mais organizadinho, a parte lá do closet, a parte do nosso quarto, a cozinha, a sala, tudo, tudo, tudo, os quadros foram pendurados, vocês vão ver tudo no tour, mas hoje foi assim um time pesada, da pesada **REAL**: os pais do Pedro, minha mãe, a galera da Gouvernance, então assim, Top! (*Corpus YouTube*, 2019)³

(4) R: Como que é engraçado, né, tipo isso, igual você tava falando de tempo, na minha cabeça não penso, tipo, igual, tipo com essa profundidade, sabe, porque na minha vivência, ainda bem que foi tudo muito mais tranquilo, sabe?!

M: Como foi seus pais com você?

R: Ah! Eu tive muita sorte, amiga! Muita sorte, tipo assim, muito! E eu agradeço, agradeço todos os dias, **REAL**, porque eu sei que, infelizmente, essa não é a realidade, sabe?! No começo sempre tem aquele atrito né, tipo: “Meu deus! Saiu da boca dele, realmente é”, sabe?! Mas foi passando tempo e eu sinto que minha família tem a cabeça muito aberta. (*Corpus YouTube*, 2019)⁴

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Vt12YHik8s&t=1s>. Acesso em: 8 jun. 2019.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6lC0gPE6QVo>. Acesso em: 10 out. 2019.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T-gKHPEpPUY&t=1s>. Acesso em: 28 jan. 2019.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5HJPje5ULPI>. Acesso em: 19 out. 2019.

No exemplo (1), “real” e “oficial” atuam juntos, com função adjetival, tendo como escopo o sintagma nominal “a mentira”; já em (2), “real” desempenha função adverbial, modalizando a ação expressa por “rasgou”; em (3), o sintagma adjetival “da pesada” é o escopo da modalização realizada por “real”; por fim, em (4), o conteúdo veiculado por toda a proposição, ou seja, “E eu agradeço, agradeço todos os dias” é modalizado por “real”. Desse modo, pretendemos demonstrar, neste trabalho, de que maneira as construções analisadas revelam um posicionamento (inter)subjetivo do falante com atitude modalizadora epistêmico-asseverativa.

A escolha pelas construções com “real” e “real oficial” como objetos de investigação deve-se às seguintes razões: (i) são elementos difundidos na oralidade na sincronia atual; (ii) não existem trabalhos já realizados acerca, especificamente, de tais construções; (iii) embora haja outros trabalhos acerca da modalização epistêmico-asseverativa sob diferentes perspectivas, nenhum deles se propôs a tratar desses elementos sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso; além disso, (iv) nenhum trabalho, até o momento, propôs uma rede que relacionasse as diferentes construções aqui analisadas em níveis de hierarquia e esquematicidade.

Nesse contexto, as seguintes hipóteses norteiam nosso estudo: (a) “real” e “real oficial” cumprem novos propósitos comunicativos na língua que diferem de seu uso convencional como adjetivos e (b) as construções com “real” e “real oficial”, no *corpus* analisado, constituem pareamentos forma-função na língua.

Para tratar de tal fenômeno linguístico, assume-se, na segunda seção, a abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso, perspectiva que considera o uso real da língua, coadunando princípios do funcionalismo clássico norte-americano e princípios de natureza cognitivista – em especial os que norteiam a Gramática de Construções. Sob essa abordagem teórica, a língua é entendida como um inventário de construções, organizadas em rede, de maneira hierárquica, a partir de níveis esquemáticos. Como construções, entendemos, assim como Goldberg (2016), os pareamentos forma-função.

No que se refere ao tratamento dos níveis de hierarquia, a partir da propriedade da esquematicidade, tomamos como base o modelo teórico proposto por Traugott e Trousdale (2013). Embora este tenha sido desenvolvido para o estudo da mudança linguística diacrônica, tal modelo nos fornece subsídios para a investigação de construções sob a ótica sincrônica, no que tange à (a) organização

das construções em níveis de abstração em uma rede e à (b) compreensão de como a constante renovação do sistema o (re)estrutura e é por ele afetada.

Nesse sentido, de forma mais específica, nossos objetivos são (i) descrever os pareamentos forma-função das construções modalizadoras epistêmico-asseverativas com “real” e “real oficial”, a fim de identificar os três níveis de esquematicidade propostos por Traugott e Trousdale (2013) – esquema, subesquema e microconstrução –; e (ii) propor uma rede construcional que relacione os diferentes padrões construcionais identificados de forma hierárquica.

Para tanto, na terceira seção deste trabalho, abordamos dois conceitos fundamentais que sustentam a análise empreendida, a saber: modalização e focalização. Nesse contexto, versamos sobre a modalização a partir das proposições de Coates (1983), Saint Pierre (1991), Lyons (1997), Neves (2000, 2013), Givón (2001), Palmer (2001), Koch (2002) e Castilho (2010); e sobre a noção de focalização nos termos de Pezatti (1994), Gonçalves (1998), Travaglia (2006) e Langacker (2008).

Ainda, a fim de cumprirmos os objetivos propostos neste trabalho, nossa análise se realiza a partir do equacionamento entre a análise qualitativa dos dados e o cálculo da frequência de uso (CUNHA LACERDA, 2016). Para a análise qualitativa dos dados, principalmente acerca do escopo da modalização, contamos com o recurso do *software* Praat⁵ no que se refere à prosódia, conforme demonstrado na seção de procedimentos metodológicos. Nesse contexto, a verificação da presença ou ausência de *break*⁶ entre o escopo da modalização e “real” e “real oficial” oferece indícios que colaboram na identificação e categorização das construções nos subesquemas.

As ocorrências investigadas foram coletadas de excertos transcritos de vídeos da plataforma YouTube, os quais datam do período compreendido entre 2017 e 2020. Logo, nossa atenção volta-se ao *status* construcional de “real” e “real oficial” na sincronia atual, ao expressar o posicionamento modalizador do locutor com atitudes direcionadas à interação e ao interlocutor.

Portanto, este trabalho organiza-se da seguinte maneira: na segunda seção, apresentamos o aporte teórico em que está pautada a pesquisa por nós

⁵ Um *software* de análise acústica, desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink, do “Institut of Phonetics Sciences” da Universidade de Amsterdam.

⁶ Entendemos o *break* como uma pausa, isto é, como um elemento que compõe o “limite prosódico” ou “limite de frase entoacional”, nos termos de Bögels *et al* (2011, p. 424).

desenvolvida, no que se refere à instanciamento de construções modalizadoras formadas por “real” e “real oficial” no *corpus* analisado; na terceira seção, versamos sobre as noções de modalização e focalização; na quarta, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho; e, na seção de análise, descrevemos os pareamentos forma-função que compõem o esquema, os subesquemas e as microconstruções com “real” e “real oficial” e apresentamos nossa proposta de rede construcional. Por fim, realizamos as considerações finais.

2 A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA GRAMÁTICA NO CONTEXTO DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

O objetivo desta seção é apresentar o aporte teórico em que está pautada a pesquisa por nós desenvolvida no que se refere à instanciação de construções modalizadoras formadas por “real” e “real oficial” no *corpus* analisado. Assumimos, para tanto, a abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso – doravante, também LFCU – (BYBEE, 2010; MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013; BISPO; SILVA, 2016; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016).

Nesse contexto, apresentamos a visão de língua e gramática adotada nesta pesquisa, partindo de uma perspectiva que destaca a importância da intenção do falante ao usar o sistema linguístico de acordo com seus propósitos comunicativos. Sob essa perspectiva, assume-se que a gramática de uma língua está em constante renovação e se refaz por meio de mudanças a partir da necessidade dos falantes. Ademais, a língua é entendida como sendo resultado de processos linguísticos, socioculturais e cognitivos, constituindo um inventário de construções – ou pareamentos forma-função –, organizadas em rede, as quais estabelecem entre si relações hierárquicas.

Nesse sentido, apresentamos, nesta seção, de modo breve, os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso. Na seção 2.1., abordamos (i) a noção de gramática emergente, (ii) a visão funcionalista de língua e (iii) os processos cognitivos gerais envolvidos na produção de sentido na interação comunicativa. Adotando uma visão de gramática constituída por construções, na seção 2.2., argumentamos acerca dessa perspectiva, apresentamos as principais definições de construção com base nas proposições de Croft (2001), Goldberg (1995, 2016) e Traugott e Trousdale (2013), bem como suas contribuições à LFCU. Já na seção 2.3., apresentamos o modelo de Traugott e Trousdale (2013), discutindo os mecanismos, as motivações e as propriedades construcionais, e abordamos as noções de subjetivização e intersubjetivização. Por fim, na seção 2.4., sistematizamos as conclusões a que chegamos a partir das discussões empreendidas.

2.1 LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

A comunicação entre os seres humanos realiza-se, primordialmente, por meio da língua, e essa interação não se dá de maneira isolada e descontextualizada. Ao contrário, situa-se em um espaço, uma situação e um tempo específicos, visto que os indivíduos estão inseridos em um contexto sócio-histórico e cultural. Dito de outra maneira, a língua é instrumento de comunicação e interação. Além disso, os falantes são dotados de capacidades biológicas que os tornam capazes de experimentar o mundo e, dessa mesma forma, usar a língua para projetar seus pensamentos e propósitos. Portanto, são seres dotados de intenções e desejos, que expressam por meio da língua suas vontades. Na mesma direção, Martelotta (2011, p. 72) entende que a compreensão do outro “como um *ser intencional* é crucial no aprendizado cultural humano e, conseqüentemente, na aquisição da linguagem”.

O modo como o falante utiliza o sistema linguístico, a fim de se comunicar, está relacionado à maneira como ele interpreta o mundo ao seu redor. Ademais, como já mencionado, subjacente ao que é expresso, há uma intenção, e, a depender desse objetivo comunicativo, consciente ou inconscientemente, o locutor faz escolhas linguísticas com o intuito de alcançar seu objetivo em direção ao interlocutor. Nas palavras do mesmo autor, “os falantes tendem a adaptar sua fala aos diferentes contextos de comunicação [...]” (MARTELOTTA, 2011, p. 61). Nesse sentido, a língua viabiliza a comunicação entre os seres humanos. A atenção a esse aspecto funcional da língua como ferramenta de comunicação materializada na interação real tem sido difundida e fortalecida ao longo do tempo entre os estudiosos.

É nesse contexto que o diálogo com estudos cognitivistas e a relevância da incorporação de aspectos relacionados a situações de uso real da língua às pesquisas, considerando o contexto histórico-social, têm norteado as abordagens linguísticas mais recentes, trazendo uma reflexão mais abrangente acerca da constituição e da organização da língua. Entre essas correntes atuais encontra-se a Linguística Funcional Centrada no Uso. Assim como o nome sugere, a LFCU leva em conta a função comunicativa dos elementos linguísticos a partir do uso, sendo esse um fator substancialmente capaz de interferir no modo como a língua se organiza. Essa abordagem é condizente com o objetivo deste trabalho, em que se observa, por meio da oralidade e da interação por redes sociais, a emergência de

uma construção modalizadora epistêmico-asseverativa com “real” e “real oficial” que cumpre novos propósitos comunicativos na língua. Conforme apresentamos na análise empreendida neste trabalho, o falante lança mão de um novo padrão construcional a fim de ser mais expressivo, revelando, assim, um grau elevado de engajamento em relação ao enunciado.

Sob a ótica da LFCU, a língua é concebida como sendo resultado de processos linguísticos, socioculturais e cognitivos. Nesse contexto, o sistema linguístico é entendido como um inventário de construções organizadas em rede, as quais estabelecem entre si relações hierárquicas.

Nessa compreensão de língua como resultado de processos de diferentes naturezas (cognitivos, linguísticos, históricos, sociais e contextuais), a língua está em constante mudança, mostrando-se como um eterno processo que se constrói no ato comunicativo. Acerca da noção de “gramática emergente”, Hopper (1987, p. 142, tradução nossa) sugere que

[...] a estrutura ou regularidade provém do discurso e é moldada por ele nesse processo em progresso, conseqüentemente, a gramática não é para ser entendida como pré-requisito para o discurso, como algo atribuível *a priori* de forma idêntica ao falante e ao ouvinte. Ademais, suas formas não são modelos fixos, ao contrário, são negociáveis na interação face a face de modo que reflete a experiência prévia individual do falante e sua perspectiva em relação ao contexto atual, incluindo especialmente os interlocutores, cujas experiências e perspectivas podem ser diferentes. Além disso, o termo “gramática emergente” aponta para uma gramática que não é formulada e representada de forma abstrata, mas, sim, ancorada no enunciado.⁷

Sendo assim, a gramática de uma língua não está pronta; ao contrário, constrói-se por meio de seu uso contínuo. Tomando como base o caráter emergente da língua em contextos específicos de uso, três princípios desenvolvidos no âmbito

⁷ C.f.: “The notion of Emergent Grammar is meant to suggest that structure, or regularity, comes out of discourse and is shaped by discourse as much as it shapes discourse in an on-going process. Grammar is hence not to be understood as a pre-requisite for discourse, a prior possession attributable in identical form to both speaker and hearer. Its forms are not fixed templates but are negotiable in face-to-face interaction in ways that reflect the individual speakers' past experience of these forms, and their assessment of the present context, including especially their interlocutors, whose experiences and assessments may be quite different. Moreover, the term Emergent Grammar points to a grammar which is not abstractly formulated and abstractly represented, but always anchored in the specific concrete form of an utterance.”

do funcionalismo clássico, de vertente norte-americana⁸, mostram-se como fundamentais à LFCU. São eles: (i) a constante reestruturação do sistema linguístico a partir do uso em interações reais; (ii) a investigação da língua pautada tanto na gramática quanto no discurso; e (iii) a relação estreita entre formas e funções linguísticas. Esses pressupostos também são compartilhados por cognitivistas, dentre os quais destacamos: George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore, Gilles Fauconnier, Joan Bybee.

No que diz respeito à Linguística Cognitiva, segundo Ferrari (2016, p. 14), esta assume

[...] que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição. Assim, o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado.

Em outras palavras, o significado linguístico constrói-se a partir da experiência do indivíduo no mundo, ou seja, a maneira como o indivíduo interpreta o mundo em seu entorno, por meio de processos de domínios gerais – não estritamente linguísticos –, tem relação estrita com a emergência de novos padrões construcionais na língua.

Bybee (2016) arrola quatro desses principais processos cognitivos, os quais abrangem a língua e se mostram fundamentais à Linguística Cognitiva. São eles: categorização, memória enriquecida, *chunking* e analogia. Nesse cenário, segundo a autora, a categorização seria a capacidade cognitiva mais básica do ser humano, a partir da qual a língua, inclusive, se estabelece.

A categorização, desse modo, faz parte da produção de significado por meio da cognição humana. Nesse contexto, o indivíduo experiencia o mundo e o categoriza a partir de sua interpretação por meio da língua. Bybee (2016, p. 26) associa esse processo

⁸ De maneira abrangente, o Funcionalismo refere-se aos estudos linguísticos cuja principal preocupação volta-se à funcionalidade da língua, à compreensão das estruturas linguísticas para fins comunicativos. Dentre diferentes modelos e versões, as vertentes europeia e norte-americana se sobressaem. Destacamos Talmy Givón, Paul Hopper e Sandra Tompson como autores expressivos na linha de pesquisa norte-americana. No Brasil, como já mencionado, alguns princípios da vertente estadunidense são relevantes à LFCU.

[...] à similaridade ou emparelhamento de identidade que ocorre quando palavras e sintagmas, bem como suas partes componentes, são reconhecidos e associados a representações estocadas. As categorias resultantes são a base do sistema linguístico, sejam elas unidades sonoras, morfemas, palavras, sintagmas ou construções.

A maneira como as categorias são armazenadas faz-se relevante aos estudos cognitivistas e ao processamento linguístico. Segundo a visão cognitivista assumida por Bybee (2016), as categorias linguísticas são estocadas como memória enriquecida, ou seja, constituem detalhes da experiência do indivíduo com a língua a partir de níveis distintos de análise (fonético, sintático, contextual, entre outros), os quais são agrupados em feixes de memória. Segundo essa perspectiva, a noção de exemplaridade exerce um importante papel. A esse respeito, a autora considera que representações exemplares

[...] contêm, ao menos potencialmente, toda a informação que o usuário da língua pode perceber na experiência linguística. Essa informação consiste de detalhe fonético, incluindo traços redundantes e variáveis, de itens lexicais e construções usados, de significado, de inferências feitas a partir desse significado e do contexto, e de propriedades do contexto social, físico e linguístico. (BYBEE, 2016, p. 35)

As unidades provenientes das experiências linguísticas dos indivíduos são construídas e acessadas de maneira particular. Sob a ótica cognitivista, o processo de combinação de unidades mais simples com propósito de formar outras mais complexas é denominado *chunking* – ou *chunk*. Newell (1990, p. 7, tradução nossa) considera que o *chunk*

[...] é uma unidade de organização da memória formado por conjuntos de *chunks* já estabelecidos e agrupados em uma unidade maior. O *chunking* implica a capacidade de construir tais estruturas recursivamente, desse modo, levando a uma organização da memória de forma hierárquica. O *chunking* parece ser um recurso onipresente na memória humana.⁹

⁹ C.f.: “A chunk is a unit of memory organization, formed by bringing together a set of already formed chunks in memory and welding them together into a larger unit. Chunking implies the ability to build

No que se refere ao contexto linguístico, Bybee (2016, p. 26) também considera que o *chunking*

[...] é básico para a formação de unidades sequenciais expressas como construções, constituintes e expressões formulaicas. Sequências repetidas de palavras (ou morfemas) são embaladas juntas na cognição de modo que a sequência possa ser acessada como uma unidade simples. É a interação de *chunking* com categorização que dá a sequências convencionais graus variados de analisabilidade e composicionalidade.

A relação entre cognição e uso efetivo da língua, assumida no âmbito da LFCU, pode ser verificada, por exemplo, a partir dos conceitos caros a essa corrente, tais como: iconicidade, marcação, plano discursivo e informatividade.

Furtado da Cunha *et al.* (2015, p. 21) definem a iconicidade como sendo “a correlação natural entre forma e função, entre o código linguístico (expressão) e seu *designatum* (conteúdo)”. Em outras palavras, haveria uma motivação subjacente ao modo como a língua é estruturada na situação comunicativa. Sob esse ponto de vista, defende-se que a língua não é arbitrária, uma vez que ela reflete a maneira como o indivíduo categoriza e conceptualiza o mundo. A iconicidade, portanto, diz respeito à relação entre o aparato cognitivo e a experiência que o falante constrói com o mundo e, conseqüentemente, com a língua. Além disso, Givón (1984 *apud* Furtado da Cunha *et al.*, 2015) classifica a iconicidade em três subprincípios, a saber: o da quantidade, o da integração e o da ordenação linear. Em suma, sob essa ótica, a relação icônica entre os elementos e sua representação linguística é medida pela quantidade de informação, pelo grau de integração entre os componentes e pela ordenação desses. Em outras palavras, o modo como as estruturas linguísticas são recrutadas e ordenadas no discurso, de alguma forma, reflete como seus referentes são conceptualizados. Nesse sentido, o grau de complexidade, de integração e o de relevância dos segmentos interferem na codificação linguística desses. Sendo assim, quanto mais complexa for uma estrutura, mais material linguístico será necessário para sua representação;

up such structures recursively, thus leading to a hierarchical organization of memory. Chunking appears to be a ubiquitous feature of human memory.”

cognitivamente, quanto mais próximos estiverem os elementos, mais adjuntos sintaticamente estarão dispostos; e, quanto à ordem, elementos mais importantes tendem a aparecer primeiro.

No que se refere à marcação, esta se apresenta como categorias binárias ancoradas no contexto. Sendo assim, nas palavras de Furtado da Cunha (2016, p. 170), a marcação refere-se ao

[...] contraste entre dois elementos de uma dada categoria linguística, seja ela fonológica, morfológica ou sintática. Um entre dois elementos que se opõem é considerado marcado quando exibe uma propriedade ausente no outro membro, considerado não marcado.

Como já é de conhecimento, a maneira como o falante utiliza a língua é um reflexo de processos cognitivos que revelam como ele conceptualiza o mundo. Dessa forma, a maneira como o material linguístico organiza-se na interação faz-se relevante. O falante focaliza o que julga ser mais importante e, a depender de seus propósitos comunicativos, organiza a língua de forma que o interlocutor volte sua atenção ao objeto desejado. Um fundamento cognitivo subjacente à ordenação dos elementos linguísticos é o de plano discursivo, e noções como a de figura e a de fundo são fundamentais. Postula-se como figura o(s) elemento(s) mais importante(s), enquanto coloca-se como pano de fundo da cena aquilo que não é julgado como saliente pelo locutor. Em termos linguísticos, a transitividade, por exemplo, configura um recurso disponível para a organização da língua que é favorável à focalização discursiva. Sob uma noção mais tradicional da gramática, a transitividade era propriedade dos verbos; entretanto, sob a perspectiva funcionalista, de acordo com Hopper e Thompson (1980), a transitividade está ancorada em dez parâmetros relativos à sintaxe e à semântica para fins de focalização. Nesse sentido, alguns elementos que compõem a construção carregam essa transitividade, a saber: os participantes, a cinesis, o aspecto, a pontualidade, a intencionalidade, a polaridade, a modalidade, a agentividade, o afetamento e a individuação. Acerca dessa ideia, Furtado da Cunha *et al.* (2015, p. 31) consideram que

[...] a transitividade oracional está relacionada a uma função pragmática. O modo como o falante organiza seu texto é determinado, em parte, pelos seus objetivos comunicativos e, em parte, pela sua percepção das necessidades do seu interlocutor. Nesse sentido, o texto narrativo apresenta uma distinção entre o que é central e o que é periférico. Para que a comunicação se processe satisfatoriamente, ou seja, para que os interlocutores possam partilhar a mesma perspectiva, o emissor orienta o receptor a respeito do grau de centralidade e de perifericidade dos enunciados que constituem seu discurso. Em termos da estrutura do texto narrativo, ou de *planos discursivos*, a divisão entre central e periférico corresponde à distinção entre *figura e fundo*.

O falante organiza seu discurso a partir do modo como conceptualiza o mundo por meio de processos cognitivos gerais. A depender dos objetivos comunicativos, o locutor (re)organiza sua fala, orientando a interpretação do interlocutor, de maneira a salientar certos elementos em detrimento de outros.

Ainda no que se refere à atenção com o ato comunicativo, outro aspecto relevante é a informatividade, que diz respeito à quantidade e à qualidade de informação transmitida. Em outras palavras, a informatividade refere-se ao conhecimento partilhado ou supostamente partilhado entre os participantes da interação.

Dessa maneira, o falante expõe suas ideias e pensamentos não de forma aleatória, mas, sim, segundo seus propósitos comunicativos e por meio de processos cognitivos inerentes aos seres humanos. Portanto, a cognição desempenha papel relevante na estruturação e organização da língua.

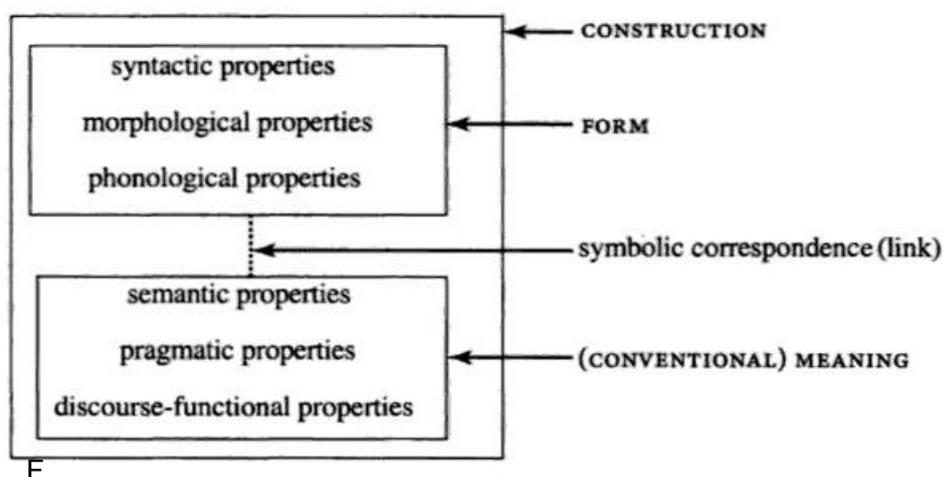
Fundamentada na Linguística Cognitiva, a Gramática de Construções preocupa-se em demonstrar como os aspectos cognitivos envolvidos na produção de sentido interferem na organização da língua. Segundo Bybee (2016), para pensar a língua como fruto da organização cognitiva da experiência humana, seria necessário levar em conta o conceito de construção como sua unidade básica. Segundo Bybee (2016, p. 28), “a ideia crucial por trás da construção é que ela é um pareamento direto entre forma e significado que tem estrutura sequencial e pode incluir posições que são tanto fixas quanto abertas”.

De acordo com Croft (2001), em sua obra *Radical Construction Grammar*, as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas estão associadas à forma de uma construção, enquanto as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-

funcionais estão relacionais ao seu significado. Segundo essa visão, a construção é uma unidade convencional e simbólica. Essa unidade básica da gramática faz-se convencional à medida que é compartilhada por uma comunidade linguística, e simbólica, ao ser constituída por um elo de correspondência entre a forma e o significado.

A gramática de Croft (2001) está interessada na relação estabelecida entre descrição gramatical e tipologia linguística. Para o autor, a construção configura-se como unidade básica da gramática, além de ser específica à língua. Nesse sentido, a *Radical Construction Grammar* é fundamentada no mapeamento entre a forma e o significado linguístico. Sob essa perspectiva construcional, os signos e símbolos podem ser estruturas formais complexas, e não só unidades atômicas como palavras e morfemas. Nesse contexto, Croft (2001, p. 18) propõe a seguinte representação simbólica de uma construção:

Figura 1 – Representação da construção por Croft (2001, p.18)



Fonte: Croft (2001)

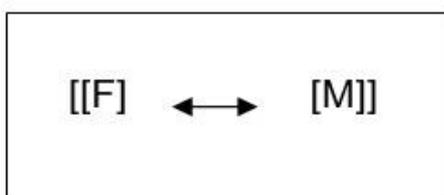
Mais recentemente, nos termos de Goldberg (2016)¹⁰, o termo construção tem sido entendido como um pareamento de forma e função convencionalizado na língua. Desse modo, a autora propõe o termo “função” para determinar a parte do

¹⁰ Goldberg (2016) propôs o termo “função” para indicar as propriedades semântica, pragmática e discursivo-funcionais da construção em sua apresentação no workshop “*A constructionist approach to language*”, no XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (4 a 7 de julho de 2016, UFRJ, no Rio de Janeiro).

“sentido” ou “significado”, anteriormente denominada, por ser um termo mais abrangente. Assim, assumimos, neste trabalho, a noção de construção como um pareamento entre forma e função.

A visão construcional de gramática também é adotada por outros autores, como Traugott e Trousdale (2013). Nesse sentido, os autores também entendem a língua como uma rede composta por construções hierarquicamente organizadas. Entretanto, fazem sua representação construcional da seguinte maneira:

Figura 2 – Construção nos termos de Traugott e Trousdale (2013, p.8)



Fonte: Traugott e Trousdale (2013)

Na representação construcional de Traugott e Trousdale (2013), F representa a forma e M, o significado. Assim como no modelo de Croft (2001), estes autores assumem as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas como relacionadas à forma e as semânticas, pragmáticas e discurso-funcionais como associadas ao significado. Em relação às propriedades discursivas, Traugott e Trousdale (2013) referem-se ao papel que a construção desempenha no discurso.

Além disso, Traugott e Trousdale (2013) atribuem como dimensões relevantes das construções (a) o tamanho, (b) a especificidade fonológica e (c) o tipo de conceito. Todas essas dimensões devem ser pensadas em termos de graus. No que se refere ao tamanho, a construção configura-se em uma escala desde níveis mais atômicos até os mais complexos. Conseqüentemente, o grau de especificidade também vai variar desde construções mais específicas até as mais gerais, com níveis intermediários. Já em relação ao tipo de conceito, por não haver distinção rígida entre gramática e léxico, os autores postulam dois tipos de construções: a procedural e a de conteúdo. A procedural diz respeito à construção que estabelece relação linguística, e a de conteúdo diz respeito à dimensão referencial da construção.¹¹

¹¹ Retomamos os tipos de construções na seção 1.3.

Embora haja diversos modelos de Gramáticas de Construções, tais como as propostas por Hans Boas, Ronald Langacker, Charles Fillmore e Paul Kay, entre outros, todas partilham a mesma premissa de que a construção é a unidade básica que constitui a gramática. Do mesmo modo, modelos como os de William Croft e Adele Goldberg tomam a construção como unidade básica, além de assumirem os componentes cognitivos envolvidos nos processos de estruturação da língua como fatores relevantes. Nessa mesma direção, além de considerar a cognição na construção da língua, Traugott e Trousdale (2013) propõem propriedades construcionais significativas que influenciam a organização da língua como um todo integrado.

2.2 O MODELO DE TRAU GOTT E TROUSDALE (2013)

A língua não é estática, mas, sim, passível de modificação de qualquer natureza (fonética, morfológica, sintática, lexical, semântica, pragmática etc.). Tais mudanças têm sua origem no uso linguístico contextualizado histórica e socialmente, ou seja, a língua é moldada no e pelo uso.

A partir de uma visão construcional da gramática dos falantes, faz-se necessário pensar em uma abordagem que trate a mudança linguística sob esse mesmo ponto de vista. Nessa direção, os autores Traugott e Trousdale (2013), a partir de princípios fundamentais da Gramática de Construções, tal como a partir da concepção de língua como um inventário de construções organizadas em rede hierarquicamente, propõem um modelo que explique a mudança linguística com base em processos cognitivos gerais.

Sob essa perspectiva, os três pressupostos que sustentam esse modelo são os seguintes: (i) a relação entre o que é universal e o que há de idiossincrático na gramática de cada língua, (ii) o construto como o *locus* da mudança e (iii) a distinção entre mudança e inovação.

Acerca das idiossincrasias, os autores postulam que

[...] enquanto certas propriedades da gramática, tais como as redes, a organização hierárquica e por herança, podem ser universais e serem compartilhadas por outros sistemas cognitivos, a gramática, em si, compreendida como conhecimento de um sistema linguístico,

é específica da língua, ou seja, está ligada à estrutura de uma língua particular, como o inglês, o árabe ou o japonês. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 2, tradução nossa)¹²

Acerca da mudança, os autores entendem que ela acontece em curso, no uso, e que o *lócus* é o construto, uma instância de uso. Além disso, defendem a distinção entre mudança e inovação. Em suas palavras, a inovação é produto de uma mente específica, individual, particular, constituindo-se apenas como um potencial de mudança. Para que uma inovação se torne, de fato, uma mudança, deve haver a sua replicação por parte dos falantes, resultando em uma convencionalização.

Além dos pressupostos acima apresentados, o modelo de Traugott e Trousdale (2013) preocupa-se, ainda, em explicar a mudança linguística a partir de duas dimensões, a saber: a da construcionalização e a da mudança construcional, que ocorrem tanto no léxico quanto na gramática.

Segundo o modelo, a construcionalização constitui um processo de mudança linguística que tem como resultado um novo nó na rede, um novo pareamento forma-sentido; já a mudança construcional diz respeito a transformações internas na construção, as quais não levam a um novo nó na rede, ou seja, não há a criação de um novo pareamento.

No que se refere à mudança linguística por meio da construcionalização, os autores concebem que esta tem como resultado

[...] a criação de novos (combinações de) signos forma_{nova}-significado_{novo}. Formam-se novos nós, que apresentam nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado na rede linguística em uma comunidade de fala. Está acompanhado por mudanças no grau de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e, sendo assim, é gradual. Do mesmo modo, novas microconstruções também podem ser criadas gradualmente, porém, também podem ocorrer de forma instantânea. As microconstruções resultantes desses micropassos tendem a ser de caráter procedural, enquanto as resultantes de processos instantâneos tendem a ser de

¹² C.f. “[...] while certain properties of grammar, such as networks, hierarchic organization and inheritance, may be universal, and shared with other cognitive systems, grammar itself, understood as knowledge of a linguistic system, is language-specific, that is, it is tied to the structure of an individual language such as English, Arabic, or Japanese.”

conteúdo. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22, tradução nossa)¹³

Portanto, a construcionalização constitui tanto o processo de mudança quanto o resultado da criação de novos pareamentos. As novas construções, por sua vez, apresentam novas propriedades sintáticas, morfológicas e semântico-pragmáticas e são incorporadas à rede linguística por uma comunidade de fala. Esse processo pode ocorrer de forma gradativa ou instantânea, acompanhado de alterações na esquematicidade, produtividade e composicionalidade das construções – propriedades construcionais que são discutidas adiante. As microconstruções criadas por meio de pequenos passos tendem a ser procedurais (relacionais, gramaticais), enquanto as de conteúdo (referenciais, lexicais) tendem a ser criadas de maneira instantânea. Portanto, as adaptações do sistema linguístico ocorrem tanto na gramática quanto no léxico.

Sob a perspectiva cognitivo-funcional, postula-se, ainda, a não distinção rígida entre a gramática e o léxico, os quais se acomodam em um contínuo. Nesse sentido, o que se torna mais relevante é o tipo de complexidade interna de cada construção.

No tocante às mudanças construcionais, os autores compreendem que estas são alterações na estrutura interna da construção, as quais não têm, necessariamente, como resultado a criação de um novo pareamento na língua. Segundo eles, “uma mudança construcional é uma mudança que afeta uma dimensão interna da construção e não envolve a criação de um novo nó” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 26, tradução nossa).¹⁴

A concepção mais abrangente de língua como um todo integrado e organizado é base para a compreensão da mudança, tal como sugerem os autores. É nesse contexto que os autores propõem as seguintes propriedades construcionais envolvidas nos processos de mudança linguística: composicionalidade, esquematicidade e produtividade. Tais propriedades se relacionam diretamente à construção e à maneira como a língua se organiza e se transforma.

¹³ C.f.: “Constructionalization is the creation of form_{new}-meaning_{new} (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity, and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual. New micro-constructions may likewise be created gradually, but they may also be instantaneous. Gradually created micro-constructions tend to be procedural, and instantaneously created micro-constructions tend to be contentful”.

¹⁴ C.f.: “A constructional change is a change affecting one internal dimension of a construction. It does not involve the creation of a new node”.

Acerca dos aspectos composicionais das construções, os autores entendem que estes se relacionam ao grau de transparência dos elementos que formam a construção. Em outras palavras, essa propriedade relaciona-se à maneira como o interlocutor produz sentido a partir de uma construção. A construção é transparente ou composicional quando o sentido do todo pode ser depreendido a partir da soma de sentido de cada um de seus componentes.

Por outro lado, a composicionalidade é fraca em construções que têm sentidos mais idiomáticos, ou seja, cujo sentido do todo não resulta da soma de sentido de cada uma das partes. Nos termos de Traugott e Trousdale (2013, p. 19, tradução nossa), “a composicionalidade está relacionada ao quanto o elo entre forma e significado é transparente”¹⁵. Nesse sentido, os autores acrescentam que

sob uma perspectiva construcional, a composicionalidade é mais bem entendida em termos de *match* ou *mismatch* entre os aspectos das formas e os do significado (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 19, tradução nossa)¹⁶

O *match* diz respeito à correspondência entre a função e a forma da construção, e o *mismatch* ocorre quando há uma incompatibilidade entre essas duas dimensões. Tanto o *match* quanto o *mismatch* realizam-se na interação comunicativa. Ao criar uma nova construção, o falante neoanalisa uma forma com uma nova função. E tal *mismatch* é resolvido na interação quando o interlocutor, por meio de inferência sugerida pelo contexto, apreende o novo uso.

Já a propriedade da esquematicidade está relacionada ao grau de generalidade e/ou de especificidade de uma construção. Existem construções mais gerais, as quais exprimem mais possibilidades de preenchimento, a saber, *slots*. Estas se configuram como construções mais esquemáticas.

Segundo os autores,

a esquematicidade é uma propriedade de categorização a qual envolve, essencialmente, abstração. Um esquema é generalização taxonômica de categorias, linguísticas ou não (TRAUGOTT E TROUSDALE 2013, p. 13, tradução nossa)¹⁷

Além disso, os autores complementam que, sob sua perspectiva linguística, “esquemas são grupos de construções abstratas, semanticamente gerais, quer

¹⁵ C.f.: “Compositionality is concerned with the extent to which the link between form and meaning is transparent.”

¹⁶ C.f.: “From a constructional point of view, compositionality is best thought of in terms of match or mismatch between aspects of form and aspects of meaning.”

¹⁷ C.f.: “Schematicity is a property of categorization which crucially involves abstraction. A schema is a taxonomic generalization of categories, whether linguistic or not.”

procedural ou de conteúdo”¹⁸ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 14, tradução nossa).

De acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 14, tradução nossa), “o grau de esquematicidade diz respeito aos níveis de generalidade ou especificidade à medida que as partes da rede são mais detalhadas.”¹⁹. A partir desse entendimento, os autores postulam três níveis de esquematicidade baseados em graus de abstração. Na posição mais elevada na representação da rede construcional, postula-se o esquema, que constitui uma construção mais abstrata e com mais possibilidades de preenchimento. Em um nível inferior, situam-se os subesquemas, que são de natureza parcialmente esquemática e reúnem microconstruções com características similares. Esses níveis de abstração estão relacionados à frequência *type*, enquanto os construtos são associados à frequência *token*. Os construtos, que constituem o *locus* da mudança, são as ocorrências empiricamente atestadas na interação.

Outra propriedade relevante para esse modelo é a da produtividade, que se relaciona à frequência, à extensibilidade e ao potencial de uma construção para gerar novos pareamentos forma-função na língua.

Todas as referidas propriedades construcionais são inter-relacionadas. E nos processos de mudança linguística, de natureza gramatical ou lexical, tais propriedades podem ser verificadas. Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 193, tradução nossa), essa relação pode ser esquematizada da seguinte maneira:

¹⁸ C.f.: “In our view linguistic schemas are abstract, semantically general groups of constructions, whether procedural or contentful.”

¹⁹ C.f.: “Degrees of schematicity pertain to levels of generality or specificity and the extent to which parts of the network are rich in detail.”

Quadro 1 – Esquematicidade, produtividade e composicionalidade na construcionalização gramatical e lexical (reproduzido de Traugott e Trousdale, 2013, p. 193, tradução nossa)

Esquematicidade, produtividade e composicionalidade na construcionalização lexical e gramatical		
	Construcionalização lexical	Construcionalização gramatical
Esquematicidade	Ampliação do esquema: aumento de esquematicidade Redução do esquema: diminuição de esquematicidade	Aumento de esquematicidade
Produtividade	Ampliação do esquema: aumento de produtividade Redução do esquema: diminuição de produtividade	Aumento de Produtividade
Composicionalidade	Redução de composicionalidade	Redução de composicionalidade

Fonte: Traugott e Trousdale (2013)

Dessa forma, no que diz respeito à construcionalização lexical, a esquematicidade aumenta ou diminui de acordo com a extensibilidade do esquema. O mesmo ocorre com a produtividade, ou seja, à medida que há ampliação do esquema, aumenta-se a produtividade; em contrapartida, se houver redução do esquema, haverá, também, diminuição dessa propriedade. Já na construcionalização gramatical, há um aumento de esquematicidade e de produtividade. No que se refere à composicionalidade, em ambos os tipos de construcionalização – lexical e gramatical – há redução dessa propriedade.

Dado que a língua sofre transformação constante resultante de pressões internas e externas ao sistema, os mecanismos e as motivações para o surgimento de novas construções são temáticas caras aos estudos funcionalistas. Para tal abordagem, a frequência de uso, a analogização e a neoanálise configuram mecanismos de mudança, isto é, possibilitam o processo de transformação das construções.

De acordo com o modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013), a frequência de uso não se configura um mero parâmetro quantitativo, visto que esta interfere diretamente nas propriedades internas da construção, a saber, na esquematicidade, na produtividade e na composicionalidade. No que tange à esquematicidade, quanto mais frequente é uma construção, mais esquemática ela

se torna. Nessa mesma direção, segue a produtividade, visto que construções de alta frequência tendem a ser mais produtivas, ou seja, tendem a servir como exemplares para a criação de novos pareamentos. Por outro lado, com a alta frequência, há a perda de composicionalidade, ou seja, em construções muito frequentes, o processo de produção e apreensão de sentido do todo não se dá pela soma dos significados dos elementos que compõem a construção; pelo contrário, essas construções tendem a adquirir novos sentidos, em diferentes contextos, e a ter seu significado inicial desbotado – *bleaching* semântico. Portanto, a frequência de uso não é somente um recurso metodológico, mas também um mecanismo relevante nos processos de mudança linguística.

Além do mecanismo da frequência de uso, Traugott e Trousdale (2013) tratam dos mecanismos da analogização e da neoanálise. Os autores pontuam uma importante diferenciação entre o “pensamento analógico” e a “analogização”: o primeiro diz respeito à motivação; e o segundo ao mecanismo em si. Segundo os autores, o “pensamento analógico” está mais relacionado aos processos cognitivos, ou seja, à motivação para a mudança, que nem sempre acontece de fato. Em outras palavras, o “pensamento analógico” atua como motivação, possibilitando a mudança; entretanto, nem sempre ocorre o surgimento de um novo pareamento.

Por analogização, Traugott e Trousdale (2013, p. 38, tradução nossa) entendem como “um mecanismo ou processo de mudança que gera combinações entre significado e forma antes inexistentes”²⁰. Sendo assim, novos pareamentos são criados a partir de esquemas já existentes. A partir de exemplares já existentes na língua, combinações entre novas formas e significados se associam a fim de cumprirem novos propósitos comunicativos.

Os autores argumentam, ainda, a favor do termo “neoanálise” em detrimento do termo “reanálise”, usado por Hopper e Traugott (2003 [1993]) e Traugott (2008a, 2009). Para Traugott e Trousdale (2013, p. 36), usar o termo “reanálise” seria inadequado, visto que não seria possível fazer uma ‘re’análise, ou seja, analisar novamente um novo pareamento ainda não internalizado. Nesse sentido, os autores preferem o termo “neoanálise”, cunhado por Andersen (2001), para o mecanismo de mudança que consiste na alteração dos aspectos formais e funcionais da construção-fonte por meio de pequenos passos.

²⁰ Cf.: “analogization is a mechanism or process of change bringing about matches of meaning and form that did not exist before.”

Se há uma mudança em um padrão construcional, há também uma motivação subjacente. O pensamento analógico, a metaforização, a metonimização, a inferência sugerida, a necessidade de expressividade do falante e a sua atenção com a relação interacional – (inter)subjetivização – configuram-se como motivações para a criação de novas construções.

Como já mencionado, o pensamento analógico é uma motivação subjacente aos processos de mudança. Tal processo cognitivo pode ocorrer por meio de transferência de sentidos entre domínios conceptuais distintos ou em contiguidade. Quando essa transferência de sentido acontece entre domínios cognitivos diferentes, tem-se a metaforização – processo de mudança que tende a estabelecer essa transição de significados a partir de sentidos mais concretos em direção a outros mais abstratos. Nas palavras de Martelotta (2011, p. 81),

[...] podemos definir esse processo como um mecanismo de transferência entre domínios de conhecimento, que tende a caminhar no sentido concreto > abstrato. O princípio é relativamente simples: utilizamos conceitos mais fáceis de serem conceptualizados e transmitidos comunicativamente para expressão de valores mais abstratos e, portanto, mais difíceis de serem conceptualizados.

Nessa mesma direção, caminha a metonimização, que, em vez de ocorrer entre domínios distintos, se estabelece em contiguidade de sentido – entendido por Martelotta (2001) como um processo de inferência sugerida. Segundo o autor, os mecanismos metonímicos estão relacionados ao discurso e, portanto, aos “mecanismos que ativam implicaturas associadas ao material linguístico existente em um determinado contexto sintagmático, que é utilizado em uma situação extralinguística particular” (MARTELOTTA, 2011, p. 81).

Na interação, a produção de sentido é construída e negociada pelo falante e pelo interlocutor. É nesse contexto que novos usos podem surgir a partir de implicaturas conversacionais; em outras palavras, o locutor sugere diferentes interpretações para que o interlocutor depreenda o sentido a partir de pistas linguístico-contextuais. Essa nova interpretação pode permanecer somente no nível conversacional ou se espalhar e se convencionalizar, incorporando-se à língua. A esse respeito, Martelotta (2011, p. 83) afirma que

[...] trabalhando com o contexto morfossintático dos elementos linguísticos e com as informações extralinguísticas, falante e ouvinte negociam sentido de maneira interativa, ou seja, o emissor, ao

exercer seu turno comunicativo, sugere que o receptor infira novos sentidos, trabalhando com dados contextuais específicos daquela situação de comunicação.

Outra motivação para que o falante utilize determinada construção em diferentes contextos e/ou crie novos pareamentos para situações específicas deve-se ao fato de sua necessidade de expressividade. Essa necessidade de expressividade relaciona-se à intenção do falante, que parece desejar ser cada vez mais expressivo. Desse modo, o locutor que, por meio da interação, tem a intenção de argumentar, de convencer, de se posicionar, de revelar suas crenças e atitudes, lança mão da criatividade a fim de criar novas construções baseadas em outras já existentes e de cumprir seus propósitos comunicativos. Revelar sua expressividade significa deixar sua marca no discurso, acerca da proposição. Sendo assim, essas marcas individuais relacionam-se à subjetividade do falante; enquanto a maneira como ela se realiza no discurso relaciona-se ao processo de subjetivização.

Nesse sentido, a subjetividade diz respeito à expressão do falante no discurso, ou seja, a sua individualidade revelada em seu posicionamento. Segundo Finegan (1995, p. 1, tradução nossa),

[...] a subjetividade aqui averiguada consiste na expressão do “eu” e na representação da perspectiva ou do ponto de vista do falante (ou, de forma geral, um agente locucionário) no discurso – o que tem sido denominado impressão do falante.²¹

Nesse sentido, ao falar ou escrever, ou seja, ao utilizar o código linguístico com propósitos comunicativos, o locutor deixa, em seu discurso, marcas de sua expressividade. Entretanto, nem sempre esse processo é consciente. Muitas vezes, o falante recruta construções mais adequadas de acordo com seu objetivo comunicativo de forma natural no uso da língua. Além disso, Finegan (1995 p. 1, tradução nossa) acrescenta que a “subjetividade está relacionada ao envolvimento, ao engajamento do agente locucionário em relação ao discurso, à expressão

²¹ C.f.: “[...] the subjectivity explored here concerns expression of self and the representation of a speaker’s (or more generally, a locutionary agent’s) perspective or point of view in discourse – what has been called a speaker’s imprint.”

linguística do falante”²². Por sua vez, a subjetivização diz respeito às estratégias linguísticas para a materialização da subjetividade. Segundo o mesmo autor, a subjetivização diz respeito às “estruturas e às estratégias que as línguas desenvolvem para a realização da subjetividade ou aos processos linguísticos em si” (FINEGAN, 1995, p. 1, tradução nossa)²³, ou seja, à maneira como a subjetividade, ou expressão do falante, é indexada no discurso. Na visão de Traugott (1995, *apud* CUYCKENS *et al.* 2010, p. 10, tradução nossa), a “subjetivização refere-se ao processo semântico-pragmático através do qual significados tornam-se cada vez mais baseados na crença/atitude subjetiva acerca da proposição”²⁴, ou seja, aquilo sobre o que é falado.

Acerca da (inter)subjetivização, Traugott (1995, *apud* CUYCKENS *et al.* 2010) acredita que esse processo surge a partir da subjetividade do falante e revela, ainda, uma preocupação do falante com a relação interacional e/ou com o interlocutor. No que diz respeito às construções modalizadoras analisadas, é possível perceber que há uma preocupação do falante acerca do que é dito; ele se posiciona diante daquilo que ele assume como real e/ou verdadeiro e utiliza estratégias para alinhar a interpretação do interlocutor à sua. Desse modo, o falante modaliza seu discurso a fim de alcançar os objetivos comunicativos.

Vale ressaltar que, ainda no que se refere à construção de sentido mais expressivos e (inter)subjetivos por meio da interação comunicativa, a inferência sugerida é um processo pelo qual novos pareamentos são criados na língua. Traugott e Dasher (2005) entendem que a inferência sugerida surge na interação comunicativa, ou seja, na negociação de sentidos entre o falante e o interlocutor. Nesse sentido, a partir de implicaturas conversacionais, o falante convida o interlocutor a depreender e a interpretar novos significados em contextos específicos. Segundo os autores, a inferência sugerida “elide as complexidades da comunicação na qual o falante/escritor evoca implicaturas e convida o interlocutor/leitor a inferi-las.” (TRAUGOTT; DASHER, 2005, p. 5, tradução nossa)²⁵.

²² C.f.: “Subjectivity concerns the involvement of a locutionary agent in a discourse, and the effect of that involvement on the formal shape of discourse – in other words, on the linguistic expression of self.”

²³ C.f.: “[...] subjectivisation refers to the structures and strategies that languages evolve in the linguistic realisation of subjectivity or to the relevant processes of linguistic evolution themselves.”

²⁴ C.f.: “[...] subjectification refers to a pragmatic-semantic process whereby meanings become increasingly based in the speaker’s subjective belief state/atitude toward the proposition”.

²⁵ C.f.: “[invited inferences] is meant to elide the complexities of communication in which the speaker/writer (SP/W) evokes implicatures and invites the addressee/reader (AD/R) to infer them”

Também, no tocante às construções modalizadoras com “real” e “real oficial”, analisadas nesta pesquisa, é possível perceber um crescente de intersubjetividade. Observamos que, nessas construções, “real” e “real oficial” cumprem novos propósitos comunicativos na língua que diferem de seus usos canônicos como adjetivos e que, desse modo, os usos das construções modalizadoras com “real” e “real oficial” constituem um novo pareamento forma-função na língua. Nesse sentido, nota-se, cada vez mais, um crescente de subjetividade, rumo à (inter)subjetividade, ao revelar uma atenção do falante não só em relação ao conteúdo proposicional, mas também em relação ao modo como este é apresentado, levando em conta o interlocutor. Além disso, com o uso de tais construções, o falante convida o interlocutor a, a partir das implicaturas nos contextos específicos, interpretar novos sentidos por meio do processo de inferência sugerida.

2.3 ENCAMINHANDO ALGUMAS CONCLUSÕES

Nesta seção, apresentamos, de modo sucinto e pontual, algumas das principais premissas da Linguística Funcional Centrada no Uso, abordagem que fundamenta esta pesquisa.

Entendemos a construção como um pareamento entre forma e função interligado por um *link* de correspondência simbólica, nos termos de Croft (2001). Tanto as propriedades formais (fonológicas, morfológicas e sintáticas) quanto as funcionais (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais) contribuem para produção de sentido da construção. No caso das construções analisadas neste trabalho, é possível verificar como aspectos formais – por exemplo, traços suprasegmentais – presentes na prosódia atuam de forma conjunta a características discursivo-funcionais em contextos de modalização.

Assumindo que “real” e “real oficial” têm sido utilizados em contextos de modalização, de maneira a exprimir o posicionamento do locutor em relação ao enunciado, nosso objetivo mais específico, neste trabalho, é descrever os pareamentos forma-função que associam tais construções modalizadoras epistêmico-asseverativas a partir de suas semelhanças, bem como de suas

especificidades. Sendo assim, a abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso nos possibilita compreender o estabelecimento desses padrões inseridos em uma rede construcional organizada de forma hierárquica segundo as propriedades da esquematicidade, da produtividade e da composicionalidade.

A propriedade da esquematicidade nos permite a sistematização de tais construções modalizadoras com “real” e “real oficial” a partir dos níveis esquemáticos propostos por Traugott e Trousdale (2013) – esquema, subesquema e microconstrução –, possibilitando, assim, a proposição de uma rede construcional. Desse modo, a partir de um esquema abstrato comum em que “real” e “real oficial” preenchem o *slot* da modalização, é possível verificar a presença de quatro subesquemas que abrangem as microconstruções.

Assumimos, portanto, que “real” e “real oficial” cumprem novos propósitos comunicativos em contextos de modalização epistêmico-asseverativa. Além disso, entendemos tais construções como sendo de natureza procedural – gramaticais.

Sendo assim, é com base no aporte teórico apresentado nesta seção que analisamos, neste trabalho, como as construções com “real” e “real oficial” se instanciam e se convencionalizam na sincronia atual, por meio da oralidade, em contexto de modalização epistêmica, e discutimos como tais construções estão organizadas em rede.

3 AS NOÇÕES DE MODALIZAÇÃO E FOCALIZAÇÃO

Esta seção tem como objetivo apresentar alguns conceitos fundamentais que servirão de base para a análise empreendida nesta dissertação. Nesse sentido, de modo específico: i) na seção 3.1, tratamos da noção de modalização, com enfoque na modalização epistêmica asseverativa, demonstrando de que maneira as construções analisadas neste trabalho evidenciam essa categoria – para tanto, tomamos as proposições de Coates (1983), Saint Pierre (1991), Lyons (1997), Neves (2000, 2013), Givón (2001), Palmer (2001), Koch (2002), Castilho (2010); ii) na seção 3.2, abordamos a noção de focalização a partir dos postulados de Pezatti (1994), Gonçalves (1998), Travaglia (2006) e Langacker (2008); e iii) na seção 3.3, encaminhamos algumas breves conclusões acerca dos pressupostos discutidos nesta seção.

3.1 MODALIZAÇÃO

Conforme já mencionado na segunda seção deste trabalho, adotamos, nesta pesquisa, uma concepção de língua como resultado de processos cognitivos, histórico-sociais, contextuais e linguísticos. Sob essa perspectiva, a funcionalidade da língua é entendida como estando a serviço dos propósitos comunicativos do falante no momento da interação. Os usuários da língua, a fim de alcançarem seus objetivos comunicativos, utilizam estratégias para se posicionarem, revelarem sua opinião e se comprometerem, ou não, com o que é dito. Uma dessas estratégias diz respeito à modalização do discurso, a qual envolve marcas deixadas pelo falante no ato da enunciação.

A maneira como o material linguístico é disposto na interação – sua ordenação no texto, seu tipo, sua quantidade – constitui a marca que o falante deixa no discurso a depender de sua intenção. Na visão de Koch (2002, p. 136), elementos linguísticos

[...] caracterizam os tipos de atos de fala que deseja desempenhar, revelam maior ou menor grau de engajamento do falante com relação ao conteúdo proposicional veiculado, apontam as conclusões para as quais os diversos enunciados podem servir de argumento,

selecionam os encadeamentos capazes de continuá-los, dão vida, enfim, aos diversos personagens cujas vozes se fazem ouvir no interior de cada discurso.

Não há um consenso entre os estudiosos do tema acerca do conceito das terminologias “modalização” e “modalidade”, que, muitas vezes, são tomadas como sinônimos. Entretanto, como aponta Castilho (2010, p. 553), a modalidade é habitualmente rotulada como a maneira como “o falante apresenta o conteúdo da proposição numa forma asseverativa (afirmativa ou negativa), interrogativa (polar ou não polar) e jussiva (imperativa ou optativa)”; enquanto a modalização é entendida como o processo através do qual “o falante avalia o teor de verdade da proposição, ou expressa um julgamento sobre a forma escolhida para a verbalização desse conteúdo”. Em outras palavras, a primeira refere-se ao modo como o conteúdo proposicional é apresentado; já a segunda diz respeito ao modo como o falante revela seu posicionamento em relação ao conteúdo proposicional, atribuindo juízo de valor ou expressando seu julgamento acerca da veracidade da proposição.

Nesse sentido, entendemos a modalidade enquanto uma categoria mais abrangente, relacionada às formas como os enunciados podem ser proferidos, podendo se categorizar em tipos, tais como: modalidade alética, modalidade epistêmica, modalidade deontica, modalidade bulomaica e modalidade disposicional (NEVES, 2013). Segundo Neves (2013), a modalidade alética diz respeito à verdade necessária ou contingente das proposições; a epistêmica refere-se ao conhecimento do falante acerca do que é dito; a modalidade deontica relaciona-se a obrigações e permissões; a bulomaica, ou volitiva, está relacionada à vontade do falante; por fim, a disposicional, ou habilitativa, refere-se à habilidade e à capacitação. Por outro lado, por modalização, compreendemos um processo em que o falante imprime, no discurso, seu posicionamento acerca do que é proferido. Logo, no que tange às construções com “real” e “real oficial” no *corpus* investigado, verificamos que estas revelam um processo de modalização em que o falante exprime, de modo asseverativo, seu posicionamento acerca da proposição, conforme tratamos mais adiante e demonstramos na seção de análise de dados.

O processo de modalização se estabelece, então, na interação verbal. A esse respeito, Neves (2013, p. 200) argumenta que

[...] parece evidente que o estabelecimento da interação verbal – da ‘troca’ que cumpre função interpessoal da linguagem – é o momento em que os interlocutores, ao mesmo tempo que organizam a mensagem, definem seus papéis na interlocução, colocando-se na posição de doador ou de solicitador, de asseverador, de perguntador, de respondedor, de ordenador, etc. (a modalização implícita), ao mesmo tempo que escolhem marcar explicitamente seu enunciado – ou não – com valores modais de diversas categorias.

Nesse sentido, a modalização materializa-se nessa troca interpessoal, valendo-se de todos os elementos que a compõem (contexto, participantes, etc.) e coloca-se a serviço também da intenção daquele que o emprega.

No que se refere aos elementos que indexam modalização, Koch (2002, p. 136) entende que

[...] dentro de uma teoria da linguagem que leva em conta a enunciação, consideram-se modalizadores todos os elementos linguísticos diretamente ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores das intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso.

De acordo com Neves (1996 *apud* NEVES, 2013, p. 167), o processo de modalização pode ser manifestado por meio de diversos constituintes linguísticos, tais como verbos (modal ou indicador de opinião), advérbios, adjetivos, substantivos, categorias gramaticais (de tempo, aspecto ou modo), entre outros. Ainda com o intuito de apresentar meios de expressão da modalização, a autora retoma o modelo de “gramática de modalizadores” de Saint Pierre (1991), apresentando as três classes de modalizadores elencadas pelo autor, a saber: a) marcadores prosódicos; b) marcadores morfológicos e sintáticos; e c) marcadores discursivos. Segundo o autor, os aspectos relacionados à voz (marcadores prosódicos) e a colocação em relevo (marcadores morfológicos e sintáticos) também contribuem para a modalização (SAINT PIERRE, 1991 *apud* NEVES, 2013). Logo, a modalização, por meio da oralidade, pode ser expressa por pistas prosódicas e estratégias de focalização; e é o que pode ser observado em nossos dados, visto que o traço prosódico ajuda na identificação do escopo da modalização de construções com “real” e “real oficial”, e a estratégia da focalização atribui relevo ao conteúdo modalizado.

Conforme já mencionado, a maneira como o discurso é organizado e explicitado varia a depender do propósito comunicativo do falante. Sendo assim, a serviço dessas funções subjacentes, variam, também, os tipos de modalidade. No caso dos dados investigados neste trabalho, as construções com “real” e “real oficial” realizam-se em contextos de modalização epistêmica asseverativa. Na modalização epistêmica, o posicionamento do falante, sua expressividade e subjetividade são expressos linguisticamente no discurso. A manifestação do julgamento ou da crença do falante acerca da proposição é traço particular desse tipo de modalidade.

No que se refere ao caráter epistêmico da modalidade, Palmer (2001, p. 8, tradução nossa)²⁶ argumenta que “com a modalidade epistêmica, os falantes expressam seus julgamentos sobre o status factual da proposição”.

Ademais, Neves (2000, p. 237) também considera que os epistêmicos “indicam uma crença, uma opinião, uma expectativa sobre a asserção”. Nesse tipo de modalização, a subjetividade e a expressividade do falante, reveladas pelas marcas linguísticas ao longo do discurso, são aspectos essenciais ao processo, visto que estão intrinsecamente ligadas ao posicionamento do falante, àquilo que ele pensa. A depender de como o enunciado é apresentado, esse comprometimento pode ser percebido de forma mais contundente ou não.

Na visão de Lyons (1997, p. 793, tradução nossa), “a modalidade epistêmica ocupa-se com mais questões acerca do conhecimento, crença ou opinião do que de fatos”²⁷. Ainda, segundo o autor, quando o falante revela, por meio de marcas linguísticas de qualquer natureza, sua opinião, crença ou posicionamento, ou seja, seu comprometimento, o que foi proferido já está modalizado. Nesse sentido, o autor argumenta que

Qualquer enunciado em que o falante qualifique, de forma explícita, seu comprometimento com a verdade da proposição expressa pela sentença que ele profere, ainda que essa qualificação seja explícita no componente verbal... ou no prosódico ou componente paralinguístico, é um enunciado modal ou modalizado. (LYONS, 1977, p. 797, tradução nossa)²⁸.

²⁶ Cf.: “[...] with epistemic modality speakers express their judgments about the factual status of the proposition”.

²⁷ Cf.: “Epistemic modality is concerned with matters of knowledge, belief, or opinion rather than fact”.

²⁸ Cf.: “Any utterance in which the speaker explicitly qualifies his commitment to the truth of the proposition expressed by the sentence he utters, whether this qualification is made explicit in the

Coates (1983) também destaca o comprometimento do falante nesses contextos. Segundo a autora, esse tipo de modalização está relacionado às “suposições e à avaliação das possibilidades, e na maioria dos casos, indica a confiança (ou a falta de confiança) do falante acerca da verdade expressa pela proposição” (COATES, 1983, p. 18, tradução nossa)²⁹.

De acordo com Givón (2001, p. 300, tradução nossa), a modalidade é uma categoria linguística abrangente que “codifica a atitude do falante em relação à proposição”³⁰. Como atitude, Givón (2001) entende os dois seguintes tipos de julgamento: o epistêmico e o deôntico. O primeiro refere-se a noções de certeza, crença, evidência e verdade. Já o segundo concerne a noções como desejo, preferência, habilidade e obrigação.

No que se refere, mais especificamente, à modalidade epistêmica, Givón (2001) retoma noções acerca da modalização (verdade necessária, verdade factual, verdade possível e não verdade) provenientes da lógica filosófica, como a de Aristóteles, e estabelece a equivalência entre essas noções para o campo da linguística. Para o autor, acerca do polo comunicativo, a modalidade epistêmica seria (re)definida a partir das noções de pressuposição, asserção *realis*, asserção *irrealis* e asserção negativa. Nesse sentido, Givón (2001, p. 301, tradução nossa) argumenta que, na pressuposição,

[...] a proposição é tomada como verdadeira, seja por definição, acordo prévio, convenção culturalmente compartilhada, por ser óbvia aos participantes da interação, ou por ter sido enunciada pelo falante e não refutada pelo ouvinte.³¹

Já sob a noção de asserção *realis*, “a proposição é fortemente afirmada como verdade, entretanto, uma objeção é cabível, embora o falante tenha motivos e fortes evidências a favor de sua crença” (GIVÓN, 2001, p. 301, tradução nossa)³².

verbal component ... or in the prosodic or paralinguistic component, is an epistemical modal, or modalized, utterance”.

²⁹ Cf.: “[...] [it] is concerned with the speaker’s assumptions or assessment of possibilities and, in most cases, it indicates the speaker’s confidence (or lack of confidence) in the truth of the proposition expressed”.

³⁰ Cf.: “[...] [the modality] codes the speaker’s attitude toward the proposition”.

³¹ Cf.: “Presupposition: The proposition is taken for granted to be true, either by definition, prior agreement, generic culturally-shared convention, by being obvious to all present at the speech situation, or by having been uttered by the speaker and left unchallenged by the hearer”.

³² Cf.: “Realis assertion: The proposition is strongly asserted to be true. But challenge from the hearer is deemed appropriate, although the speaker has evidence or other strong grounds for defending their strong belief”.

Na asserção *irrealis*, a proposição

[...] é fracamente afirmada como possível, provável ou incerta (submodos epistêmicos), ou necessária, desejada ou indesejada (submodos valor-deôntico). Entretanto, o falante não está pronto para sustentar a asserção por meio de evidência ou fortes argumentos; nesse caso, uma objeção por parte do interlocutor é prontamente cogitada, esperada ou, até mesmo, solicitada (GIVÓN, 2001, p. 302, tradução nossa)³³

Acerca da asserção negativa, o autor postula que

[...] a proposição é fortemente declarada como falsa, mais comumente em contradição com as crenças explícitas ou assumidas pelo ouvinte. Uma contestação do ouvinte é antecipada e o falante possui evidências ou outras bases fortes para reforçar sua forte crença (GIVÓN, 2001, p. 302, tradução nossa)³⁴

Em suma, em todas essas caracterizações listadas pelo autor, desde a noção que se apresenta com maior grau de veracidade até a menor, a construção de sentido no ato comunicativo é realizada a partir das proposições enunciadas pelos falantes, de modo a revelar seu posicionamento. Vale ressaltar que o reflexo da subjetividade do falante na maneira como profere seu discurso é característica desse tipo de modalização. E, nesse caso, há o comprometimento do falante, em maior ou menor grau, com o conteúdo da proposição.

Portanto, deixar marcas de subjetividade no discurso, revelando crenças e julgamentos acerca de uma proposição, faz parte do processo de modalização epistêmica. E, por conseguinte, com a intenção de reforçar, demarcar a ideia da proposição, tem-se a asseveração.

Nessa direção, entendemos que as construções aqui analisadas, com “real” e “real oficial”, ao incidirem sobre o sintagma nominal, verbal, adjetival e sentencial,

³³ Cf.: “Irrealis assertion: The proposition is weakly asserted to be either possible, likely or uncertain (epistemic sub-modes), or necessary, desired or undesired (valuative-deontic sub-modes). But the speaker is not ready to back up the assertion with evidence or other strong grounds; and challenge from the hearer is readily entertained, expected or even solicited”.

³⁴ Cf.: “Negative assertion: The proposition is strongly asserted to be false, most commonly in contradiction to the hearer’s explicit or assumed beliefs. A challenge from the hearer is anticipated, and the speaker has evidence or other strong grounds for backing up their strong belief”.

revelam o posicionamento asseverativo do falante acerca do enunciado. Além disso, nesses casos, a crença, a opinião ou a expectativa sobre a asserção ancoram-se em sentidos relativos à veracidade, à realidade, à autenticidade e ao valor de verdade da proposição.

Na sincronia atual, principalmente na oralidade, construções com “real” e “real oficial” têm sido recrutadas pelos falantes não somente para desempenhar funções adjetivais em relação a sintagmas nominais, mas, também, para exercer funções adverbiais em relação a sintagmas verbais, a sintagmas adjetivais e à sentença, em contextos de modalização epistêmica asseverativa. Apresentamos, a seguir, alguns exemplos de ocorrências em que as construções com “real” e “real oficial” desempenham tais funções de modo a asseverar o conteúdo proferido.

(4) Gente, olha, sinceramente, sabe, eu achei a cobertura dela bem bonita com a esponjinha. Primeira impressão **REAL**, tá?! A gente vai testar essa base durante o dia pra ver como ela se comporta, pra eu poder dar um veredito pra vocês, de um dia de uso de base. (*Corpus Youtube*, 2019)³⁵

O exemplo (4) é um trecho da transcrição de um vídeo do Youtube – todos os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa são devidamente apresentados na seção quatro – em que uma influenciadora digital testa produtos cosméticos e emite sua opinião. O contexto em que se apresenta essa ocorrência da construção com “real” é favorável à modalização do discurso, visto que se espera um posicionamento do falante em relação aos produtos. Nesse caso, “real” desempenha função adjetival, modalizando, de maneira asseverativa, o sintagma nominal “primeira impressão”.

Em sua “Gramática de Usos do Português”, Neves (2000, p. 188) explana que, em contextos de modalização epistêmica, “os adjetivos exprimem conhecimento ou opinião do falante”. Nessa mesma direção, na “Gramática do Português Brasileiro”, Castilho (2010, p. 524) explica que “no caso dos (adjetivos) modalizadores epistêmicos asseverativos, o falante considera verdadeiras as propriedades intencionais do substantivo tomado como escopo”.

³⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tyn0CUvgDP8>. Acesso em: 22 set. 2019.

Além disso, para exemplificar essa categoria, o autor apresenta dois usos com os adjetivos “verdadeiro” e “real”. Nesses casos, Castilho (2010, p. 524) apresenta os seguintes exemplos: “a) Eu vejo a telenovela como um verdadeiro laboratório posto no ar” e “b) A causa real da crise política são as elites”. Como explicação, o autor argumenta que no exemplo apresentado

[...] o falante assevera através dos adjetivos *verdadeiro* e *real* que tudo o que se possa entender por *laboratório posto no ar* e *causa da crise política* é um dado do conhecimento que assegura a equação *telenovela = verdadeiro laboratório*, *causa da crise política = elites* (CASTILHO, 2010, p. 524, grifo do autor)

No que se refere à ocorrência apresentada em (4), o adjetivo “real” veicula uma avaliação do falante em relação ao sintagma nominal “primeira impressão”, ou seja, ao qualificar o sintagma nominal “primeira impressão” como sendo “real”, o falante assevera que aquela “primeira impressão” será verdadeira, indicado ser sua primeira impressão. A partir dessa interpretação, é possível observar que o locutor tem a intenção de convencer seu interlocutor acerca da veracidade da opinião emitida sobre o produto.

Como já mencionado, a modalização pode ser materializada linguisticamente por meio de diferentes elementos, dentre eles, os advérbios. Sendo assim, além dos adjetivos, os advérbios modalizadores também se apresentam como marcas linguísticas que os falantes utilizam para se expressarem e revelarem seu engajamento em relação à proposição. A esse respeito, Neves (2000, p. 244) compreende que

[...] os advérbios modalizadores compõem uma classe ampla de elementos adverbiais que têm como característica básica expressar alguma intervenção do falante na definição da validade e do valor de seu enunciado: modalizar quanto ao valor de verdade, modalizar quanto ao dever, restringir o domínio, definir a atitude e, até, avaliar a própria formulação linguística.

Dessa maneira, a depender da intenção do falante, seu discurso é modalizado, e, quando o enunciado revela o posicionamento do falante acerca de suas crenças, opiniões e atitudes, a modalização se realiza de forma epistêmica.

Para Neves (2000, p. 245), a função dos advérbios modalizadores epistêmicos é “asseverar, é marcar uma adesão do falante ao que ele diz, adesão mediada pelo seu saber das coisas”.

Em nossos dados, é possível notar a instanciação de construções em que “real” e “real oficial” atuam não somente como adjetivos, mas desempenham, também, funções adverbiais, em contextos de modalização. Vejamos a seguir, um exemplo em que “real oficial” se comporta como advérbio modalizador atuando sobre a proposição:

(5) Ainda falando de Maybelline, chegou essa máscara de cílios linda que chama *Lash Sensacional*, tô com bastante vontade de testar. Eu acho que vai ser boa, porque eu adoro essas máscaras que tem essa, essa cerdinha mais curvadinha e gordinha. Sinto que esse tipo de cerda funciona mesmo, **REAL OFICIAL**. Bom, agora vamos falar de Kiss New York. (*Corpus Youtube*, 2017)³⁶

No exemplo (5), “real oficial” ocupa posição final na sentença, incidindo sob toda a proposição anteriormente proferida. Em termos de função, essa construção atribui veracidade à proposição, indicando, nesse caso, que, de fato, o referido tipo de cerda funciona. Nesse sentido, acerca da relação entre o valor de verdade da proposição e os modalizadores epistêmicos asseverativos, Castilho (2010, p. 555) argumenta o seguinte:

[...] expressam uma avaliação sobre o valor de verdade da sentença, cujo conteúdo o falante apresenta como uma afirmação ou uma negação que não dão margem a dúvidas, tratando-se, portanto, de uma necessidade epistêmica.

Desse modo, em (5), o falante sinaliza, por meio da construção com “real oficial”, o seu posicionamento positivo em relação ao valor de verdade da proposição, ou seja, ele acredita que, de fato, esse tipo de cerda funciona. Além disso, é possível observar esse posicionamento não só na construção modalizadora, mas em toda a proposição. Por exemplo, a opinião expressa também pode ser

³⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QN97ZGraOgo&t=962s%22c>. Acesso em: 19 nov. 2018

verificada em “sinto que esse tipo de cerda funciona” – o falante “acredita que”, “acha que”, “pensa que” “esse tipo de cerda funciona”. E, ao usar “real oficial” nesse contexto, o falante revela seu posicionamento, sua crença acerca do produto e seu alto grau de engajamento e comprometimento em relação ao que é proferido.

Acerca da modalização epistêmica por meio de modalizadores, Castilho (2010, p. 555) assume que “os asseverativos podem ser representados pelo predicador ‘eu sei com certeza que *P*’, em que *P* corresponde ao conteúdo sentencial”. Nesse sentido, o falante, com o intuito de ser mais expressivo e convencer o interlocutor, assevera sua proposição de maneira epistêmica, utilizando essa construção para predicar sua fala. Segundo o autor,

desse tipo de predicação decorre um efeito colateral, que é manifestar o falante um alto grau de adesão ao conteúdo sentencial, donde a significação enfática que igualmente aí se identifica (CASTILHO, 2010, p. 555).

No contexto da ocorrência em (5), a intenção subjacente do falante é a de convencer seu interlocutor em relação à qualidade da máscara de cílios, o que pode ser inferido, também, pelo fato de essa ocorrência ter sido retirada de um vídeo em que a influenciadora digital apresenta suas considerações acerca dos produtos que recebera de produtoras de cosméticos. Para tal, a fim de ser mais expressivo e demarcar seu posicionamento, o falante utiliza a construção com “real oficial” a favor de seus propósitos comunicativos.

Portanto, no caso das construções analisadas neste trabalho, a partir da observação dos dados – melhor e mais detalhadamente apresentados na seção de análise –, a depender da intenção do falante acerca da modalização, o foco da asseveração recai sobre quatro escopos distintos, conforme já destacamos anteriormente, a saber: o sintagma nominal, o sintagma verbal, o sintagma adjetival e o sintagma sentencial. Sendo assim, em nossos dados, a modalização é realizada pelas construções com “real” e “real oficial”, em que “real” e “real oficial” atuam tanto como adjetivos quanto como advérbios.

Quando o escopo da modalização recai sobre um sintagma nominal (SN), o falante, a fim de marcar seu posicionamento, qualifica como real/verdadeiro um referente concreto ou abstrato. Nesse caso, “real” e “real oficial” atuam como adjetivos, modalizando o SN acerca da veracidade e da legitimidade de tal realidade. Em outros casos, em que o escopo da modalização é um sintagma verbal, um sintagma adjetival ou toda a sentença, “real” e “real oficial” atuam como advérbios,

modalizando asseverativamente uma situação, uma qualidade ou todo o conteúdo proposicional, respectivamente.

Com base nas exemplificações elencadas nesta seção, portanto, assumimos que, a fim de serem cada vez mais expressivos na interação, os falantes recrutam construções com “real” e “real oficial” com o intuito de modalizar seus discursos, tendo como escopo sintagma ou sentença, revelando, assim, seu posicionamento e engajamento acerca do que é proferido. Ademais, tais construções, além de modalizarem o conteúdo expresso, atuam como focalizadores, direcionando a atenção do interlocutor para o que o falante julga ser mais relevante no discurso – isto é, o escopo da modalização. Sendo assim, a seguir, apresentamos considerações acerca da noção de focalização, demonstrando de que maneira tal conceito se aplica nos dados investigados.

3.2 FOCALIZAÇÃO

Conforme mencionado na segunda seção, entendemos a língua como um conjunto de construções organizadas em rede de maneira hierárquica. No que se refere às construções, estas constituem pareamentos de forma e função, nos termos de Goldberg (2016), os quais são instanciados a serviço dos propósitos comunicativos dos falantes no momento da interação.

No que tange às construções modalizadoras epistêmico-asseverativas com “real” e “real oficial”, é possível observar que há uma intenção do falante subjacente a tais construções: a da focalização.

Essa característica de destacar elementos segundo a intenção do falante é tratada de diferentes maneiras por variadas perspectivas. Atentamo-nos, aqui, em três delas: a noção de focalização segundo Gonçalves (1998), a noção de relevo nos termos de Travaglia (2006) e Pezatti (1994) e noção de perspectiva na visão cognitiva de Langacker (2008).

Acerca da noção de focalização, esta é entendida como a ação de destacar, de evidenciar um segmento do que é enunciado, a depender do propósito comunicativo-interacional do falante. Nesse caso, o falante direciona a atenção do interlocutor, por meio de estratégias, para aquilo que julga ser mais relevante e que compreende que deva ser destacado. Gonçalves (1998) utiliza a metáfora da

iluminação teatral a fim de elucidar o processo de focalização. Segundo o autor, nesse contexto, a focalização é comparada a um holofote que é direcionado para uma determinada cena. A cena focalizada representa os constituintes a serem destacados, e a totalidade do palco, o texto enunciado. Sendo assim, sob essa perspectiva, a focalização é um

[...] fenômeno de natureza discursivo-pragmática, pois o usuário pode centrar sua atenção a uma parcela do enunciado que julgue relevante, enfatizando-a. Pode ser definida, assim, como o *highlighting* dado pelo falante à porção do enunciado na qual ele considera estar o núcleo da informação. Por essa razão, certas partes de um texto são enfatizadas não só porque são centrais (focais) no discurso, mas também porque são vistas através de certas perspectivas que afetam tanto o que o falante diz quanto o que o ouvinte interpreta. (GONÇALVES, 1998, p. 33)

Desse modo, a depender de seus propósitos comunicativos, o falante direciona a atenção do interlocutor para determinado(s) elemento(s) no texto, de maneira a orientar sua interpretação. Nesse sentido, o autor acrescenta que “a focalização, na qualidade de fenômeno discursivo-pragmático, manifesta-se tanto por meios textuais quanto por meios prosódicos” (GONÇALVES, no prelo *apud* GONÇALVES, 1998, p. 34). Sendo assim, na oralidade, a focalização pode ser percebida, também, por meio de análise de traços suprasegmentais, como a prosódia.

Travaglia (2006) trata desse fenômeno em termos de relevo e proeminência, destacando, também, sua ancoragem nas motivações do falante. Assim, é colocado em relevo aquilo que o falante deseja destacar para o interlocutor. Ao ressaltar um elemento, por consequência, outros elementos ficam em segundo plano. Nesse sentido, o autor entende o relevo em termos de proeminência quando há o destaque (relevo positivo) e de rebaixamento quando não há tanto destaque (relevo negativo). Segundo o autor, “o relevo marca avaliações sobre elementos mais específicos do texto ou sobre tipos de elementos do texto ou sobre porções de conteúdo do texto, fazendo um direcionamento da atenção do interlocutor” (TRAVAGLIA, 2006, p. 58). Ademais, o autor acrescenta que o relevo

[...] incide sobre a maneira como o produtor do texto quer que seu interlocutor considere os conceitos e modelos cognitivos ativados no

texto. Essa maneira geralmente é dada por quantificadores, intensificadores e advérbios que têm natureza aproximada. (TRAVAGLIA, 2006, p. 62)

Além disso, assim como Gonçalves (1998), Travaglia (2006) também leva em consideração alguns recursos fônicos como marcas deixadas por esse processo de relevo.

A focalização é comumente entendida em termos de proeminência e estruturação a partir das noções de figura e fundo. Na interação, o falante escolhe, a depender de sua intenção, os elementos a serem destacados e aqueles que serão colocados fora do foco. No que se refere a esse recurso de focalização utilizado pelos falantes, Pezatti (1994, p. 46) afirma que

[...] os usuários da língua constroem as sentenças de acordo com seus objetivos comunicativos e com sua percepção das necessidades do ouvinte. Ou seja, em qualquer situação de fala, algumas partes do que se diz são mais relevantes que outras, destacam-se de um fundo que lhes dá sustentação.

Acerca dessas concepções de figura e fundo, a porção de texto salientada pelo falante na interação é categorizada como figura. Em geral, em termos linguísticos, “o material que fornece os pontos principais do discurso, a linha-mor da comunicação, chama-se figura (*foreground*)” (PEZATTI, 1994, p. 46). Nesse contexto, a autora lista características atribuídas à noção de figura. Segundo ela, tais segmentos

[...] 1. constituem a linha principal de progressão do discurso, apresentando, então, uma ordem lógica, não necessariamente cronológica, como na narrativa; 2. conservam o mesmo sujeito, introduzindo material novo no predicado; 3. mantêm a continuidade de tópico; 4. mostram dinamicidade (PEZATTI, 1994, p. 46).

No que se refere ao fundo, a autora entende que

[...] essa parte do discurso que não contribui imediata e crucialmente para os objetivos do falante, mas que apenas sustenta, amplia ou comenta o aspecto principal é chamada fundo (*background*) (PEZATTI, 1994, p. 46).

Acerca dos aspectos característicos do fundo, a autora considera que esses elementos

[...] 1. podem estar em qualquer lugar do discurso, sem obedecer a uma ordem lógica; 2. contribuem para a montagem do cenário, ou melhor, dão suporte para o desenvolvimento discursivo, ampliando ou comentando sua linha principal; 3. possibilitam mudança de tópico e introdução de informação nova, assim como alterações frequentes de sujeito; 4. indicam situações descritivas e estáticas e aspecto imperfectivo; 5. indicam, enfim, estado ou situação necessários para o entendimento de motivos e atitudes do falante (PEZATTI, 1994, p. 46).

Nessa dinâmica de focar e desfocar, o falante, na interação, a depender de seus propósitos comunicativos, orienta a atenção do interlocutor para a porção que ele julga ser mais relevante. E a maneira como o falante estrutura e organiza sua fala, destacando, ou não, elementos específicos, a seu critério, é um vestígio de sua expressividade e subjetividade, uma vez que ele interfere no discurso e, conseqüentemente, na interpretação do interlocutor. Nesse sentido, as línguas dispõem de recursos e estratégias, de naturezas diversas (fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, pragmática, discursiva etc.), para imprimir focalização em função de propósitos comunicativos específicos.

Sob a visão cognitivista de língua, a construção de significado em uma interação envolve processos cognitivos mais amplos, como memorização, percepção, atenção e afins. Tais processos estão envolvidos tanto na formulação e organização do discurso quanto na compreensão e interpretação desses na interação. No que se refere ao ato de focalizar, ou seja, de destacar algum evento em detrimento de outros na fala, a focalização é mais bem entendida por meio das concepções de figura e fundo. Como já mencionado, a porção que recebe destaque é rotulada como figura, visto que se apresenta de forma mais saliente à percepção do interlocutor. Já os elementos que estão fora desse realce pertencem ao segmento de fundo. Nesse sentido, atribuir relevo a elementos segundo propósitos comunicativos faz parte da interação e interfere na interpretação do interlocutor, visto que, ao realçar elementos, o falante direciona o foco da atenção e a percepção do interlocutor à porção que ele julga ser mais relevante.

No modelo de Langacker (2008), a construção do significado não resulta somente da evocação do conteúdo conceptual, mas também da maneira como esse é elaborado e estruturado – o *construal* pode ser descrito com base na metáfora visual. Segundo o autor,

O significado de uma expressão não está apenas no conteúdo conceptual que ela evoca – igualmente importante é como esse conteúdo é construído. Como parte de seu valor semântico convencional, toda estrutura simbólica interpreta seu conteúdo de certa maneira. É difícil não recorrer à metáfora visual, na qual o conteúdo é comparado a uma cena e a perspectivização conceptual a uma maneira particular de visualizá-la (LANGACKER, 2008, p. 55, tradução nossa).³⁷

Nesse sentido, a compreensão e a interpretação dos significados dependem de parâmetros da percepção, da maneira como o observador enxerga a cena e a interpreta. De acordo com Langacker (2008),

ao visualizar uma cena, o que realmente vemos depende de quão perto o examinamos, em qual direção escolhemos olhar, em quais elementos prestamos mais atenção e de onde os vemos. (LANGACKER, 2008, p. 55, tradução nossa)³⁸

Ainda, segundo o autor, a especificidade, a perspectiva, a proeminência e a focalização são classes mais amplas envolvidas no processo de interpretação e se aplicam a qualquer domínio.

À luz dos pressupostos de Lagacker (2008), a especificidade é uma dimensão da perspectivação conceptual e está diretamente ligada ao nível de detalhamento e precisão com que a situação é descrita. A noção de perspectiva envolve o vínculo entre “o que conceptualiza” e o que é “conceptualizado”; nesse sentido, o “ponto de vista” faz-se relevante na conceptualização.

O conceito de proeminência relaciona-se à saliência cognitiva; além disso, envolve diferentes aspectos e também se reflete no modo de categorização. Na focalização, as noções de figura/fundo (*foreground/background*) são fundamentais. Conforme já mencionado anteriormente, com base nesses parâmetros, a porção em

³⁷ Cf.: “An expression’s meaning is not just the conceptual content it evokes—equally important is how that content is construed. As part of its conventional semantic value, every symbolic structure construes its content in a certain fashion. It is hard to resist the visual metaphor, where content is likened to a scene and construal to a particular way of viewing it”

³⁸ Cf.: “In viewing a scene, what we actually see depends on how closely we examine it, what we choose to look at, which elements we pay most attention to, and where we view it from”

relevo é caracterizada como figura, e o que se coloca ao entorno é visto como fundo. De acordo com Langacker (2008), a focalização inclui

a seleção de conteúdo conceitual para a representação linguística, bem como sua organização em que pode ser amplamente descrito (metaforicamente) como figura vs. fundo (LANGACKER, 2008, p. 57, tradução nossa)³⁹.

Além disso, o autor acrescenta que, a focalização é estabelecida em questão de grau e depende de outros aspectos. Ademais, “também é relativo a propósitos específicos, dimensões da estrutura e níveis de organização” (LANGACKER, 2008, p.57, tradução nossa)⁴⁰.

Portanto, tendo sido apresentadas algumas perspectivas acerca da focalização, sob a ótica de diferentes autores, com o intuito de ilustrar como a focalização se manifesta em nossos dados, a seguir, apresentamos dois exemplos de construções em que “real” e “real oficial” atuam como focalizadores. Nesses casos, tais elementos direcionam a atenção do falante para o conteúdo expresso pelo escopo da modalização.

(6) Eu tenho um filme muito legal que eu assisti nas férias e ele me passou mensagens muito boas e leves, e eu dei risada, eu chorei. É um filme de sensações muito gostosas, não é triste, é sabe?! É um filme inspirador, isso, inspirador! Que é ‘Felicidade por um fio’. Que filme gostoso! Eu amei **REAL**! Vamos lá à sinopse, pra vocês se interessarem mais ainda. (*Corpus Youtube*, 2019)⁴¹

(7) N: Vamos abrir a nossa casa para os nossos amigos.

P: É isso! Já estão chegando, a festa já está começando a rolar.

N: Uma festa, gente!

P: Primeira festa, hein!

N: Primeira festa **REAL OFICIAL** aqui no apartamento para os amigos virem, conhecer, comer, beber e sem contar que foi aniversário do Neno, dia quatorze de

³⁹ Cf.: “[...] includes the selection of conceptual content for linguistic presentation, as well as its arrangement into what can broadly be described (metaphorically) as foreground vs. background”.

⁴⁰ Cf.: “It is also relative to particular purposes, dimensions of structure, and levels of organization”.

⁴¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yv4gbT5e7xc&feature=youtu.be>. Acesso em: 5 dez. 2019

janeiro, fez vinte e oito aninhos essa coisinha então a gente vai comemorar tudo junto. (*Corpus Youtube*, 2019)⁴²

No excerto (6), “real” direciona a atenção do interlocutor para a atitude expressa pelo verbo “amei”. Nesse caso, a construção com “real” coloca em primeiro plano o posicionamento do falante, ou seja, o seu sentimento em relação ao filme mencionado, o qual é indexado pelo verbo “amar”. Nesse caso, há um alto grau de engajamento do falante, que pretende convencer seu interlocutor acerca da realidade expressa pelo verbo.

Em (7), é possível perceber que “real” e “oficial” organizam-se de maneira conjunta, formando uma unidade. Dessa forma, “real oficial” orienta a atenção do interlocutor para o sintagma nominal “primeira festa”. Em outras palavras, o falante, para realçar seu posicionamento (convencer de que se trata, de fato, de uma “primeira festa”), utiliza tal estratégia, visando a imprimir veracidade, autenticidade, legitimidade, assertividade e expressividade a seu referente “primeira festa”. Em ambos os casos acima apresentados, “real” e “real oficial” atuam como focalizadores, direcionando a atenção do interlocutor para o segmento modalizado e, conseqüentemente, interferindo na maneira como o enunciado é interpretado.

Nesse contexto, portanto, entendemos que “real” e “real oficial” atribuem focalização/relevo ao escopo da modalização de maneira epistêmico-asseverativa – que pode ser um sintagma nominal, um sintagma verbal, um sintagma adjetival ou um sintagma sentencial. No que se refere ao traço prosódico, a focalização/relevo faz-se de forma mais ou menos integrada nos dados averiguados no *corpus* analisado – conforme demonstramos na seção de análise. Portanto, ao utilizar tais elementos, o falante orienta a atenção do interlocutor para a porção desejada, encaminhando, desse modo, a interpretação a ser realizada pelo interlocutor – nos exemplos apresentados, direcionando-os a sentidos ancorados na realidade, na veracidade e na legitimidade.

3.3 ENCAMINHANDO ALGUMAS CONCLUSÕES

⁴² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9xnYgb94R3g&t=1s%22>. Acesso em: 20 dez. 2019

Nesta seção, apresentamos alguns conceitos fundamentais que embasam a análise realizada neste trabalho: a modalização e a focalização. Versamos acerca da modalização sob a ótica de Coates (1983), Saint Pierre (1991), Lyons (1997), Neves (2000, 2013), Givón (2001), Palmer (2001), Koch (2002) e Castilho (2010). No que se refere à focalização e ao relevo, tomamos os pressupostos de Pezatti (1994), Gonçalves (1998), Travaglia (2006) e Langacker (2008).

Demonstramos, de modo pontual, a partir de alguns exemplos, de que maneira os conceitos apresentados nesta seção se materializam em nossos dados. Com base nisso, concluímos que a instanciação de padrões construcionais com “real” e “real oficial” ancoram-se em contextos de modalização epistêmico-asseverativa, em que os referidos elementos cumprem propósitos comunicativos específicos na língua. Assumimos, portanto, que nas construções analisadas, “real” e “real oficial” operam como modalizadores, indexando o posicionamento do falante de modo asseverativo.

Além de revelarem um alto grau de comprometimento do falante acerca do que é proferido, “real” e “real oficial” atuam, ainda, como produtores de foco. Nesse sentido, tais elementos direcionam a atenção do interlocutor para o escopo da modalização. A depender da intenção subjacente à fala, “real” e “real oficial”, a partir do modo com que se organizam no discurso, projetam, em primeiro plano, a porção mais importante, os constituintes modalizados, e acomodam, em segundo plano, outros elementos fora do destaque. Vale ressaltar que a modalização e a focalização recobrem diferentes constituintes, a saber: o sintagma nominal, o sintagma verbal, o sintagma adjetival e o sintagma sentencial. Ademais, tais processos operam, de forma mais integrada, sobre os sintagmas nominal, verbal e adjetival e, de forma menos interligada, sobre a sentença, indícios verificados por meio de análise acústica do *software* Praat, conforme demonstramos na quarta e na quinta seção deste trabalho.

Por fim, as construções com “real” e “real oficial”, em contextos de modalização, compreendem usos hodiernos e muito difundidos por meio da oralidade, principalmente, em mídias sociais digitais. Devido à contemporaneidade dessas construções, não se encontram, ainda, trabalhos que tratem desse objeto sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso.

Na seção seguinte, tratamos pontualmente dos procedimentos metodológicos de análise dos padrões construcionais investigados.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na presente seção, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa. Na seção 4.1, tratamos da descrição do *corpus* sincrônico sob análise, constituído para o estudo das construções modalizadoras epistêmico-asseverativas com “real” e “real oficial” na língua portuguesa. Posteriormente, na seção 4.2, abordamos o equacionamento entre a análise qualitativa e o cálculo da frequência de uso na investigação das ocorrências. Na seção 4.3, tratamos do auxílio do *software* Praat para uma análise prosódica dos dados. Por fim, na seção 4.4, indicamos os procedimentos de análise que guiam a compreensão da quinta seção desta dissertação.

4.1 A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Para a presente pesquisa, foi constituído um *corpus* sincrônico, característico da modalidade oral da língua, composto por um total de 24 horas e 31 minutos de vídeos provenientes da plataforma *online* YouTube⁴³, os quais datam do período compreendido entre 2017 e 2020. Tendo em vista que a pesquisa tem como objetivos mais específicos a identificação e a descrição de pareamentos forma-função das construções modalizadoras com “real” e “real oficial”, a partir dos níveis de esquematicidade propostos por Traugott e Trousdale (2013) – esquema, subesquema e microconstrução –, não nos detemos, aqui, à trajetória individual dos termos “real” e “real oficial”, mas, sim, ao seu *status* construcional na sincronia atual ao expressar o posicionamento modalizador do locutor com atitudes direcionadas à interação e ao interlocutor.

A escolha pelo *corpus* sincrônico justifica-se pelo fato de as construções aqui investigadas serem de recente surgimento na língua. Interessa-nos investigar como essas construções hodiernas com “real” e “real oficial” são utilizadas em contextos de modalização, e não, propriamente, a sua trajetória de mudança ao longo do tempo, sob uma perspectiva diacrônica. É nesse sentido que assumimos que o

⁴³ Buscando maior variabilidade, os vídeos foram coletados de maneira randômica quanto aos temas, falantes e regiões do país.

modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013), embora tenha sido pensado para o tratamento da mudança sob o ponto de vista da diacronia, serve como base teórico-metodológica para uma investigação dessas construções em termos de (i) sua analisabilidade, segundo as propriedades da esquematicidade, produtividade e composicionalidade e (ii) sua (re)organização em uma rede, levando em conta a dinamicidade da língua em uma perspectiva sincrônica.

Vale ressaltar também que nossa análise ancora-se nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, abordagem teórica que compreende a língua como uma rede de construções, que são organizadas de forma hierárquica e que estão em constante renovação a depender das necessidades comunicativas dos falantes. Nesse contexto, o uso real e efetivo da língua é um fundamento básico para a identificação e a descrição de padrões construcionais.

Sendo assim, para o estudo das construções com “real” e “real oficial” que ocorrem na língua falada na atualidade, servem como base de dados excertos retirados de vídeos do YouTube, em que a linguagem pode ser considerada natural e, em grande parte, menos monitorada. Em tais vídeos, os falantes, de forma espontânea, interagem com interlocutores reais, presentes no ato da interação, ou com interlocutores virtuais, ou seja, com um público que assiste ao vídeo por meio da plataforma *online*. Em ambos os casos, a língua é utilizada com propósitos comunicativos específicos. Nesse sentido, vale destacar também que, a partir da investigação de dados orais, é possível analisar aspectos formais da construção que escapam ao texto escrito, como, por exemplo, a prosódia – componente que pode ser fundamental para estudos em contextos de modalização, como mostraremos na seção de análise de dados.

No que se refere ao conteúdo dos vídeos que constituem o *corpus* sob análise, as temáticas são diversificadas, tais como viagem, tutoriais de maquiagem, *vlogs*, entrevistas, receitas culinárias, dentre outras. Além da diversidade temática, os falantes, usuários das ocorrências analisadas, são diversificados em sua faixa etária, sexo, região e *status* econômico.

Em suma, a amostra sincrônica é composta por transcrições de vídeos, que configuram uma pequena amostra, ou um “modesto” recorte, de uso real da língua. No que diz respeito ao recorte temporal, como já mencionado anteriormente, a análise baseia-se em ocorrências compreendidas entre os anos de 2017 e 2020. Dessa maneira, mesmo buscando uma maior representatividade linguística, temos

ciência de que os fragmentos selecionados constituem apenas um recorte parcial da língua, e não a sua totalidade.

4.2 MÉTODO MISTO

Visto que os objetivos desta dissertação são (i) descrever os diferentes pareamentos forma-função das construções modalizadoras com “real” e “real oficial” no *corpus* analisado e (ii) propor uma rede composta por esses padrões, associamos a análise qualitativa dos dados ao levantamento da frequência de uso. Entendemos que o método misto seja capaz de contribuir para uma análise mais detalhada dos dados, bem como para a organização da rede em esquema, subesquemas e microconstruções.

A análise qualitativa está mais relacionada ao olhar do pesquisador sobre o objeto. Entendemos, assim como Cunha Lacerda (2016, p. 89), que esse tipo de metodologia permite ao analista “a) caracterizar o pareamento entre forma e significado no nível da microconstrução, do subesquema e do esquema; e b) descrever os contextos de uso em que emergem os construtos na língua”. Já a análise quantitativa refere-se à frequência de uso das construções, contribuindo para o reconhecimento de padrões de usos, para a análise da extensibilidade e da produtividade desses padrões. Nesse sentido, Cunha Lacerda (2016, p. 88) defende que

[...] o levantamento da frequência de uso, que compreende uma análise de natureza quantitativa, se tornaria fundamental se, por exemplo, nosso objetivo fosse comprovar como os construtos, devido à sua alta frequência, passam a ser reconhecidos na língua como padrões microconstrucionais, que se estabelecem a partir de um pareamento simbólico e convencional entre forma e significado; [...] compreender a extensibilidade dos níveis mais hierárquicos da rede, atestando que, quanto mais esquemático (com maior número de *slots*) é um subesquema ou um esquema, maior será o número de padrões microconstrucionais sancionados; e [...] verificar que, quanto mais produtivo é determinado padrão microconstrucional, maior é a probabilidade de ele servir de exemplar, a partir do mecanismo da analogização – nos termos de Traugott e Trousdale (2013) –, para a emergência de novos padrões microconstrucionais na língua.

Dessa maneira, como acreditamos, a frequência de uso configura um fator importante para a compreensão das propriedades da esquematicidade, da produtividade e da composicionalidade, podendo ser responsável por alterações na rede construcional.

No que se refere à frequência de uso, Bybee (2003) destaca a importância de dois tipos de verificação de frequência para a investigação linguística, a saber: frequência *type* e frequência *token*. Nas palavras da mesma autora, a “frequência *type* diz respeito à frequência de um padrão específico no dicionário [...]”⁴⁴ (BYBEE, 2003, p. 604, tradução nossa), enquanto a *token* refere-se “à frequência da ocorrência de uma unidade, geralmente uma palavra ou morfema, no texto”⁴⁵ (BYBEE, 2003, p. 604, tradução nossa). Nesse sentido, os *types* relacionam-se a padrões mais esquemáticos da construção; já os *tokens* às ocorrências empiricamente atestadas na interação. Dessa forma, esse tipo de verificação possibilita a análise das propriedades construcionais – esquematicidade, produtividade e composicionalidade –, a identificação de padrões exemplares e a (re)organização da rede de construções.

Para uma análise mais ampla, adotamos, portanto, uma investigação que equacione o olhar do pesquisador – método qualitativo – e a aferição numérica dos dados – método quantitativo. Assumimos, pois, que o método misto está em consonância com as proposições teóricas adotadas neste trabalho.

4.3 O PROGRAMA PRAAT

O Praat é um *software* criado para análise e síntese da fala por meio da acústica, o qual foi desenvolvido pelos linguistas Paul Boersma e David Weenink, da Universidade de Amsterdã, na Holanda. Aspectos fonológicos, tais como a tonicidade, a intensidade, a entoação e o ritmo compõem o material linguístico e desempenham papéis fundamentais na interação, a depender da intenção dos falantes.

⁴⁴ C.f.: “Type frequency refers to the dictionary frequency of a particular pattern [...]”

⁴⁵ C.f.: “Token or text frequency is the frequency of occurrence of a unit, usually a word or morpheme, in running text.”

No que se refere aos contextos de modalização e, principalmente, aos escopos da modalização no discurso, a prosódia faz-se relevante para a análise das construções com “real” e “real oficial” no *corpus* analisado. Sendo assim, fazemos uso do *software* Praat, que fornece subsídios – conforme mostrado na seção de análise – para a compreensão da própria construção no que diz respeito à sua contraparte formal.

Dada a relevância da prosódia, Neves (2013, p. 168) defende que “seja qual for o meio segmental utilizado, os meios prosódicos sempre estão presentes na modalização em linguagem falada, e frequentemente são os únicos responsáveis por ela”. Por meio de traços suprasegmentais, é possível perceber as marcas de expressividade que o falante imprime em sua fala. Nessa mesma direção, Neves (2013) advoga a favor do valor da prosódia na modalização, retomando o modelo de “gramática dos modalizadores” proposto por Saint Pierre (1991), cuja descrição parte da teoria dos atos ilocucionários e se categoriza em três classes de modalizadores, a saber: os marcadores prosódicos, os marcadores morfológicos e sintáticos e os marcadores discursivos. A respeito dos marcadores prosódicos, elementos relevantes ao nosso trabalho, Neves (2013, p. 168) considera o seguinte:

Os marcadores prosódicos, que são a entoação e outros componentes ligados à voz, podem alterar a força ilocucionária de atos diretivos e assertivos, ou apenas reforçar a modalização expressa pelos marcadores de outro nível estrutural.

É nesse sentido que nossa pesquisa, por meio do *software* Praat, busca analisar a prosódia e compreender de que maneira ela atua na força ilocucionária da fala, ou seja, na intenção subjacente ao enunciado.

Entre os vários elementos que constituem a prosódia, realizamos um recorte e elegemos o *break*, ou *Prosodic Break (PB)*, nos termos de Bögels *et al.* (2011), como recurso prosódico auxiliar na identificação do escopo da modalização realizada por “real” e “real oficial” e, conseqüentemente, na classificação das ocorrências nos subesquemas identificados. Entendemos o *break* como uma pausa, elemento que compõe o limite prosódico ou limite de frase entoacional. No que se refere à definição do *Prosodic Break (PB)*, Bögels *et al.* (2011, p. 424, tradução nossa), retomando o trabalho de Kjelgaard e Speer (1999), esclarecem o seguinte:

Um PB, também conhecido como limite prosódico ou limite de frase entonacional, consiste em um ou mais dos seguintes elementos: uma pausa em uma frase, um tom de limite anterior a essa pausa e o alongamento da palavra antes da pausa.⁴⁶

Nesse sentido, a pausa também compõe esse limite prosódico. Acerca da relação entre os traços fonológicos e as estruturas sintáticas, os autores destacam o seguinte:

Geralmente, *Prosodic Breaks* coincidem com os limites sintáticos (por exemplo, limites entre cláusulas ou frases) em uma frase, embora não exista uma correspondência um para um entre PBs e limites sintáticos. Se um PB coincidir com um limite sintático, o PB pode ajudar os ouvintes a estruturar a frase sintaticamente (BÖGELS *et al*, 2011, p.424, tradução nossa)⁴⁷

Entendemos que, nos casos analisados, a verificação da presença ou ausência desse elemento nos sugere a maneira como tais constituintes da construção estão organizados cognitivamente e, conseqüentemente, materializados na produção oral. Com isso, a depender do grau de integração entre os sintagmas (nominal, verbal, adjetival e sentencial) e “real” e “real oficial”, identificamos o escopo da modalização realizada por tais elementos e agrupamos as ocorrências nos subesquemas. Conforme será demonstrado na seção de análise, os três primeiros subesquemas não apresentam pausa. Dessa forma, a modalização acontece de forma mais pontual e integrada, incidindo sobre os sintagmas nominal, verbal e adjetival. Por outro lado, no quarto subesquema, é possível verificar pausa entre escopo da modalização – caracterizado pelo sintagma sentencial – e “real” ou “real oficial”. Isso nos leva a crer que, no subesquema 4, o escopo da modalização se apresenta de forma menos integrada a “real” e “real oficial”, o que já não ocorre nos demais subesquemas.

Neste trabalho, entendemos, portanto, que a prosódia colabora na definição do escopo sobre o qual “real” e “real oficial” incidem e na verificação da atuação

⁴⁶ Cf.: “A PB, also referred to as prosodic boundary or intonational phrase boundary, consists of one or more of the following elements: a pause in a sentence, a boundary tone preceding this pause and the lengthening of the word before the pause.”

⁴⁷ Cf.: “PBs often coincide with syntactic boundaries (e.g. boundaries between clauses or phrases) in a sentence, although there is no one-to-one correspondence between PBs and syntactic boundaries. If a PB coincides with a syntactic boundary, the PB can help listeners to structure the sentence syntactically”

direta do grau de assertividade revelado pelo falante no ato comunicativo. Vale ressaltar que a importância da análise da prosódia se sustenta na própria definição de construção, por exemplo, de Croft (2001), que propõe que os aspectos da forma de uma construção estão diretamente relacionados aos aspectos da sua função, por um elo simbólico de associação.

Segundo o modelo construcional de Croft (2001), aspectos relacionados à fonologia, à morfologia e à sintaxe dizem respeito à forma da construção, enquanto a semântica, a pragmática e o discursivo referem-se à função. Assim, a prosódia, traço suprasegmental fonético, constitui também um importante componente estrutural da construção.

Em suma, a investigação do traço prosódico nas construções com “real” e “real oficial” em contextos de modalização epistêmica asseverativa mostra-se extremamente relevante, como mostraremos na seção de análise.

4.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Conforme já mencionado, neste trabalho, dedicamo-nos à compreensão de como construções constituídas por “real” e “real oficial” se instanciam e se convencionalizam em contexto de modalização, no *corpus* analisado, a partir dos pressupostos assumidos pela Linguística Funcional Centrada no Uso.

Dessa forma, pretendemos mapear e descrever os diferentes padrões para as construções investigadas, bem como demonstrar as suas relações em uma rede.

A fim de cumprir os objetivos propostos, a organização da nossa análise partiu do levantamento das ocorrências dessas construções modalizadoras no *corpus* investigado. A partir da descrição das ocorrências, chegamos aos padrões construcionais das microconstruções, dos subesquemas e do esquema identificados e propostos neste trabalho. No que se refere à caracterização das ocorrências, lançamos mão do *software* Praat para a análise da forma, visto que a prosódia desempenha papel relevante em contextos de modalização. Entretanto, para fins de apresentação, a seção de análise parte da descrição da construção mais geral até a mais específica, ou seja, se estrutura de maneira inversa. Desse modo, inicialmente, descrevemos o pareamento forma-função que configura o esquema que envolveria

as construções modalizadoras com “real” e “real oficial” no *corpus* sincrônico de análise; em seguida, ocupamo-nos da identificação e da descrição dos padrões construcionais que constituem os subesquemas e as microconstruções; e, por fim, propomos uma rede construcional para as construções modalizadoras com “real” e “real oficial” a partir do recorte realizado dentro do *corpus* analisado.

Destacamos, de modo pontual, que todas as ocorrências foram submetidas à análise acústica por meio do *software* Praat, a fim de averiguar a presença ou a ausência de *break* entre o escopo da modalização e a construção modalizadora. Nesse sentido, entendemos que a presença ou ausência desse traço prosódico são evidências que auxiliam na identificação do foco da modalização feita pelas construções investigadas, além de colaborar para a ordenação e categorização das ocorrências dentro dos subesquemas identificados no *corpus*.

Com base nos dados investigados, quatro subesquemas foram identificados e categorizados a partir de um esquema mais amplo. Tomando o traço prosódico do *break* como relevante nesta análise, os subesquemas se organizam, horizontalmente, da ausência para a presença desse traço, ou seja, os três primeiros subesquemas não apresentam um intervalo significativo de tempo (*break*) entre as produções do escopo da modalização e as construções modalizadoras, diferentemente do que acontece no quarto e último subesquema, em que há esse intervalo. De modo breve e pontual, a seguir apresentamos duas ocorrências, a fim de exemplificar essa diferenciação. Essas amostras referem-se a excertos do subesquema 1 e do subesquema 4, respectivamente. Inicialmente, apresentamos os trechos de fala, uma breve contextualização e análise e, em seguida, de forma mais detalhada, a demonstração da diferenciação entre os subesquemas analisados a partir de capturas de telas do programa Praat. Vejamos esses exemplos:

(9) Gente, eu já, olha, assim, eu tenho uma admiração **REAL**, assim, por ela como profissional. Acho uma grande atriz, grande atriz e uma admiração pessoal muito grande, assim, eu sempre achei você muito, muito querida. (*Corpus* Youtube, 2019)⁴⁸

(10) Quem criou essa série é o mesmo criador de *The Big Bang Theory*, que é o Chuck Lorre. Então, assim, é uma série muito bem escrita e muito bem produzida,

⁴⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8c004zrgMeQ&t=965s>. Acesso em: 8 jan. 2019

sem contar que tem também o Michael Douglas na produção, então, é muito legal. Então, fica a dica. Eu amei essa série, **REAL**. Acabamos as séries e agora vamos aos filmes. (*Corpus Youtube*, 2019)⁴⁹

A ocorrência (9) foi extraída de um vídeo de entrevista entre duas atrizes, em que conversavam sobre suas vidas pessoais e profissionais. No trecho analisado, “real” atua como adjetivo prototípico modificando o substantivo “admiração”. O sentido de veracidade é expresso por esse uso. O falante quer, por meio de sua fala, revelar sua admiração verdadeira ao interlocutor.

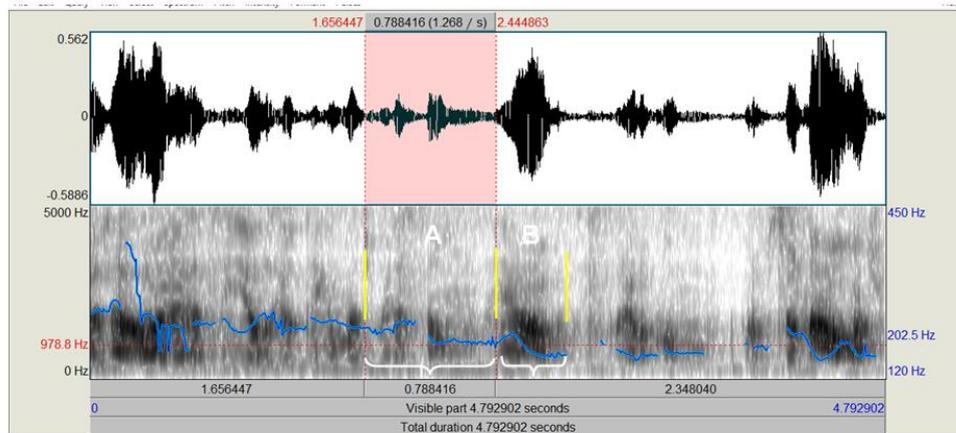
Já o excerto em (10) origina-se de um vídeo em que uma influenciadora digital sugere títulos de filmes e séries para seu público. Nesse caso, o falante, além de apresentar as sugestões, também, revela sua crença acerca de cada filme e série. A construção com “real”, nesse caso, tem como foco da modalização toda a sentença. Ademais, nesse uso, há um comprometimento maior do falante com o que é dito, se comparado ao exemplo em (9).

Com o intuito de demonstrar a característica prosódica distintiva entre os subesquemas, demarcada pela presença e pela ausência de *break*, demonstramos, a seguir duas telas do programa Praat referentes às ocorrências apresentadas acima, pertencentes ao subesquema 1 e ao subesquema 4, respectivamente. Em (9), há ausência de *break*, ou seja, a produção da fala faz-se de forma mais contínua; em (10), há presença de *break*, assim, há um intervalo entre a sentença e a construção modalizadora. As telas que retratam as ocorrências pertencentes ao subesquema 1 apresentam três linhas amarelas indicadoras do início e do término das construções. Por se tratar de uma produção mais contínua, não há um espaçamento entre elas. Já as telas relativas às ocorrências do subesquema 4 evidenciam um intervalo entre as produções de fala da sentença e da construção modalizadora com “real” e “real oficial”. Sendo assim, essas imagens exibem quatro linhas amarelas para delimitar esses elementos. Além disso, representamos, por meio do símbolo de chave ({}), a interação entre os elementos, como se estivessem em blocos.

Vejamos, a seguir, uma amostra da tela da ocorrência (9), pertencente ao subesquema 1:

⁴⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4GMgrCcv1A&t=3s>. Acesso em: 25 mai. 2019

Figura 3 – Representação da ocorrência 9 pelo *software* Praat

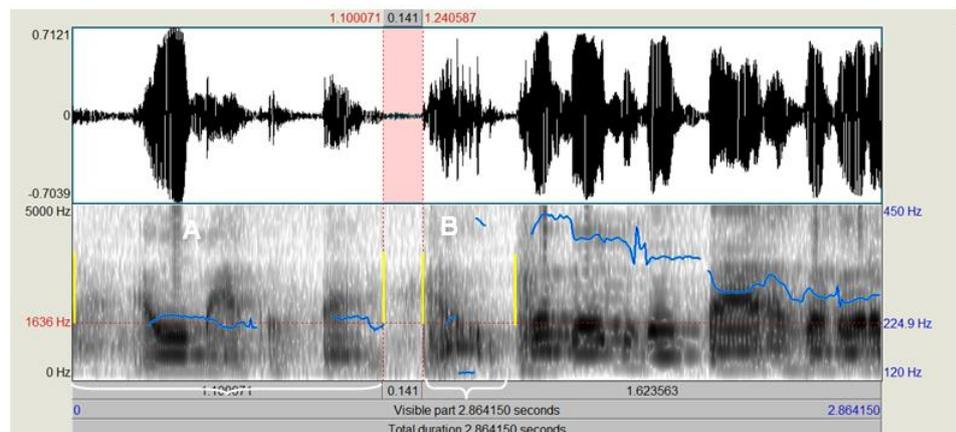


Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

No caso acima apresentado, a faixa destacada em vermelho refere-se à produção do substantivo “admiração”, foco da modalização, enquanto “B” indica a construção modalizadora “real”. Conforme já mencionado, as linhas em amarelo indicam o início e o término das construções. Como não há *break* entre as produções do sintagma nominal e as de “real” e “real oficial”, é possível notar três retas em amarelo, mostrando essa produção mais contínua e integrada.

Em contrapartida, na ocorrência (10), pertencente ao subesquema 4, é possível perceber o intervalo entre as produções das construções, o *break*. Abaixo, a tela do *software* Praat salienta essa diferenciação.

Figura 4 – Representação da ocorrência 10 pelo *software* Praat



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

A imagem acima representa a análise acústica de uma ocorrência pertencente ao subesquema 4, em que há presença de *break* entre a sentença e a construção modalizadora com “real” e “real oficial”. No caso apresentado, a faixa de áudio rotulada pela letra “A” indica a materialização acústica da sentença “eu amei essa série”; no que tange à porção em “B”, a construção modalizadora “real” é representada. As quatro linhas em amarelo delimitam as porções segmentadas. Como é possível notar na imagem, há um intervalo, *break*, entre a produção da sentença e a de “real” de 0,14 segundos, como destacado pela faixa em vermelho. Isso nos leva a crer em uma produção de fala menos integrada entre os elementos, se comparada aos outros subesquemas. Entendemos, portanto, esse intervalo como evidência de que o foco da modalização seja todo o conteúdo da proposição; sendo assim, essa ocorrência encaixa-se ao quarto subesquema.

A partir das evidências acima, entendemos que o *break* se faz relevante na identificação do escopo da modalização, o que nos leva à categorização das ocorrências em subesquemas distintos. Embora tenha sido apresentado nesta seção, a título de ilustração, um exemplo do subesquema 1 em que há ausência de *break*, outros dois subesquemas (2 e 3) também apresentam a essa mesma característica prosódica. Vale reforçar, nesse sentido, a importância da análise acústica na instanciação das construções investigadas, visto que o traço suprasegmental do *break* atua diretamente nos padrões construcionais identificados, conforme será amplamente mostrado e discutido na próxima seção.

5 ANÁLISE DE DADOS

Na presente seção, dedicamo-nos à compreensão de como construções modalizadoras epistêmico-asseverativas com “real” e “real oficial” se instanciam e se convencionalizam na língua. Para tanto, adotamos como referencial teórico os postulados assumidos pela Linguística Funcional Centrada no Uso, conforme apresentado na segunda seção. Com base nessa abordagem, nossos objetivos são: (i) descrever os padrões das construções modalizadoras com “real” e “real oficial”, a fim de identificar os três níveis de esquematicidade propostos por Traugott e Trousdale (2013) – esquema, subesquema e microconstrução –, e (ii) propor uma rede construcional que relacione as construções analisadas de maneira hierárquica.

A fim de cumprir o primeiro objetivo, adotamos o método misto de análise, conforme proposto na quarta seção deste trabalho. Nesse sentido, além do levantamento da frequência de uso, realizamos uma análise qualitativa das ocorrências, pautada tanto no olhar analítico da pesquisadora, com base nas categorias de análise elencadas, como no aspecto prosódico relevante para a modalização – *break* (pequeno intervalo de tempo) –, a partir da utilização do *software* Praat.

Com o intuito de oferecer as informações necessárias para a descrição dos padrões construcionais, seguimos o seguinte percurso analítico na construção desta seção: a) descrevemos, para cada construção em particular, o polo da função e o polo da forma; b) apresentamos a transcrição da fala do excerto analisado, contextualizando a situação comunicativa da qual faz parte; c) tratamos, de modo pontual, das categorias analíticas fundamentais para a descrição e a análise do padrão construcional em questão; d) realizamos uma análise da construção no que se refere ao seu traço prosódico, apresentando uma tela do programa Praat e sua posterior descrição.

Em relação à análise acústica por meio do programa Praat, ressaltamos ser, de fato, fundamental apresentar capturas das telas referentes às ocorrências investigadas a fim de ilustrar a característica prosódica distintiva mais relevante entre os subesquemas: a ausência ou a presença de *break*.

A ausência desse intervalo de tempo entre o foco da modalização e a construção modalizadora pode ser averiguada nos subesquemas 1, 2 e 3, em que a

produção da fala mostra-se mais contínua. Nesses casos, a partir das ilustrações, é possível observar três linhas amarelas que delimitam o início e o término dessas construções. Por outro lado, nas imagens que representam o subesquema 4, em que há presença do *break* entre o escopo da modalização e a construção modalizadora, verificam-se quatro linhas amarelas separando esses segmentos. Além disso, nessas telas, a porção selecionada em vermelho refere-se ao *break*. Em todos os subesquemas, o símbolo de chave ({}) tem o intuito de indicar os sintagmas – foco da modalização – e também as construções modalizadoras com “real” e “real oficial” como blocos, unidades. Em outras palavras, esse símbolo ({}) é utilizado com o intuito de representar essa integração entre os elementos.

Conforme já explicitado na segunda seção, sob a visão da Linguística Funcional Centrada no Uso, assume-se que novas construções surgem a partir de esquemas mais abstratos, os quais se encontram em posição mais hierárquica na rede construcional. Sendo assim, os esquemas apresentam atributos mais gerais comuns aos pareamento forma-função mais específicos; além disso, atuam como exemplares para novas instanciações e são passíveis de serem (re)organizados a partir da convencionalização de novos padrões microconstrucionais.

5.1 ESQUEMA

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), conforme discutido na segunda seção, a rede construcional é constituída por construções de diferentes níveis esquemáticos. No que diz respeito às construções mais abrangentes e esquemáticas, os autores advogam que “os esquemas linguísticos são grupos de construções abstratas, semanticamente gerais, quer de natureza procedural ou de conteúdo” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 14, tradução nossa).⁵⁰

É nesse contexto que assumimos, portanto, de forma mais genérica, que o esquema mais abstrato subjacente às construções com “real” e “real oficial” em contextos de modalização epistêmica asseverativa pode ser simbolicamente representado da seguinte forma: {[S + real/real oficial^{prosódia}]}. Além disso, vale destacar que entendemos essa construção como sendo de natureza procedural.

⁵⁰ C.f.: “In our view linguistic schemas are abstract, semantically general groups of constructions, whether procedural or contentful.”

No que se refere ao outro componente do pareamento, a função, é possível observar a explicitação de um posicionamento do falante com atitude modalizadora epistêmico-asseverativa, conforme ilustrado no quadro abaixo:

Quadro 2 – Representação do pareamento forma-função do esquema

ESQUEMA	
Função	Posicionamento do falante com atitude modalizadora epistêmico-asseverativa
Forma	{[S ⁵¹ + real/real oficial ^{prosódia}]}

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

No que se refere à rede das construções modalizadoras epistêmico-asseverativas com “real” e “real oficial”, o esquema mais genérico e abstrato apresenta elementos tanto em sua forma quanto em sua função. No que se refere aos aspectos funcionais, o esquema revela a modalização epistêmica asseverativa, a partir do posicionamento do falante acerca da proposição, isto é, a partir do seu comprometimento com o que é dito. No caso das construções analisadas no *corpus*, é possível perceber que o falante, a fim de chamar a atenção do interlocutor para aquilo que é dito, utiliza esse padrão construcional para revelar engajamento em relação à proposição. No que tange ao polo da forma, tais construções formam-se a partir de “real” e “real oficial” associados a um sintagma (nominal, verbal, adjetival ou sentencial), apresentando prosódia específica.

Em um nível menos hierárquico de abstração, encontram-se os quatro subesquemas nos quais figuram os padrões microconstrucionais identificados. Os quatro subesquemas identificados se distribuem quantitativamente da seguinte maneira:

Tabela 1 – Frequência dos subesquemas

Frequência dos subesquemas	Total
Subesquema 1	31
Subesquema 2	40
Subesquema 3	8
Subesquema 4	24
Total	103

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

⁵¹ S = sintagma (nominal, verbal, adjetival ou sentencial).

Na seção subsequente, versamos, de modo mais detalhado, acerca das características particulares de cada subesquema, exemplificando-os com ocorrências retiradas do *corpus* investigado.

5.2 SUBESQUEMAS

De forma mais abrangente, o esquema apresenta função modalizadora epistêmico-asseverativa, e sua forma é codificada por “real” e “real oficial” com prosódia específica. Em um nível menor de abstração, encontram-se, organizados por nós, os quatro subesquemas agrupados de acordo com seus traços comuns. Vejamos, de maneira mais sistemática, no quadro a seguir, a descrição desses pareamentos:

Quadro 3 – Representação dos pareamentos forma- função dos subesquemas

SUBESQUEMAS	
<i>Subesquema 1</i>	Função: Atribuir veracidade
	Forma: {[SN ⁵² + real/real oficial ^{prosódia}]}
<i>Subesquema 2</i>	Função: Asseverar uma situação ou um aspecto da realidade ⁵³
	Forma: {[SV ⁵⁴ + real/real oficial ^{prosódia}]}
<i>Subesquema 3</i>	Função: Asseverar uma qualidade
	Forma: {[SADJ ⁵⁵ + real ^{prosódia}]}
<i>Subesquema 4</i>	Função: Asseverar o conteúdo da proposição
	Forma: {[SS ⁵⁶] + [real/real oficial ^{prosódia}]}

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

O posicionamento do falante em relação à proposição, de modo epistêmico asseverativo, configura um traço comum a todos esses subesquemas. Além disso, no que se refere à forma da construção, a presença de “real” ou “real oficial” os torna comuns. Por outro lado, de maneira mais específica, alguns elementos os diferem, distinguindo-os em quatro subesquemas distintos.

Nesse sentido, é possível observar, a partir dos dados do *corpus* analisado, que: (i) o escopo da modalização recobre diferentes sintagmas: nominal, verbal, adjetival ou sentencial – subesquemas 1, 2, 3 e 4, respectivamente; (ii) a focalização

⁵² SN = Sintagma nominal

⁵³ Destacamos que o termo “realidade” não está sendo utilizado aqui como sinônimo de “verdade”, mas sim com o sentido de “mundo externo”.

⁵⁴ SV = Sintagma verbal

⁵⁵ SADJ = Sintagma adjetival

⁵⁶ SS = Sintagma sentencial

realizada pelo falante incide sob o escopo da modalização, de acordo com a classificação dos subesquemas; e (iii) a prosódia colabora na definição do escopo da asseveração feita por “real” e “real oficial” por meio da contiguidade ou não desses elementos – presença ou ausência de *break* (pequena pausa) na produção oral.

Conforme visto na segunda seção deste trabalho, alguns conceitos são caros à LFCU no que se refere à relação entre a língua e seu uso efetivo. Desse modo, a iconicidade faz-se relevante nesse aspecto. Furtado da Cunha *et al.* (2015, p. 21) entendem esse conceito como sendo “a correlação natural entre forma e função, entre o código linguístico (expressão) e seu *designatum* (conteúdo)”. Dito de outra maneira, a iconicidade diz respeito à motivação subjacente à estruturação e organização da língua no ato comunicativo. Nesse sentido, entendemos que a língua não se organiza de forma aleatória, mas, de certo modo, reflete a maneira como o falante compreende e conceptualiza o mundo ao seu redor. A iconicidade, portanto, está envolvida no processo de construção de significado por meio da expressão linguística. Nessa mesma direção, Givón (1984) segmenta a iconicidade em três subprincípios: o da quantidade, relativo ao volume de informação transmitido, o da integração, relativo à proximidade entre os elementos, e o da ordenação linear, relativo à ordem em que esses se dispõem. Sob essa visão, a relação icônica entre os elementos e sua representação linguística pode ser mensurada por esses subprincípios. Isso significa dizer que esses subprincípios interferem na produção da linguagem. Em suma, no que se refere à complexidade, quanto mais complexa for uma estrutura, mais material linguístico será necessário para sua representação; por sua vez, no que diz respeito ao nível de proximidade cognitiva, quanto mais contíguos, mais adjuntos sintaticamente estarão dispostos os elementos; e, por fim, no que se refere à ordem, elementos mais importantes tendem a aparecer primeiro.

Nesse sentido, destacamos aqui o segundo subprincípio elencado por Givón (1984): o da integração. Tal subprincípio prevê que os conteúdos mais cognitivamente próximos também estarão mais integrados no nível da codificação – o que está mentalmente junto coloca-se sintaticamente junto. No caso das construções aqui investigadas, consideramos que as construções modalizadoras com “real” e “real oficial” nos subesquemas 1, 2, e 3 apresentam mais integração cognitiva, se comparados ao subesquema 4. Essa evidência pode ser inferida pelo fato de tais subesquemas não apresentarem *break* entre o escopo da

modalização e as construções modalizadoras. Sendo assim, o falante conceptualizaria esses elementos cognitivamente mais integrados e, conseqüentemente, os codificaria sintaticamente de forma mais contígua. Por sua vez, o subesquema 4 seria conceptualizado cognitivamente de forma menos integrada e, como resultado, o falante ordenaria sintaticamente os elementos que o constituem com a presença de um *break* entre o escopo da modalização e as construções modalizadoras. Portanto, entendemos que o traço prosódico do *break* revela indícios da maneira como esses elementos linguísticos são conceptualizados cognitivamente a partir da observação da produção da fala.

Outro conceito importante para os estudos funcionalistas é a noção de figura e fundo. Conforme já mencionado, a maneira como o falante dispõe os elementos linguísticos não é aleatória; sendo assim, cabe a ele destacar os elementos que lhe convém, a partir de seus propósitos comunicativo-interacionais. Nesse sentido, Pezatti (1994) define e apresenta características de constituintes possíveis para se configurarem como figura e como fundo. Para a autora, a porção da figura refere-se à essência do texto, à estrutura básica. Por outro lado, como fundo, a autora elenca que os elementos que o constituem

1. podem estar em qualquer lugar do discurso, sem obedecer a uma ordem lógica; 2. contribuem para a montagem do cenário, ou melhor, dão suporte para o desenvolvimento discursivo, ampliando ou comentando sua linha principal; 3. possibilitam mudança de tópico e introdução de informação nova, assim como alterações frequentes de sujeito; 4. indicam situações descritivas e estáticas e aspecto imperfectivo; 5. indicam, enfim, estado ou situação necessários para o entendimento de motivos e atitudes do falante. (PEZATTI, 1994, p. 46)

Dentre as características listadas acima, a partir da observação de nossos dados, destacamos os particularidades descritas em 1, 2 e 5. No que se refere às construções por nós averiguada, é possível fazer uma correlação entre (i) o aspecto da mobilidade, haja vista as diferentes posições apresentadas nos subesquemas; (ii) o desenvolvimento discursivo; (iii) o estado e situação necessários ao entendimento das atitudes do falante, refletindo como o falante deseja que o interlocutor interprete tal realidade ou situação expressa pelo escopo da modalização, de forma epistêmica asseverativa.

Nessa mesma direção, caminham os processos de focalização e de relevo, segundo Gonçalves (1998) e Travaglia (2006), conforme visto na terceira seção: o falante, a depender de seu propósito comunicativo, direciona a atenção do interlocutor em relação àquilo que julga ser mais relevante e da maneira que lhe convém. É nesse contexto que entendemos as construções analisadas com “real” e “real oficial” como produtoras de foco ou relevo. A nosso ver, tais construções direcionam a atenção do falante em direção aos sintagmas nominal, verbal, adjetival e sentencial (subesquemas 1, 2, 3 e 4, respectivamente), de modo epistêmico asseverativo. Em outras palavras, o conteúdo expresso por tais sintagmas – como escopo da modalização – apresenta-se como figura, recebendo destaque atribuído pelas construções com “real” e “real oficial”, que, por sua vez, caracterizam-se como fundo.

A seguir, descrevemos, de maneira mais pontual e detalhada, as características específicas de cada subesquema e de suas respectivas microconstruções, exemplificando-os com ocorrências retiradas do *corpus* analisado.

5.2.1 Subesquema 1

Na presente subseção, descrevemos o subesquema 1 e os pareamentos forma-função referentes às microconstruções a ele vinculadas. Observemos, no quadro abaixo, as características que configuram o subesquema 1.

Quadro 4 – Representação do pareamento forma- função do subesquema 1

SUBESQUEMA 1	
Função	Atribuir veracidade
Forma	{{SN + real/ real oficial ^{prosódia} }}
	Prosódia: sem pausa entre o SN e “real” e “real oficial”

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Agrupamos, no subesquema 1, as microconstruções 1.1 e 1.2, que apresentam como característica comum a modalização realizada por “real” e “real oficial” sob um sintagma nominal. Na micro 1.1, “real” funciona, de forma prototípica, como adjetivo, atribuindo ao substantivo um sentido de realidade. Por sua vez, na micro 1.2, “real oficial”, como modalizador epistêmico, estende esse atributo de realidade. Nesse caso, embora o adjetivo “real” revele um sentido realidade, o

falante, a fim de ser mais expressivo e mais convincente, coadunaria “real” e “oficial” com o intuito de imprimir, também, a ideia de veracidade. Em outras palavras, “oficial” fortaleceria, em termos semântico-pragmáticos, o sentido de realidade da construção, revelando uma ancoragem mais intersubjetiva. Além disso, tais construções direcionam a atenção do falante em relação ao escopo da modalização: o sintagma nominal. Nos dados analisados para o subesquema 1, é possível perceber que trinta e uma ocorrências apresentam essas particularidades. Encontramos, no *corpus* de investigação deste trabalho, vinte e duas ocorrências em que “real” atua como adjetivo prototípico junto ao substantivo e nove em que “real oficial” modalizam o substantivo. Ainda, no que se refere à frequência de dados, as microconstruções com “real” mostram-se mais produtivas em comparação às que utilizam “real oficial”, conforme observado na tabela a seguir:

Tabela 2 – Frequência das microconstruções do subesquema 1

Frequência das microconstruções do subesquema 1	Total
Microconstrução 1.1	22
Microconstrução 1.2	9
Total	31

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

No que se refere à configuração dos pareamentos forma-função, temos o seguinte:

Quadro 5 – Representação do pareamento forma-função das microconstruções pertencentes ao subesquema 1

MICROCONSTRUÇÕES DO SUBESQUEMA 1	PADRÃO FUNCIONAL E FORMAL
Micro 1.1	Função: Atribuir veracidade
	Forma: [SN+ real ^{prosódia}] Prosódia: sem pausa entre o SN e “real”
Micro 1.2	Função: Atribuir veracidade Ancoragem [+intersubjetiva] do que a micro 1.1
	Forma: [SN+ real oficial ^{prosódia}] Prosódia: sem pausa entre o SN e “real oficial”

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

5.2.1.1 Microconstrução 1.1

A microconstrução 1.1 refere-se às ocorrências que têm como função asseverar uma realidade expressa pelo substantivo por meio da associação de “real” ao sintagma nominal. Além disso, de modo específico, nesse caso, o traço prosódico de ausência de *break* (pequena pausa na produção oral) entre “real” e o SN colabora na identificação do escopo da modificação. Sendo assim, na ausência de *break*, é possível depreender que “real” é processado de forma mais integrada ao SN.

A seguir, vejamos algumas ocorrências representativas da microconstrução 1.1, em que o adjetivo “real” qualifica o substantivo, asseverando a realidade expressa por ele.

(11) Todo dia, sete horas, estamos aqui, fazendo *live*, conversando com algum convidado ou muitos convidados especiais. Já tivemos... Marina Ruy Barbosa confirmada na quinta-feira com... e Carlinhos Maia também. Temos de tudo, um pouco. Sexta-feira, Peyong estará aqui também presente. Coisa Maravilhosa! Sim, sim, sim! Então já tão, já tão sabendo, já tão entendendo o que está acontecendo e volta e meia a gente ainda recebe aqui umas participações do pessoal que surge: Paulo Vieira, nosso comentarista de *lives*; Lúcio Mauro Filho já apareceu aqui

falando com a gente; Tiago Abravanel já apareceu falando com a gente, de tudo um pouco. O Vitor Sarro recomenda a gente falar com o Compadre Washington e eu digo: ‘por que não, danada, ordinária?’. Vamo nessa! Peyong na sexta, Sandy já já vai entrar. É sempre assim, gente. Aí ó, ó, o pessoal muito desesperado. Segura, a gente está juntando ó, vai aglomerando. Como a gente não pode aglomerar na vida **REAL**, a gente vai aglomerando aqui no instagram ó, juntando gente aqui pra gente pra daqui a pouquinho Sandy entrar. (*Corpus Youtube*, 2020)⁵⁷

(12) Falando sobre a Jéssica, muita gente ficou irritada com a voz dela. Com aquela vozinha de bebê, de criancinha. E uma coisa viralizou no Twitter, a voz **REAL** dela não era aquela. Aquela era a voz de bebê, de namoro que ela fazia, mas era difícil de entender, né, porque não... ela fazia isso muitas vezes. E depois a galera começou a postar no Twitter, comparando a voz real dela, quando ela falava tipo nos depoimentos ou falava sério e a voz de bebê quando ela falava com os caras. (*Corpus Youtube*, 2020)⁵⁸

(13) E aí eu corri de um lado pro outro, resolvi minhas bagaceiras. Quando no final do dia eu precisei ir no supermercado, tirei esse salto, botei um sapatinho mais confortável que, às vezes, eu deixo no carro e fiquei magnânima o dia inteiro. Segundo *look REAL* é exatamente esse que eu estou usando aqui agora, plus uma jaqueta de couro que eu não botei aqui pra gravar. Migs, hoje o dia estava com a temperatura louca. (*Corpus Youtube*, 2020)⁵⁹

A ocorrência (11) foi retirada de um vídeo em que um apresentador de televisão entrevista artistas diversos por meio de *lives* em mídias digitais.

Nesse trecho, o falante apresenta sua agenda de entrevistas ao público espectador, com a intenção de prolongar o tempo de espera para a conversa com a convidada do dia. Em resposta ao público ansioso para o início da *live*, de forma irônica, ele justifica o ato de reunir pessoas de forma virtual em contraste com a mesma situação na vida real, fora das telas. Isso porque, devido à pandemia

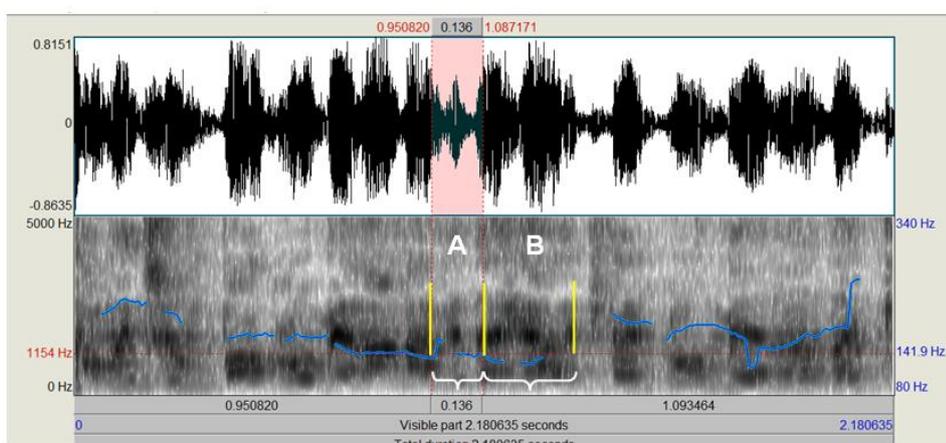
⁵⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9_fQtD7jhMk. Acesso em: 28 mar. 2020

⁵⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ug6-mSBrKyg>. Acesso em: 12 mar. 2020

⁵⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xI9LRx84kQk>. Acesso em: 3 mar. 2020

instalada no cenário global, tem-se evitado a aglomeração de pessoas. Nesse caso, “real” atua como adjetivo qualificativo do sintagma nominal “a vida”, de maneira prototípica. Em outras palavras, “real” atribui uma qualidade ao termo “a vida”, a saber, a de realidade. No que se refere aos traços prosódicos, é possível perceber que, no caso em questão, há a ausência de *break* (pequena pausa na produção oral), o que também nos leva a crer em uma maior integração entre o adjetivo e o substantivo. Vejamos a seguir a tela que ilustra essa ocorrência:

Figura 5 – Representação da ocorrência 11 pelo *software* Praat



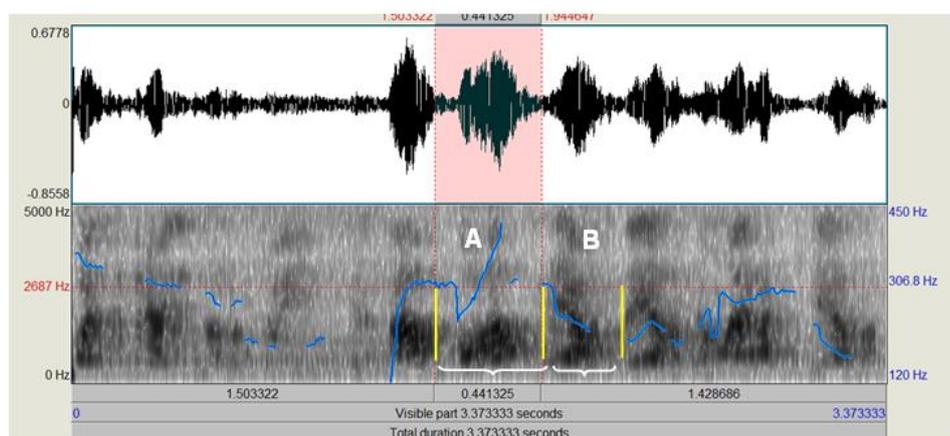
Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

A figura acima é a ilustração de uma ocorrência da microconstrução 1.1, em que “real” comporta-se como adjetivo prototípico. A porção destacada em vermelho, também indicada com os símbolos gráficos de chave ({}), e apontadas pelas letras “A”, refere-se à produção de “vida”. Nesse caso, o sintagma nominal “a vida” é o foco da modalização realizada por “real”, indicado pela porção em “B”. Conforme já mencionado na quarta seção deste trabalho, as três linhas em amarelo sinalizam as fronteiras das construções, ou seja, demarcam o início e o término do sintagma – escopo da modalização –, nesse caso, representado por “a vida”. Sendo assim, é possível notar que, no trecho, a produção de “a vida real” organiza-se de modo mais interligado, sem *break*. Demonstramos, por meio do símbolo de chave ({}), essa maior integração entre os elementos, como se estivessem unidos.

A ocorrência apresentada em (12) foi extraída de um vídeo em que uma apresentadora traz considerações e opiniões acerca de uma série americana sobre casamentos que acontecem entre pessoas que se conhecem por meio de encontros às cegas. Mais especificamente, o falante comenta sobre a diferença na voz de uma

das participantes, que, em situações românticas, alterava o tom de voz. Assim, ela faz uma comparação entre a voz normal e a voz característica da personagem. Para se referir à voz natural, àquela que a personagem usa em situações cotidianas, o falante utiliza o adjetivo “real”, atribuindo esse valor de realidade ao sintagma nominal “a voz”. No que se refere à integração desses elementos, “real” e “a voz” mostram-se interligados, não apresentando *break*. Vejamos a seguir:

Figura 6 – Representação da ocorrência 12 pelo *software* Praat



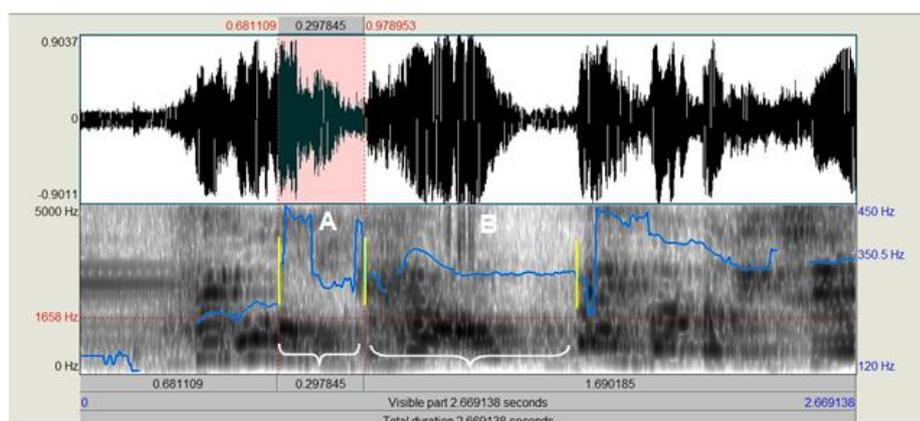
Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

A imagem acima ilustra a análise acústica da ocorrência em (12), em que “real” atua como adjetivo prototípico. A porção destacada em vermelho, também apontada pela letra “A”, corresponde ao sintagma nominal “a voz”. Já na outra porção, em “B”, temos a produção de “real”. Nesse contexto, o sintagma nominal “a voz” recebe a modalização feita por “real”, de forma mais integrada. Essa associação pode ser verificada pela maneira como esses elementos se organizam, sem *break*. A ausência desse intervalo é percebida pela continuidade das construções, ilustrada pelas linhas demilitadoras. As três linhas em amarelo sinalizam os limites das construções, ou seja, marcam o início e o término do sintagma – escopo da modalização – e “real”. Por meio desse recurso, é possível observar como esses elementos organizam-se forma integrada. Demonstramos, por meio do símbolo de chave (*{*), essa maior integração entre os elementos, como se estivessem unidos. Embora haja um descontínuo na linha em azul, ilustração da fala, o que poderia ser confundido com um intervalo, não consideramos essa interrupção como *break*, pois, ao rodar o programa, é possível ouvir a produção final (*/s/*) de “voz”. Sons produzidos com tom mais fraco ou sons desvozeados, como no caso de */s/* em “voz”, nem sempre aparecem no desenho ilustrado pelo contorno em

azul; entretanto, são audíveis e captados pela ferramenta do programa. Conforme demonstrado acima, é possível notar que o trecho destacado, “a voz real”, coloca-se em uma produção mais interligada e contínua, sem *break*. Portanto, nesse caso apresentado, “real” atua como adjetivo prototípico, cujo escopo é o sintagma nominal “a voz”.

O exemplo que ilustra a ocorrência em (13) foi verificado em um vídeo de dicas de moda. Em sua fala, a jornalista e influenciadora exhibe tendências das passarelas criadas a partir de combinações de roupas de uso cotidiano. No trecho analisado, o falante mostra imagens de seu *look* (combinação de roupa) que usará em um dia comum. Nesse contexto, “real” qualifica “*look*”, imprimindo um sentido de mais ancorado na realidade. Sendo assim, “real” refere-se à realidade atestada por meio das imagens. Desse modo, o falante tem a intenção de comprovar que a combinação mostrada pelo falante é passível de ser usada na realidade, de acordo com os argumentos expostos por ele em seu discurso. No que se refere ao traço prosódico, não há *break* entre os termos, favorecendo maior integração entre eles. Vejamos na imagem a seguir:

Figura 7 – Representação da ocorrência 13 pelo *software* Praat



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

A figura acima apresenta a análise acústica da ocorrência (13), “look real”, em que “real” desempenha papel de adjetivo prototípico. O segmento destacado em vermelho corresponde a “look”. Já no trecho em “B”, verificamos a produção de “real”. Em (13), o sintagma nominal “look” é o alvo da modalização feita por “real”. Como é possível perceber acima, há três linhas em amarelo, as quais apontam os extremos das construções, ou seja, demarcam o início e o término do sintagma,

“look”, e a construção modalizadora, “real”. Desse modo, é possível notar que o segmento referente à produção de “look real” organiza-se de maneira contínua, sem *break*. Essa continuidade é representada por meio do símbolo de chave ({}). Em vista disso, por meio da análise acústica da fala, demonstrada pela tela do programa Praat, entendemos que a ocorrência aqui analisada encaixa-se na microconstrução 1.1, em que “real” atua como adjetivo prototípico de forma mais integrada ao sintagma nominal, foco da modalização realizada pelo modalizador.

5.2.1.2 Microconstrução 1.2

Na presente subseção, descrevemos a microconstrução que apresenta como característica comum a modalização realizada por “real oficial” em relação a um sintagma nominal. Nesse caso, “real” funciona, de forma prototípica, como adjetivo, atribuindo ao SN um sentido de realidade, e “oficial”, de forma também epistêmica, estende esse atributo, imprimindo também a ideia de veracidade. Embora o adjetivo “real” revele um sentido de realidade, o falante, a fim de ser mais expressivo e mais convincente, coadunaria “real” e “oficial” com intuito de reforçar essa ideia. Nesse caso, “oficial” reforça, em termos semântico-pragmáticos, o sentido de legitimidade da construção. Portanto, em sua forma, esse padrão construcional é composto por um sintagma nominal modificado pelo adjetivo “real”, que, por sua vez, é reforçado por “oficial”. Já em sua função, percebe-se a atribuição de um valor de veracidade em relação ao sintagma nominal e uma ancoragem mais intersubjetiva. Desse modo, “real oficial” atua de forma interligada, como um *chunk*, nos termos de Bybee (2016), isto é, como duas unidades utilizadas e conceptualizadas de maneira conjunta, como unidade de processamento.

Em nossos dados, verificamos nove ocorrências desse padrão construcional. Consideramos que as ocorrências em que “real” e “oficial” atuam juntos como modalizadores apresentam uma ancoragem mais intersubjetiva do que as ocorrências pertencentes à micro 1.1. Neste padrão construcional, é possível notar uma preocupação do falante com a interação. A depender de seu propósito comunicativo – em geral, o de convencer o interlocutor acerca da veracidade e legitimidade de algo –, o falante utiliza essa construção a fim de ser mais expressivo e convincente. Desse modo, o falante revela sua crença diante daquilo que ele

assume como real, verdadeiro ou legítimo e utiliza estratégias para alinhar a interpretação do interlocutor à sua. Essa atenção com o ato de interação a serviço de propósitos comunicativos específicos é um recurso de intersubjetividade. Nesse sentido, conforme já discutimos na segunda seção deste trabalho e reforçamos aqui, entendemos intersubjetividade nos termos de Traugott (2003, tradução nossa):

Intersubjetividade é a expressão explícita da atenção do falante/escritor com o 'eu' do interlocutor/leitor tanto no sentido epistêmico (prestando atenção às atitudes pressupostas ao conteúdo do que é dito) quanto no sentido mais social (prestando atenção as suas 'faces' ou as 'necessidades de imagem' associadas à posição social e à identidade)⁶⁰

Portanto, é nesse contexto que consideramos as construções com “real oficial” como sendo mais intersubjetivas por revelarem essa atenção do falante em relação ao conteúdo que é dito.

Vejamos algumas ocorrências representativas da microconstrução 1.2:

(14) F: esse quadro é um quadro em que as pessoas mandam os dilemas dela amorosos pra gente

J: e a gente resolve

F: e a gente tenta ajudar

E: como se a gente soubesse alguma coisa da vida

J: a gente vai ajudar muito

E: mas é bom a gente deixar claro que não somos psicólogos e que é só um achismo aqui, tá, gente?! Se você está com um problema **REAL OFICIAL** talvez não seja aqui

J: não se sinta influenciada

E: Exato!

F: não damos receita (*Corpus Youtube*, 2018)⁶¹

⁶⁰ C.f.: “Intersubjectivity is the explicit expression. of the SP/W’s attention to the ‘self’ of addressee/reader in both an epistemic sense (paying attention to their presumed attitudes to the content of what is said), and in a more social sense (paying attention to their ‘face’ or ‘image needs’ associated with social stance and identity)”

⁶¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AGUUEZ_OMFM&t=73s. Acesso em: 15 jul. 2019

(15) E: Desde o ano passado, a Thássia Naves fez festa de noivado e fez casamento

F: é chá bar

E: chá bar, é casamento, esse foi o segundo, inclusive. Esse é o segundo casamento. Ano passado, a gente fez aqui a análise do noivado dela, então, se você não assistiu, vou deixar o *link* aqui na descrição. Aqui em cima também tá, pra você assistir. Mas o que importa é o casamento **REAL OFICIAL**.

F: sim, gente, a gente ia até fazer um vídeo antes, no casamento anterior, que ela estava com aquele vestido lá que parecia uma história de terror.

F: Horrível! (*Corpus Youtube, 2019*)⁶²

(16) M: Eu nunca fiquei brava por terem divulgado algo sobre mim que eu não queria que fosse divulgado...

M: sim! Também, mas mais brava ainda eu fico quando divulgam um negócio que é mentira porque aí, a mentira vira verdade, todo mundo replica e na hora que, tipo, vão dar a nota **REAL OFICIAL**, ah, qual nome? Ah!

M: jornalista?

MR: não, tipo...uma... quando ... ih!

B: ih!

M: quando vão replicar?

M: não! Quando vai dar... não, tem um nome específico quando vai dar a nota real

M: crédito?

B: ah! tem um nome...ah! esqueci, mas eu sei... num é ... eu sei! Eu sei!

M: Rita!

B e M: que Rita?

M: é o nome do negócio.

B: quem é Rita?

M: não sei! Renan?

B e M: Não!

M: não é nome de gente

B: não é o nome da pessoa, é quando você vai dar a nota verdadeira ... é a errata...

⁶² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VIm-LTIPoTQ>. Acesso em: 17 nov. 2019

M: errata!

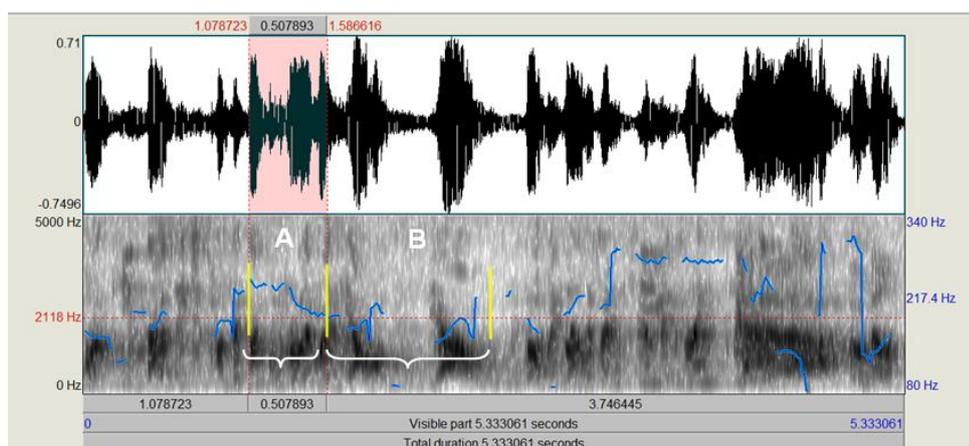
B: porra!

M: é isso! Tim tim [bate garrafas] (*Corpus Youtube*, 2017)⁶³

O excerto (14) foi retirado de um vídeo em que a interação comunicativa acontece entre três participantes. Nesse vídeo, os falantes respondem a questões amorosas dos internautas, ou seja, dão conselhos e expõem suas opiniões acerca de uma questão. Diante da responsabilidade de dar conselhos acerca da vida alheia, o falante tenta minimizar sua responsabilidade sobre essa situação, alertando o interlocutor de que ali eles só estão apresentando suas opiniões sem embasamento teórico e que, caso ele apresente um problema “verdadeiro”, “legítimo”, não deveria se sentir influenciado. Nesse sentido, para salientar a veracidade do “problema”, o falante coaduna “oficial” e “real”, que, juntos, modalizam o SN. Portanto, a modalização epistêmica é desempenhada por “real oficial”, que, coadunados, tem como escopo da modalização o sintagma nominal “um problema”. No que tange à sua função, essa construção revela um posicionamento asseverativo do falante em relação ao sentido expresso pelo SN. Nesse caso, o falante mostra-se mais expressivo, direcionando a atenção do interlocutor para a veracidade do “problema” e, ao mesmo tempo, preocupando-se com sua face na interação e tentando minimizar sua responsabilidade ao apresentar sua opinião. É nesse sentido que consideramos “real oficial” mais intersubjetivo.

Vale ressaltar que, em termos formais, conforme já destacado, a prosódia relaciona-se, de forma direta, à modalização e, nos casos aqui analisados, é fator fundamental para a delimitação do escopo de tais advérbios. A continuidade na produção de “um problema”, “real” e “oficial” nos leva a crer que tais elementos se dispõem de forma mais integrada. Sendo assim, é possível verificar a atuação de “real oficial” em relação a “um problema” pela ausência de *break* entre o sintagma nominal e seu modalizador. Essa evidência pode ser averiguada na imagem abaixo obtida por meio do programa Praat.

⁶³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZkMHLObffc0&t=7s>. Acesso em: 20 mai. 2018

Figura 8 – Representação da ocorrência 14 pelo *software* Praat

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

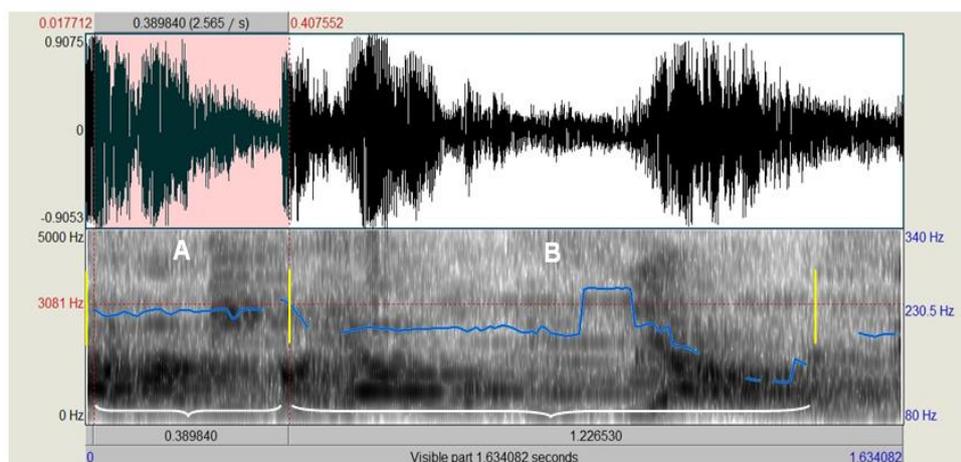
A parte indicada com o símbolo gráfico de chave ({} e sinalizada pela letra “A” refere-se à produção de “um problema”, enquanto “B” à produção de “real oficial”. A partir da leitura da tela acima, pode-se perceber o sintagma nominal “um problema”, destacado em vermelho, como o foco da modalização realizada por “real oficial”, de modo contínuo. Nesse sentido, as três linhas em amarelo demarcam a construção: o sintagma nominal – escopo da modalização, representado, nesse caso, por “um problema” – e “real oficial”. Dessa maneira, é possível notar essa proximidade entre a produção de “um problema” e a de “real oficial”, organizando-se de modo contínuo, sem *break*. A linha em azul mostra-se descontínua na porção em “real oficial” devido aos sons desvozeados em /f/ e /s/. Conforme demonstrado na imagem acima, há ausência de *break* entre “um problema” e “real oficial”, bem como entre “real” e “oficial”, o que nos indicaria uma conceptualização mais integrada. Desse modo, entendemos que o foco da modalização realizada por “oficial” incide sobre “real” e que, juntos, “real oficial”, formando um *chunk*, atuam sobre “um problema”, de maneira mais pontual. Em termos semântico-pragmáticos, embora o adjetivo “real” revele sentidos tais como os de “veracidade” e de “realidade”, o falante, a fim de ser mais expressivo e convincente, associa “oficial” com intuito de reforçar essa ideia subjacente. Nesse caso, “oficial” reforça a ideia de “autenticidade” e de “factualidade” da construção.

Já em (15), a interação acontece entre dois participantes; entretanto, também é direcionada ao interlocutor-espectador, ou seja, ao público que assistirá ao vídeo. Na conversa, os locutores apresentam suas opiniões acerca das festas realizadas por pessoas famosas. No vídeo em questão, eles analisam imagens da festa de

casamento da blogueira Thássia Naves. Ao longo da argumentação, com certo tom de ironia, os falantes listam várias festas que a blogueira já fizera, tais como a de chá bar, a de noivado e a de seu outro casamento, enfatizando o fato de ela constantemente fazer festas. Diante dessa variedade de eventos citados por eles, a fim de demarcar a relevância da análise que eles fariam naquele vídeo em questão, os locutores coadunam “real oficial” e “o casamento” com o intuito de imprimir legitimidade àquele casamento que eles analisariam no vídeo, visto que era o “verdadeiro”, segundo a opinião deles. Sendo assim, os locutores, para imprimirem o sentido de “ser o oficial” e de “autenticidade”, modalizam o sintagma nominal por meio de “real oficial”. No que se refere aos propósitos comunicativos da construção, o posicionamento do falante, sua opinião acerca do casamento – como oficial e verdadeiro – subjaz ao uso dessa construção. Nessa direção, o locutor, de forma epistêmico-asseverativa, assume a “veracidade” e a “autenticidade” daquele casamento que seria por eles analisado, antecipando qualquer possível questionamento do interlocutor. Novamente, é nesse contexto que consideramos este padrão construcional como mais ancorado na intersubjetividade.

Assim como na amostra anterior, entre a produção do sintagma nominal “o problema” e “real oficial” não há intervalo significativo de tempo separando essas duas unidades. Portanto, novamente, a investigação prosódica sugere que o escopo do modalizador “real oficial”, nesse caso, incide sobre o sintagma nominal. A fim de ilustrar melhor essa integração e a atuação pontual da modalização, demonstrada pela ausência de *break*, apresentamos, a seguir, uma tela da análise acústica de tal ocorrência.

Figura 9 – Representação da ocorrência 15 pelo *software* Praat



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

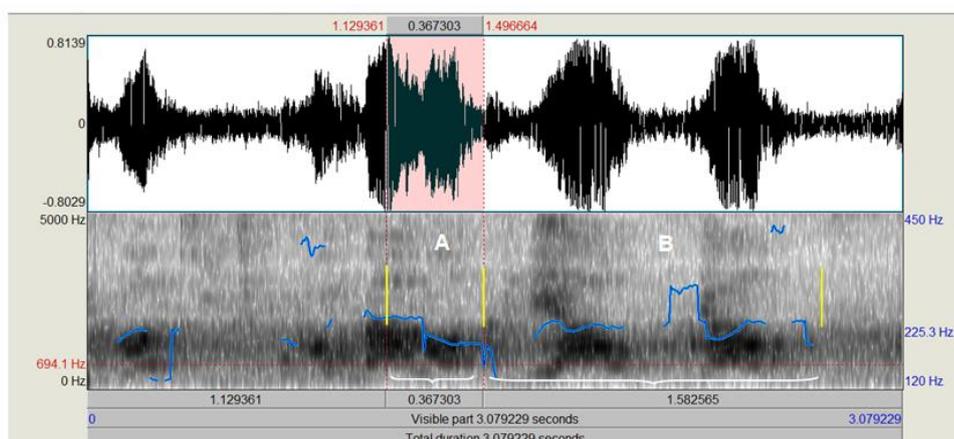
Na imagem acima, é possível observar a produção oral de “o casamento” destacada pela a faixa em vermelho; já na porção identificada pela letra “B”, averiguamos a produção de “real oficial”. Nessa amostra, “o casamento” é o foco da modalização realizada por “real oficial”. De acordo com os parâmetros de análise já explicitados na metodologia desta pesquisa, as três linhas em amarelo desenharam o início e o término do sintagma – escopo da modalização – e “real oficial”, respectivamente. Nesse sentido é possível notar que o segmento sob análise organiza-se de modo mais interligado, sem *break*. Delineamos esses elementos em blocos, por meio do símbolo de chave ($\{\}$), a fim de representar essa associação.

Em (16), a interação ocorre entre três participantes, um influenciador digital e duas atrizes. Nesse vídeo, eles fazem um jogo cujo objetivo é explicitar ações que já ocorreram ou não em suas vidas. Se o participante já tiver realizado tal ação sorteada no jogo, ele bebe um pouco de cerveja; caso contrário, não. Em ambas as circunstâncias, os participantes fazem comentários sobre as situações apresentadas. É nesse contexto que a ocorrência (16) foi extraída. Nesse caso, um dos participantes questiona sobre a possibilidade de já terem ficado bravos com divulgações não consentidas. Em seguida, as participantes respondem ao questionamento. A construção analisada em (16) é proferida por uma das participantes ao argumentar que já ficou brava com esse tipo de divulgação, mas se incomoda mais com as falsas notícias a seu respeito, porque aquilo que é mentira se passa por verdade – e, quando isso acontece, em seu contexto artístico, seus assessores costumam divulgar uma nota como errata acerca do assunto. Ao se

referir a esse tipo de divulgação, a atriz esquece o nome “errata” e utiliza a construção “a nota real oficial” como sinônimo. O falante assevera uma realidade expressa pelo sintagma nominal “a nota”, associando a ele “real oficial”, a fim de imprimir um sentido de veracidade. Embora os termos “real” e “oficial” estejam ancorados nesse sentido mais amplo de realidade e veracidade, nesse caso, o falante coaduna esses dois elementos. Juntos, “real oficial” apresentam um sentido mais fortalecido acerca da noção de legitimidade. Esse entendimento é compartilhado entre os participantes, visto que é possível observar, nas falas subsequentes, que a outra atriz, ao lembrar a palavra mais adequada ao contexto (“errata”), usa “nota verdadeira” como opção alternativa à palavra esquecida. Nesse caso, a construção com “real oficial” mostra-se mais ancorada na intersubjetividade, revelando o posicionamento do falante e sua preocupação com a interação. A função aqui estabelecida é asseverar uma realidade com o intuito de demarcar a veracidade e autenticidade de “nota”.

No que se refere à forma dessa construção, o sintagma nominal é modificado por “real oficial”, que atuam de forma conjunta. Além disso, como característica comum às microconstruções deste subsquema, a prosódia também desempenha papel fundamental na identificação do escopo da modalização. Nesse sentido, “a nota real oficial” também é produzido de forma contínua, sem *break* entre seus elementos, conforme observamos a seguir:

Figura 10 – Representação da ocorrência 16 pelo *software* Praat



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

A figura acima ilustra a produção oral de “a nota real oficial”. A faixa destacada em vermelho refere-se ao sintagma nominal “a nota”, enquanto a porção

rotulada em “B” indica “real oficial”. Nesse excerto, a modalização feita por “real oficial” incide sobre o sintagma nominal “a nota”, de forma mais pontual. Entendemos que essa integração entre “a nota” e “real oficial” pode ser percebida pela continuidade da produção, sem a presença de *break*. Pode-se observar essa continuidade pelas três linhas em amarelo que sinalizam os limites do sintagma nominal “a nota” e “real oficial”. Ademais, assinalamos as construções com o símbolo de chave ({} a fim de representar essa maior integração entre os elementos. Embora a linha azul apareça descontínua no segmento de “real oficial”, o que poderia ser interpretada como *break*, não entendemos aqui como esse intervalo, visto que, ao rodar o programa, é possível perceber a produção contínua. A descontinuidade da linha azul em “B” refere-se aos sons mais fracos e/ou desvozeados como /f/ e /s/ em “oficial”.

5.2.2 Subesquema 2

Na presente subseção, descrevemos o subesquema 2 e os pareamentos forma-função referentes às microconstruções a ele vinculadas. Observemos, no quadro abaixo, as características que configuram o subesquema 2.

Quadro 6 – Representação do pareamento forma-função do subesquema 2

SUBESQUEMA 2	
Função	Asseverar uma situação ou um aspecto da realidade
Forma	{[SV + real/real oficial ^{prosódia}]} Prosódia: sem <i>break</i> entre o SV e “real” e “real oficial”

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

O subesquema 2 refere-se ao grupo de microconstruções cuja forma constitui-se pela associação de “real” e “real oficial” a um sintagma verbal. De modo geral, a partir dos dados analisados, percebe-se que os verbos recrutados para ocupar o sintagma verbal aparecem no tempo presente, no tempo passado ou no gerúndio. Além disso, em alguns casos, apresentam propriedade escalar, ou seja, são passíveis de gradação. Ainda no que se refere à forma, é possível observar traços prosódicos específicos comuns a essas construções, tal como a maneira como “real” e “real oficial” são produzidos – de forma conjunta ao sintagma, sem

break. Portanto, a análise prosódica auxilia na investigação da definição do escopo da modalização realizada por essas construções, revelando que o foco da modalização recai sobre o verbo. Em relação ao polo funcional, conforme mencionado, as microconstruções pertencentes ao subesquema 2 apresentam como função a asseveração de uma situação ou de um aspecto da realidade, em que o falante imprime seu posicionamento em relação ao que é enunciado de forma asseverativa. Ademais, nesses casos, “real” e “real oficial” focalizam o alvo da modalização: o sintagma verbal. Isso significa dizer que uma situação ou um aspecto da realidade expressos pelo verbo recebem relevo. Nesse sentido, Gonçalves (1998, p. 32) argumenta que “o constituinte focalizado vem a ser, dessa maneira, a parcela do texto apresentada como a mais informativa/relevante para a audiência”. E, nesse contexto, tais modalizadores orientam a atenção e, conseqüentemente, a interpretação do interlocutor.

Em nossa amostra, verificamos quarenta ocorrências representativas do subesquema 2; sendo trinta e oito pertencentes à microconstrução 2.1 e quatro à microconstrução 2.2.

Tabela 3 – Frequência das microconstruções do subesquema 2

Frequência das microconstruções do subesquema 2	Total
Microconstrução 2.1	38
Microconstrução 2.2	2
Total	40

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

A partir dos resultados apresentados na tabela acima, é possível verificar que as microconstruções com “real” são mais produtivas que as formadas por “real oficial” nesses contextos. As ocorrências direcionam-se a partir de um sentido mais pautado na realidade concreta a outro mais abstrato e intersubjetivo. Nesses casos, o aumento de intersubjetividade é percebido pelas construções com “real oficial”.

Abaixo, descrevemos o pareamento forma-função referente às duas microconstruções encontradas no *corpus* analisado, as quais, conforme assumimos, estão vinculadas ao padrão construcional que configura o subesquema 2. Observemos, no quadro abaixo, as características dos dois padrões microconstrucionais identificados:

Quadro 7 – Representação do pareamento forma-função das microconstruções pertencentes ao subsquema 2

MICROCONSTRUÇÃO DO SUBESQUEMA 2	PADRÃO FUNCIONAL E FORMAL
Micro 2.1	Função: Asseverar uma situação ou um aspecto da realidade Forma: {[SV + real ^{prosódia}]} Prosódia: sem <i>break</i> entre o SV e “real”
Micro 2.2	Função: Asseverar uma situação ou um aspecto da realidade Ancoragem [+intersubjetiva] do que a micro 2.1 Forma: {[SV + real oficial ^{prosódia}]} Prosódia: sem <i>break</i> entre o SV e “real oficial”

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

5.2.2.1 Microconstrução 2.1

Na microconstrução 2.1, agrupamos as ocorrências que têm como função asseverar uma situação ou um aspecto da realidade a partir da associação entre um sintagma verbal e “real”.

A seguir, vejamos algumas ocorrências representativas da microconstrução 2.1.:

(17) F: Quando a gente fez o clipe, você tava, você não comia mais glúten, você não comia mais um monte de coisa, isso manteve?

L: na gravidez? Que isso! Eu só pensava assim ‘por que nao dois’? Por que não dois? Ah! Quero uma sobremesa, por que não duas? Eu pedia duas. Uma vez eu pedi aplicativo de comida, chegava eu achava pouco, eu falava ‘gente, como é pequeno isso!’, pedia de novo.

F: eu tô, eu tô... sou eu e mais um, eu tenho que comer por dois

L: por dois, cara!

F: faz todo sentido!

L: eu comi a vida, eu comi o mundo... quando as pessoas falavam: ‘ah você tá inchada’, ‘eu não tô inchada, bem, tô pagando o preço porque eu comi **REAL**, eu comi tudo’

F: ele nasceu lindo, saudável, lorinho

L: de olho azul

F: mas será que não muda a cor? (*Corpus Youtube*, 2019)⁶⁴

(18) Tava ali chorando e eu preciso compartilhar isso com vocês. Porque, cara, eu tô chorando **REAL**. Minha filha tá deitada na caminha dela lendo pra filhinha dela e dormindo, gente. As duas juntinho, gente. (*Corpus Youtube*, 2019)⁶⁵

(19) Meu deus, que lindo! Olha isso! Nossa, amei! amei! Não tem, não tem um brilho que eu não goste assim. Só acho que esse brilha de rosa ele tinha que ser mais aparente, sabe?! Ele é tão sutil, ele é tão lindo que você tem vontade tipo ‘ai, quero mais desse brilho rosa’. Ele é muito, muito sutil. De perto no espelho, eu consigo enxergar os brilhos rosa, mas assim é muito sutil. Pra pessoa conseguir enxergar ela tem que chegar assim em você e ficar olhando pro seu olho. Ele é tão lindo esse rosa, pena que não aparece mais, ficou um erro aí, ficou um erro, porque esse rosa é maravilhoso, amigas, eu queria mais dele. Amei **REAL!** ele é super fininho. (*Corpus Youtube*, 2019)⁶⁶

O excerto analisado em (17) foi retirado de um vídeo em que a interação acontece entre duas mulheres, uma apresentadora e uma cantora famosa. Os assuntos abordados são diversos; no entanto, no momento em que a falante utiliza a construção com “real”, elas conversam sobre sua alimentação durante a gravidez. A entrevistadora lista algumas restrições alimentares que a cantora praticava e pergunta se houve alguma mudança em seus hábitos. Para salientar as diferenças entre seus padrões alimentares antes e durante a gestação, a falante utiliza “real” para asseverar sua atitude, ou seja, o fato de ela ter comido exacerbadamente durante esse período. Sendo assim, assumimos que, ao enunciar “eu comi real”, a atitude revelada pelo verbo “comer” é modalizada de forma epistêmico-asseverativa por “real”, que atua como advérbio modalizador.

Vale ressaltar que a intensidade da expressividade do falante também pode ser verificada nas expressões “eu comi a vida”, “eu comi o mundo”, ao entorno de

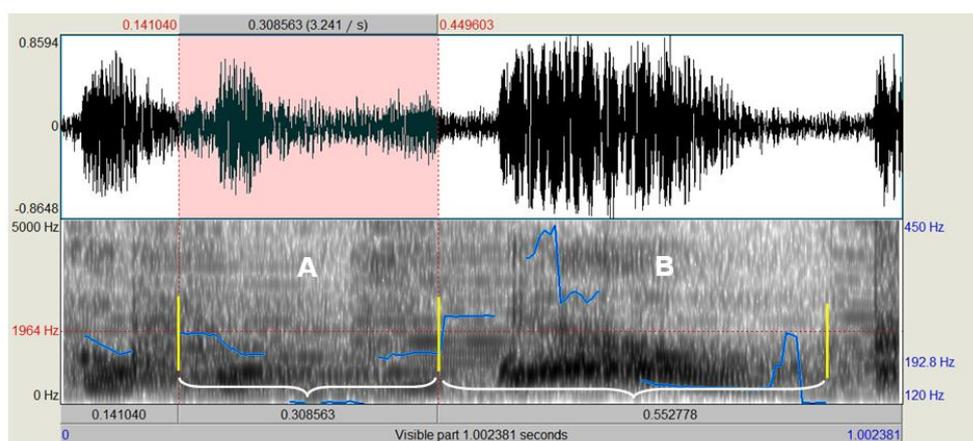
⁶⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=F4oR_Dlzz2k . Acesso em: 8 out. 2019.

⁶⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0QVntrXHylA>. Acesso em: 4 fev. 2020.

⁶⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yv4gbT5e7xc&feature=youtu.be>. Acesso em: 5 dez. 2019.

sua fala. Dessa forma, ao longo de toda a interação, é possível observar elementos que revelam a intenção do falante em asseverar, de convencer o interlocutor de que ela de fato comeu demais durante a gravidez, diferentemente do que fazia antes, revelando um certo grau de (inter)subjetividade. Além disso, ao deixar essas marcas asseverativas, o falante imprime seu posicionamento em relação à proposição e sua preocupação com uma possível interpretação do interlocutor. Desse modo, ele salienta que essa diferença entre seus hábitos alimentares reforça a ideia de que comeu de forma exagerada, sem deixar espaço para possíveis dúvidas do interlocutor. No que diz respeito à forma, entendemos que “real”, nesse contexto de modalização, incide sobre “comi”. Sendo assim, a análise de traços suprasegmentais, tal como a maneira como “real” é produzido na fala – de forma conjunta ao verbo, sem *break* – nos ajuda a inferir que a modalização ocorre de forma mais local sobre o verbo, diferentemente do subesquema 3, que apresentamos mais adiante. Nesse sentido, a prosódia é relevante na definição do escopo da modalização. Vejamos a seguir a imagem da tela retirada do programa Praat, a fim de ilustrar melhor as características formais dessa construção.

Figura 11 – Representação da ocorrência 17 pelo *software* Praat



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

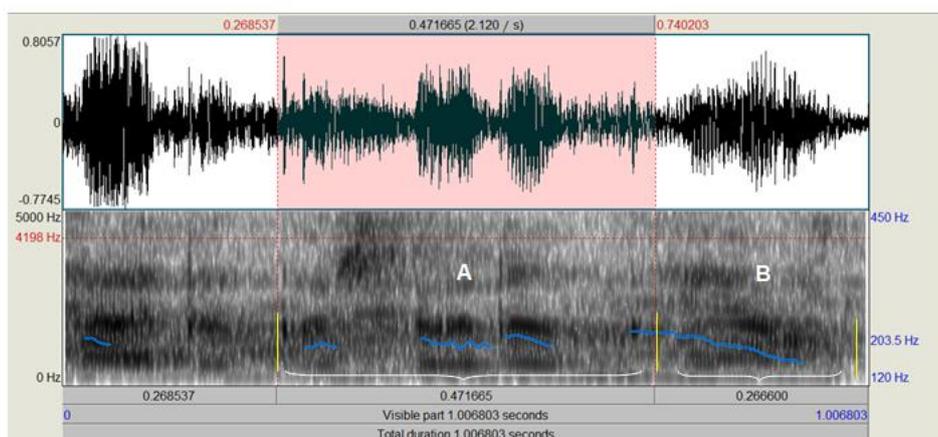
Conforme ilustrado acima, a faixa de áudio selecionada e destacada em vermelho e rotulada pela letra “A” refere-se à produção de “comi”, escopo da modalização realizada pelo fragmento apontado pela letra “B”, “real”. O início e o término das palavras são delimitados pelas linhas em amarelo. Sendo assim, “comi real” é produzido de forma conjunta, oferecendo pistas de que o foco da modalização realizada por “real” incide sobre “comi”, de maneira mais localizada.

Desse modo, a intenção subjacente é reforçar a ação expressa pelo verbo, revelando, assim, seu posicionamento de forma asseverativa.

Além disso, é possível observar na imagem três retas em amarelo, cuja função é representar o início e o término do sintagma “comi”, escopo da modalização, e o modalizador “real”. A partir desses dados, é possível notar que esse segmento, “comi real”, organiza-se de modo mais integrado, sem *break*. Com o intuito de simbolizar a integração desses elementos em blocos, utilizamos o sinal gráfico de chave ({}).

Já a ocorrência (18) foi retirada de um *vlog* em que uma blogueira mostrava seu cotidiano familiar. Em um dado momento, sua filha brincava com bonecas como se fosse realidade; vendo isso, a mãe se emociona com a cena e resolve mostrar para o público. A fim de dizer que, de fato, estava muito e verdadeiramente emocionada com o ocorrido, ela utiliza “real” juntamente à locução verbal “tô chorando”, modalizando, assim, a sua fala. Nesse caso, “real” assevera a ação de “estar chorando”. Assim como a ocorrência anterior, entre a produção do sintagma verbal “tô chorando” e a de “real”, não há intervalo substancial de tempo, *break*, separando essas duas unidades. Sendo assim, novamente, a análise prosódica sugere que o escopo do modalizador “real”, nesse caso, incide sobre a situação expressa pelo verbo. Ainda no que se refere à investigação da prosódia nesse caso, a seguir apresentamos uma tela do programa Praat com a análise acústica do trecho em questão.

Figura 12 – Representação ocorrência 18 pelo *software* Praat



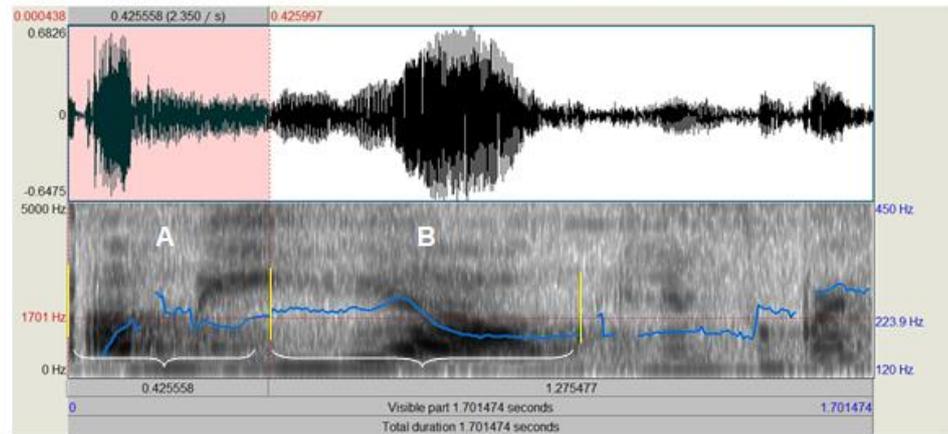
Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Na imagem acima, é possível perceber como a produção de “tô chorando” faz-se mais integrada à de “real” devido à ausência de *break*. A faixa destacada em vermelho refere-se à produção do sintagma verbal “tô chorando”, enquanto, em “B”, temos a produção de “real”. Conforme já explicitado anteriormente, as três linhas em amarelo sinalizam as fronteiras das construções. Além disso, a linha em azul demonstra o desenho entonacional dessa produção. No caso apresentado, essa linha, por vezes, mostra-se descontínua; isso se deve à produção de sons mais fracos ou desvozeados como /t/ e /š/ em “tô chorando”; entretanto, não entendemos essa descontinuidade como *break*, visto que, ao rodar o programa, esses sons são audíveis. Portanto, é possível notar que a produção de “tô chorando real”, organiza-se de modo mais aproximado, sem *break*. Nesse sentido, por meio do símbolo de chave ({}), demarcamos essa maior integração entre os elementos.

No que se refere à função, é possível notar a intenção do falante em convencer o interlocutor de que aquela cena era real e de que se emocionara com a ação, visto que sinaliza seu desejo de filmar e compartilhar o ocorrido com seus espectadores.

A ocorrência exemplificada em (19) foi retirada de um vídeo de maquiagem em que uma blogueira testa novos produtos e emite sua opinião acerca deles. Somente pelo formato do vídeo, baseado em considerações sobre produtos, já é possível esperar que haja um posicionamento da falante em relação ao que é enunciado. Nesse sentido, a falante descreve as características da sombra em questão e, com o intuito de asseverar sua opinião, utiliza “real” associado ao verbo “amar”. Ao longo de toda a argumentação a favor da sombra, por meio do uso dos adjetivos “lindo” e “maravilhoso” e, até mesmo, do próprio verbo “amar”, é possível perceber o posicionamento positivo da falante em relação ao enunciado. Nesse contexto, ao enunciar “amei real”, a força locucionária da proposição direciona-se a uma função epistêmico-asseverativa. Como traço comum às microconstruções deste subesquema, a prosódia, nesse caso, também auxilia na identificação do escopo da modalização. Nesse sentido, “amei real” também é produzido de forma contínua. Portanto, a ocorrência em (19) adequa-se à microconstrução 2.1 pertencente ao subesquema 2, cuja função é asseverar a ação explicitada pelo verbo de modo epistêmico-asseverativo, tendo como representação formal a coadunação estreita de “real” e um verbo. A seguir, vemos a análise acústica da produção de “amei real”.

Figura 13 – Representação ocorrência 19 pelo software Praat



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Na figura acima, o segmento evidenciado em vermelho refere-se à produção do sintagma verbal “amei”, foco da modalização. Já na porção em “B”, temos a produção de “real”. No que se refere às delimitações desses elementos, conforme destacado na seção de procedimentos metodológicos, as três linhas em amarelo desempenham essa função. Sendo assim, essas retas indicam o início e o término do sintagma verbal “amei” – escopo da modalização – e de “real”. A partir dessa compreensão, é possível observar que a porção analisada “amei real” dispõe-se de modo contínuo, sem *break*. Com o intuito de salientar essa noção de continuidade, demarcamos, por meio do sinal gráfico de chave (*{*), esses elementos.

5.2.2.2 Microconstrução 2.2

Nesta subseção, reunimos as ocorrências pertencentes à microconstrução 2.2, em que “real oficial” incide sobre um sintagma verbal. A microconstrução 2.2 imprime o posicionamento do falante em relação ao enunciado, asseverando a atitude expressa pelo sintagma verbal; porém, neste padrão microconstrucional, modalizada por “real oficial”. De forma epistêmica e com intenção de marcar expressividade, o falante associa “real” e “oficial” com o intuito de imprimir, também, a ideia de veracidade e legitimidade ao que é enunciado. Dito de outra maneira, essa construção, se comparada à microconstrução 2.1, mostra-se mais pautada em um caráter intersubjetivo, em que há uma preocupação em relação a como uma

determinada situação ou um aspecto da realidade são anunciados. Nesse contexto, “real oficial” atua como um *chunk*, ou seja, forma uma unidade de processamento, que, nesse caso, modaliza o sintagma verbal. Esse elo estrito de produção realizado entre “real” e “oficial”, bem como entre o sintagma verbal e “real oficial”, pode ser verificado através da análise acústica da fala verificada pelo *software* Praat. Na fala, “real” e “oficial” são produzidos conjuntamente, não havendo um intervalo significativo entre eles, como se, de fato, estivessem unidos em uma única unidade de processamento. Nessa mesma direção, “real oficial” estabelece relação direta com o sintagma verbal, tornando-o, assim, seu escopo de modalização. Em outras palavras, “real oficial” forma uma unidade linguística que desempenha função modalizadora epistêmica asseverativa, cujo foco incide sobre o sintagma verbal.

Com o intuito de exemplificar esse padrão construcional, apresentamos, a seguir, as duas ocorrências atestadas no *corpus* analisado.

(20/21) F: agora a gente vai botar fogo nessa lista porque o negócio rolou até explosão ao vivo, gente. Se você acha que só a Xuxa botou fogo na Globo, você está enganado. Faustão, gente, trouxe uma churrasqueira elétrica que simplesmente explodiu no programa.

E: Foram testar lá, apertaram um botão, daqui a pouco, saiu uma labareda, gente.

{início do vídeo}

F: Pra mostrar uma churrasqueira controle remoto.

O: apertou número um liga.

F: ligou!

O: e apertou... [bummmm- explosão]

F: Puta vida! E agora pra desligar essa merda, aí meo?! Porra, ligou!

{fim do vídeo}

F: parece que é uma pegadinha, mas é sério mesmo.

E: não, é seríssimo, gente!

F: é sério!

E: Isso aconteceu **REAL OFICIAL** e o Faustão se assustou **REAL OFICIAL**. Eu sei que acabou o programa depois disso, né, gente. (*Corpus* Youtube, 2019)⁶⁷

⁶⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PgexdGHUCSSs>. Acesso em: 5 fev. 2020.

O excerto (20) ocorre em uma interação entre dois participantes presentes e o público espectador virtual. Nesse vídeo, os locutores exibem trechos de outros vídeos e comentam sobre as situações mais engraçadas que já aconteceram no programa *Domingão do Faustão*, transmitido pela Rede Globo. No excerto analisado, os locutores relatam um episódio ocorrido há décadas, no qual era apresentada uma churrasqueira elétrica comandada por controle remoto, ou seja, um lançamento mercadológico da época. No programa em questão, a fim de mostrar a novidade ao público, Faustão leva um operador especializado para exibir as funcionalidades do produto. Durante a demonstração, ao ligar a churrasqueira, um incidente acontece, e o aparelho começa a pegar fogo. Ao descrever esse fato marcante na TV brasileira, os locutores, com o intuito de se posicionarem em relação ao que é dito e convencerem o interlocutor de que, embora pudesse parecer uma brincadeira, aquilo de fato ocorreu, eles utilizam “real oficial” associado aos verbos “aconteceu” e “assustou”, asseverando, assim, sua fala. Embora já tenham exibido ao espectador o vídeo com o incidente, os locutores intencionam persuadir o interlocutor acerca da fidedignidade do acontecido. Com isso, ao longo da interação, é possível perceber marcas linguísticas que corroboram essa intenção, tais como o uso dos termos “é sério mesmo”, “é seríssimo”, “é sério”. Desse modo, paulatinamente, os locutores revelam sua expressividade e demarcam-na com “real oficial” nas falas seguintes.

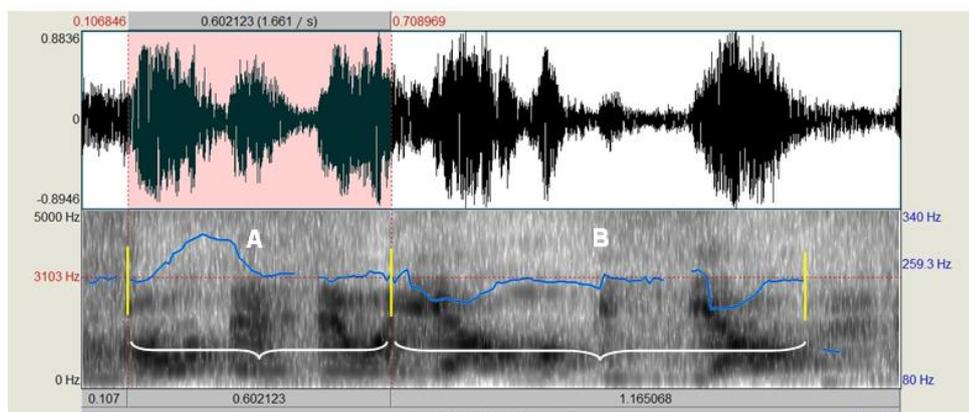
Na primeira ocorrência, “Isso aconteceu real oficial”, a força ilocucionária está direcionada para uma função modalizadora epistêmico-asseverativa. Conforme já mencionado acima, o falante demarca sua expressividade, argumentando a favor da veracidade do fato. Nesse caso, o falante mostra-se mais expressivo, lançando luz sobre a ação expressa pelo sintagma. Há também, uma intenção de convencer o interlocutor de tal ação. Portanto, é nesse sentido que entendemos esse uso com “real oficial” como sendo mais intersubjetivo. Não há somente uma descrição da realidade, mas também um propósito de convencer e de revelar um posicionamento por meio dessa construção.

No que diz respeito aos aspectos formais dessa construção, assumimos que “real oficial” atua como advérbio modalizador junto a “aconteceu”. Como evidência desse argumento, lançamos mão de uma análise da acústica da fala por meio do *software* Praat. Conforme já apontado, a prosódia relaciona-se, de forma direta, à modalização e, nos casos aqui investigados, é fator fundamental para a delimitação

do escopo de tais advérbios. Nesse sentido, é possível perceber a atuação de “real oficial” sobre o verbo por meio de sua produção contínua na fala, sem *break* entre o sintagma verbal e seu modalizador. Sendo assim, a asseveração incide sobre a ação expressa pelo verbo “acontecer”. A mesma situação parece ocorrer com o exemplo (21), retirado desse mesmo excerto.

Como forma de demarcar sua expressividade, o falante utiliza essas duas construções – “aconteceu real oficial” e “se assustou real oficial” – em um mesmo ato de fala. A fim de ilustrar os traços prosódicos acima mencionados e explicados, a seguir, apresentamos a tela do programa Praat.

Figura 14 – Representação da ocorrência 20 pelo *software* Praat



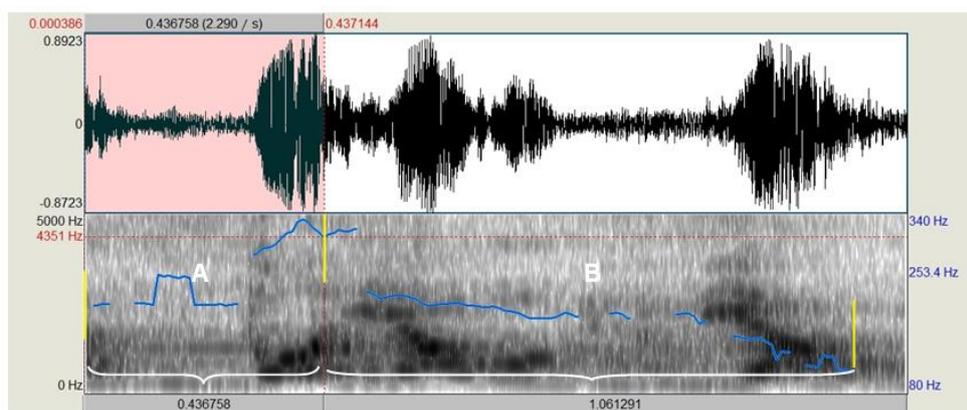
Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

A figura acima constitui a ilustração de uma ocorrência da microconstrução 2.2. Na imagem, a faixa destacada em vermelho, também indicada pela letra “A”, refere-se ao sintagma verbal “aconteceu”, escopo da modalização. Já em “B”, temos “real oficial”, com caráter modalizador. As linhas em amarelo sinalizam as fronteiras entre os elementos constituintes do padrão construcional. Desse modo, “aconteceu real oficial” é produzido de forma contínua, mostrando evidências de que o foco da modalização realizada por “real oficial” incide sobre “aconteceu”. Nesse caso, essa modalização é realizada de maneira mais pontual e integrada devido ao fato de não haver *break* entre o alvo da modalização e o modalizador, o que se pode perceber pela continuidade desses elementos. Dessa forma, nota-se que a produção de “aconteceu real oficial” organiza-se de modo mais interligado, sem *break*. Além

disso, o símbolo de chave ({}) representa essa maior ligação entre os elementos, como se estivessem unidos.

Abaixo, apresentamos a tela do programa Praat no que se refere ao excerto em (21), “se assustou real oficial”:

Figura 15 – Representação da ocorrência 21 pelo *software* Praat



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Do modo semelhante à ocorrência anterior, em (21), a porção indicada por “A” refere-se à produção sonora do sintagma verbal “se assustou” – escopo da modalização, enquanto “B” refere-se à de “real oficial”. Também nesse caso, as três linhas em amarelo destacam as extremidades. Sendo assim, é possível notar que o trecho analisado organiza-se de modo mais interligado, sem *break*. Retratamos, por meio do caractere de chave ({}), essa maior interligação entre os elementos. Nesse caso, portanto, o falante coaduna “real” e “oficial” ao sintagma nominal com o intuito de convencer o ouvinte das situações apresentadas. Em outras palavras, pretende-se demonstrar que o incêndio da churrasqueira ao vivo de fato aconteceu, tanto que o apresentador se assustou de verdade. Em ambos os casos analisados acima, é possível observar que a modalização atua diretamente nos verbos utilizados, asseverando a ação por eles expressa e ancorando um sentido mais intersubjetivo. E, nesse caso, o fato de “real” e “oficial” estarem contíguos reforçaria, ainda mais, a intenção que tem o falante de asseverar seu posicionamento.

5.2.3 Subesquema 3

Na presente subseção, descrevemos o subesquema 3 e o pareamento forma-função referente à microconstrução a ele vinculada. Observemos, no quadro abaixo, as características que configuram o subesquema 3.

Quadro 8 – Representação do pareamento forma-função do subesquema 3

SUBESQUEMA 3	
Função	Asseverar uma qualidade
Forma	{[SADJ + real ^{prosódia}]} Prosódia: sem <i>break</i> entre o SADJ e “real”

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

O subesquema 3 apresenta como característica a modalização realizada por “real” em relação a um sintagma adjetival⁶⁸. Nos dados analisados, é possível perceber oito ocorrências desse padrão construcional, como vemos na tabela a seguir:

Tabela 4 – Frequência da microconstrução do subesquema 3

Frequência da microconstrução do subesquema 3	Total
Microconstrução 3.1	8
Total	8

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

No que se refere à configuração do pareamento forma-função, temos o seguinte.

⁶⁸ Embora o *corpus* analisado não tenha revelado ocorrências com o padrão “real oficial” com escopo em um sintagma adjetival, uma rápida busca no “Twitter” revelou, por exemplo: “meu, essa foi a música que eu fiquei mais **surpresa real oficial**, e a que eu senti mais vontade de chorar de tão lindo que tava [...]”. Esse exemplo serve para demonstrar que o fato de não termos encontrado ocorrências dessa microconstrução se deve a uma limitação do *corpus* investigado.

Quadro 9 – Representação do pareamento forma-função da microconstrução pertencente ao subesquema 3

MICROCONSTRUÇÃO DO SUBESQUEMA 3	PADRÃO FUNCIONAL E FORMAL
Micro 3.1	Função: Asseverar uma qualidade
	Forma: [SADJ + real ^{prosódia}] Prosódia: sem <i>break</i> entre o SADJ e “real”

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

5.2.3.1 Microconstrução 3.1

A microconstrução 3.1 refere-se às ocorrências que têm como função asseverar uma qualidade expressa por um sintagma adjetival, por meio da coadunação de “real” a ele. Além disso, de modo específico, nesses casos, a ausência de *break* colabora na identificação do escopo da modificação realizada por “real”. Sendo assim, a partir da ausência de *break*, consideramos que “real” é conceptualizado de forma mais integrada.

A seguir, vejamos três ocorrências representativas da microconstrução 3.1, em que “real” qualifica o sintagma adjetival, asseverando a qualidade expressa por ele:

(22) [Apontando para a fonte *Mansudae Fountain Park* – Coreia do Norte]. Que coisa mais linda! Meu deus do céu! Eu tô surpreso **REAL** com a beleza dessa cidade, desse país, tem muita coisa bonita. E essa rua foi construída em 2012. Minha guia comentou comigo que tem muitas ruas novas aqui. (*Corpus Youtube*, 2019)⁶⁹

(23) Hello,Hello, seus lindos, estou aqui com essas lindonas maravilhosas, youtubers, migas. Consegui reuni-las, quantas meninas maravilhosas **REAL!** gente, é muito legal. E estamos no fim do ano, clima natalino, vocês viram o sorteio aí no canal, aquele clima, expectativa, quem tirou quem. E é hoje! (*Corpus Youtube*, 2018)⁷⁰

⁶⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pPwYkzUTPbU>. Acesso em: 28 nov. 2019.

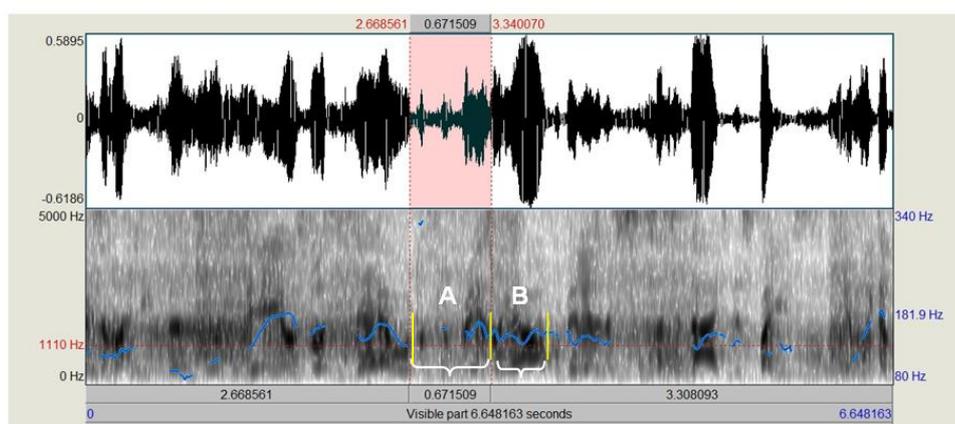
⁷⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h1XclpOFuhQ&t=972s%22>. Acesso em: 17 jan. 2019.

(24) Isso é promissor! Isso aí tem que ficar uma coisa muito bonita! Fecha isso aí, agora abre pra eu ver como é que ficou. Quero ver como é que ficou. Ai, que bonitinho! Ah! Nossa, bonitinho **REAL**. São casquinhas de sorvetes ‘cololidas’. (Corpus Youtube, 2019)⁷¹

A ocorrência em (22) foi retirada de um vídeo de viagem em que o falante mostra pontos de turísticos da Coreia do Norte. Ao se deparar com a fonte de *Mansudae Fountain Park*, ele faz comentários acerca do monumento. Nesse caso, o falante apresenta sua opinião dizendo que “está surpreso” com a beleza dos lugares visitados.

A fim de asseverar seu posicionamento, ele utiliza “real” concatenado a sua fala. Sendo assim, em termos de forma, temos uma oração predicativa em que “real” se liga de forma mais integrada a ela, apresentando ausência de *break* entre os elementos. No que se refere à função, “real” desempenha função adverbial, modificando o predicativo do sujeito. Além disso, “real” direciona o foco de atenção para o predicativo “surpreso”. E, nesse caso, o falante destaca seu posicionamento (o fato de estar surpreso com tanta beleza). Ainda no que se refere à forma, é possível observar a ausência de *break* entre o sintagma adjetival e “real”, conforme ilustrado na figura a seguir:

Figura 16 – Representação da ocorrência 22 pelo software Praat

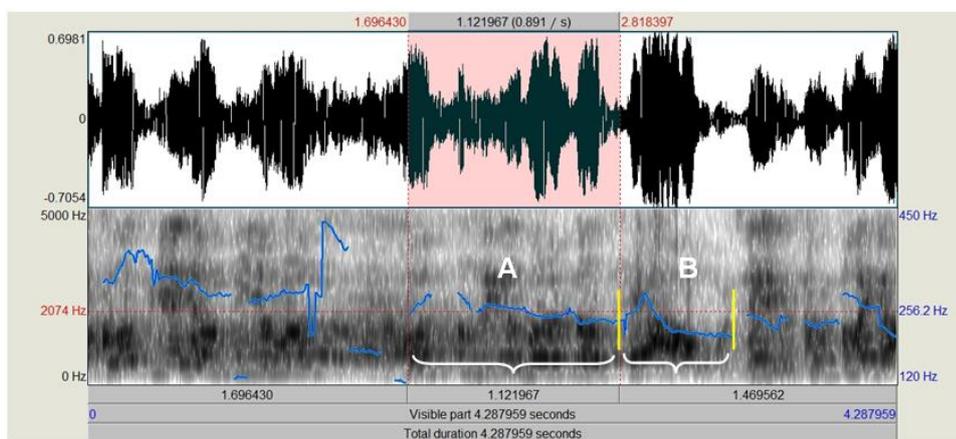


Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

⁷¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DJkPd6UYcYc>. Acesso em: 08 out. 2019.

A figura acima ilustra uma ocorrência da microconstrução 3.1 em que “real”, com função adverbial, modaliza e focaliza o predicativo do sujeito “surpreso”. A faixa destacada em vermelho, também indicada com o símbolo gráfico de chave ({} e sinalizada pela letra “A”, refere-se à produção de “tô surpreso”, enquanto “B” indica a produção de “real”. Além disso, como a ausência de *break* é uma característica desse subesquema, nessa ocorrência, pode-se perceber essa continuidade na fala pelas três linhas em amarelo. Esses símbolos indicam as fronteiras das construções, ou seja, demarcam o início e o término do sintagma adjetival “surpreso”, escopo da modalização, e “real”. Isso posto, é possível notar que tais elementos estão em uma linha contínua de produção, ou seja, não há *break* entre eles, colocando-se, assim, de forma mais integrada. Em termos semânticos, nesse caso, sem grandes alterações de interpretação, termos como “realmente” e “de verdade” poderiam ser utilizados imprimindo a mesma ideia.

A ocorrência (23) tem origem em um vídeo de comemoração natalina, no qual blogueiras se reúnem para fazer um amigo secreto. A anfitriã da festa apresenta suas amigas e tece comentários acerca delas. Ao proferir “quantas meninas maravilhosas REAL”, o falante revela sua opinião sobre as amigas. Nesse caso, “real” é utilizado para asseverar uma qualidade que ela julga relevante referente às colegas. Sendo assim, “maravilhosas” (impressão do falante) é modalizado e ressaltado por “real”. No que se refere aos traços prosódicos, é possível verificar a ausência de *break* entre os elementos, o que nos leva a acreditar em uma integração maior, conforme demonstrado na figura abaixo por meio da análise acústica de fala:

Figura 17 – Representação da ocorrência 23 pelo *software* Praat

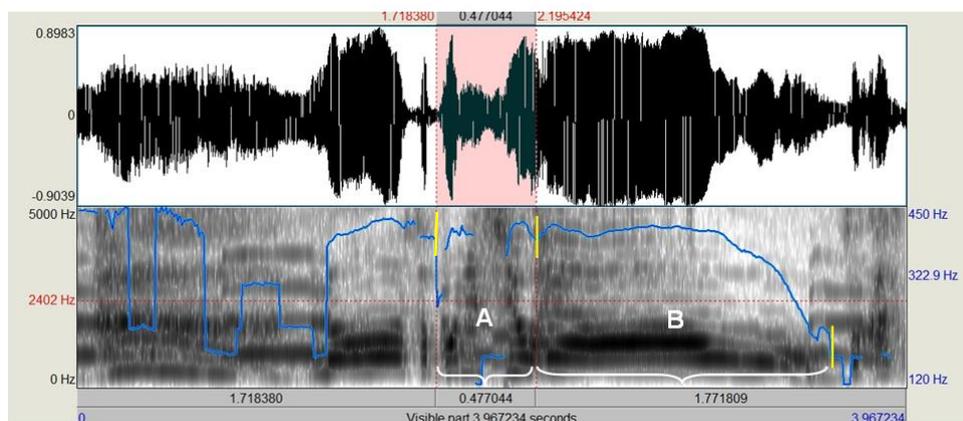
Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Na imagem acima, a faixa “A” selecionada em vermelho refere-se à produção de “meninas maravilhosas”, foco da modalização, enquanto “B” indica a produção de “real”, modalizador. Nesse caso, o falante direciona o foco da modalização de sua fala de forma mais pontual e integrada, percebida pela ausência de um intervalo de tempo significativo entre o sintagma adjetival e “real”. Assim, as três linhas em amarelo sinalizam os polos das construções, ou seja, indicam o início e o término do sintagma adjetival e do modalizado “real”. Sendo assim, é observar que o trecho da produção de “meninas maravilhosas real” se estrutura de modo mais interligado, sem *break*. Isso nos leva a crer que o foco da modalização seja o sintagma adjetival.

Na ocorrência (24), também podemos verificar que o falante em questão emite uma opinião acerca de uma situação observada. Nesse caso, o trecho descrito é retirado de um vídeo em que uma influenciadora digital analisa vídeos coreanos sobre diversas invenções exóticas. Na cena observada, há uma máquina que faz casquinhas de sorvete de maneira não convencional. Sendo assim, a influenciadora assiste ao vídeo e exhibe sua reação acerca do desconhecido. No caso apresentado, o falante se surpreende com o resultado final e emite sua opinião positiva. Em sua fala, é possível perceber a surpresa marcada pela interjeição “nossa”, seguida da opinião positiva “bonitinho”. “Real”, nesse caso, é produzido sem *break*, de forma mais conjunta ao adjetivo; além disso, tem a função de asseverar a qualidade atribuída à máquina pelo falante (“bonitinho”). Portanto, o falante revela sua opinião acerca de determinada situação, qualificando-a por meio do adjetivo e asseverando por meio de “real”, que funciona como advérbio. A seguir, por meio de análise

acústica da ocorrência demonstrada na figura, é possível atestar de que maneira a produção do sintagma adjetival e a de “real” colocam-se de forma mais integrada, sem *break*. Vejamos:

Figura 18 – Representação da ocorrência 24 pelo software Praat



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

O segmento destacado em vermelho refere-se à produção do sintagma adjetival “bonitinho”; já na porção rotulada em “B”, observa-se a produção de “real”. Além disso, as três linhas em amarelo marcam o início e o término do sintagma adjetival e de “real”. É possível notar que não há *break* entre tais produções. A ausência de intervalo sugere que esses elementos estejam mais integrados e que o foco da modalização é mais pontual, incidindo sobre “bonitinho”.

5.2.4 Subesquema 4

Na presente subseção, descrevemos o subesquema 4 e os pareamentos forma-função referentes às microconstruções a ele vinculadas. Observemos, no quadro abaixo, as características que configuram o subesquema em questão.

Quadro 10 – Representação do pareamento forma-função do subesquema 4

SUBESQUEMA 4	
Função	Asseverar o conteúdo da proposição
Forma	Forma: {[SS] + [real/real oficial ^{prosódia}]} Prosódia: com <i>break</i> entre o SS e “real” e “real oficial”

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

O subesquema 4 refere-se ao grupo de microconstruções cuja forma constitui-se pela associação de “real” e “real oficial” a sentenças em contextos de modalização epistêmico-asseverativa. Nesse caso, a modalização incide sobre a sentença inteira. No que se refere à forma, é possível observar traços prosódicos específicos comuns a essas construções, tais como a maneira como “real” e “real oficial” são produzidos – de forma menos integrada em relação à sentença, com *break* –, a partir da captura de tela do programa Praat. Desse modo, a análise prosódica faz-se relevante para a investigação da delimitação do escopo da modalização realizada por “real” e “real oficial”, revelando que o foco da modalização recai sobre toda a sentença. Além de serem responsáveis pela modalização da proposição, tais construções são operadoras de foco no discurso. Em outras palavras, “real” e “real oficial” orientam a atenção do interlocutor em relação à porção modalizada, nesse caso, a sentença. Desse modo, o conteúdo proposicional recebe destaque. Nos dados categorizados no subesquema 4, a focalização se materializa de modo menos integrado se comparada aos demais subesquemas, devido à existência de *break* entre o escopo da modalização e as construções modalizadoras. Nessa direção, conforme já mencionado na terceira seção deste trabalho, Gonçalves (1998, p. 34) afirma que “a focalização, na qualidade de fenômeno discursivo-pragmático, manifesta-se tanto por meios textuais quanto por meios prosódicos”.

Em relação à função, conforme mencionado, as microconstruções pertencentes ao subesquema 4 apresentam, como função, a asseveração do conteúdo da proposição, uma vez que o falante imprime seu posicionamento, de forma asseverativa, em relação ao que é enunciado.

No *corpus* analisado, verificamos vinte e quatro ocorrências desse padrão construcional, sendo vinte e três correspondentes à microconstrução 4.1 e uma à microconstrução 4.2.

Tabela 5 – Frequência das microconstruções do subesquema 4

Frequência da microconstrução do subesquema 4	Total
Microconstrução 4.1	23
Microconstrução 4.2	1
Total	24

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

A partir da análise da tabela acima, pode-se observar que, assim como no subesquema 2, as microconstruções com “real” são mais produtivas do que as formadas por “real oficial” nesses contextos. Do mesmo modo, neste subesquema, o significado dessas construções parte de um sentido mais ancorado na realidade concreta (micro 4.1) a outro mais intersubjetivo (micro 4.2). Esse acréscimo de intersubjetividade é observado, principalmente, pelas construções com “real oficial”.

A seguir, a partir da análise do *corpus*, discorreremos acerca do pareamento forma-função referente a essas duas microconstruções, que, conforme assumimos, integram o padrão construcional que configura o subesquema 4. Observemos, no quadro abaixo, as características dos dois padrões individuais identificados:

Quadro 11 – Representação do pareamento forma-função das microconstruções pertencentes ao subesquema 4

MICROCONSTRUÇÃO DO SUBESQUEMA 4	PADRÃO FUNCIONAL E FORMAL
Micro 4.1	Função: Asseverar o conteúdo da proposição Forma: {[SS]+[real ^{prosódia}]} Prosódia: com <i>break</i> entre o SS e “real”
Micro 4.2	Função: Asseverar o conteúdo da proposição Ancoragem [+intersubjetiva] do que a micro 4.1 Forma: {[SS]+[real oficial ^{prosódia}]} Prosódia: com <i>break</i> entre o SS e “real oficial”

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

5.2.4.1 Microconstrução 4.1

A microconstrução 4.1 tem a função de asseverar o conteúdo da proposição, expresso pela sentença, por meio da coadunação entre “real” e o sintagma sentencial. Além disso, de modo específico, nesses casos, a prosódia sugere, por meio de um intervalo de tempo (*break*) na produção de fala entre esses elementos, que o escopo da modalização realizada por “real” é toda a sentença. A fim de descrever esse padrão construcional, apresentamos, a seguir, três ocorrências:

(25) Próxima: *The Sinner*. Mano, essa série é pesada, assim, de suspense, pra quem não gosta de suspense não assista, mas quem gosta, fica a dica. Ela já tá na

segunda temporada, confesso que eu assisti a segunda agora. A primeira eu assisti há muito tempo atrás, assim que lançou, eu preferi a primeira, **REAL**. A primeira assim, tipo eu queria ah! (gestual abrindo a boca com as duas mãos), sabe? Tipo, puff (fazendo movimentos com o corpo), queria explodir de tanta emoção naquela série, porque ela é muito boa. É um suspense danado. Você fica, meu, ansioso, acaba um episódio, você já tá lá. Eu assisti em um dia. (*Corpus Youtube*, 2019)⁷²

(26) M: meninas, vou contar pra vocês então como mexer no celular do seu namorado

G: sem ser aqueles que tem aquelas películas malditas

M: quem tiver Iphone, pega o celular do namorado um dia e fala assim: 'deixa, eu falar com a minha mãe'. Aí ele vai desbloquear, você liga pra sua mãe, **REAL**. Aí você vai nos ajustes e coloca o teu dedo. Sabe quando você cadastra o teu dedo?

G: mas aí fica os dois cadastrados?

M: você pode cadastrar quantos dedos... até dez números... e você não consegue... a pe... o dono do celular não consegue ver quantos dedos está cadastrado, então aí depois você tem passe livre no celular quando você quiser. (*Corpus Youtube*, 2017)⁷³

(27) G: eu queria muito ver você e o Whindersson conversando

L: [risos] sabia que no começo,

G: juro por deus!

L: sabia que no começo, a gente não se entendia, **REAL**

G: é! porque até as palavras são diferentes

L: é! Porque eu era muito crua ainda de lá e ele era muito cru do Piauí

G: hã!

L: hoje em dia, a gente já sabe o que o um não entende. (*Corpus Youtube*, 2019)⁷⁴

A ocorrência (25) foi extraída de um trecho de um vídeo em que uma blogueira lista filmes e séries de TV a que assistiu durante suas férias. Nesse sentido, ela sugere e comenta filmes e séries, revelando sua opinião favorável ou

⁷² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4GMgrCcv1A&t=3s>. Acesso em: 25 mai. 2019.

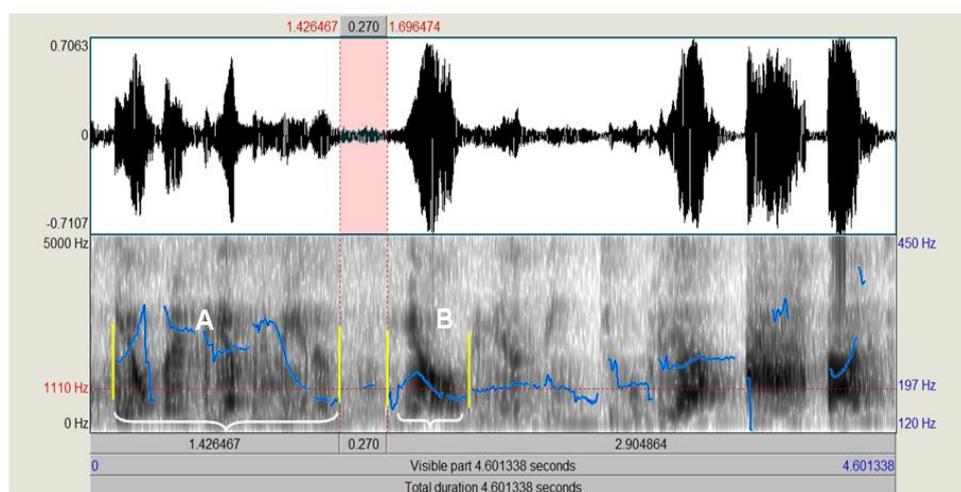
⁷³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qIVEV13C78w&t=2s>. Acesso em: 02 ago. 2018.

⁷⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3WA5Ot5oOTA&t=1s>. Acesso em: 09 abr. 2019.

não acerca do título mencionado. No excerto de fala investigado, o falante sugere a série *The Sinner* e explica, de forma breve, o gênero e a temática. Ao tratar dos episódios do seriado, o falante compara as duas temporadas, não somente revelando sua opinião acerca deles, mas também demonstrando sua preferência. É possível observar, por todo o entorno contextual, a expressividade do falante. A utilização das onomatopeias “ah!” e “puff”, associada aos movimentos gestuais e corporais expressivos, são algumas pistas que também sinalizam a intenção subjacente do falante em revelar sua crença – nesse caso, sua preferência pela primeira temporada da série. Nessa mesma direção, outros elementos linguísticos, tais como “explodir de emoção”, “ela é muito boa” e “você fica ansioso”, referindo-se a sua impressão sobre a série, corroboram esse propósito comunicativo. Nesse contexto, traços prosódicos colaboram para esse mesmo fim: direcionar o foco de atenção do ouvinte ao que o falante julga ser mais relevante.

Com o intuito de ressaltar, de forma asseverativa, o conteúdo de seu enunciado, o falante coaduna “real” e a sentença. Portanto, nesse caso, “real” assevera o conteúdo expresso por toda a proposição – o fato de ela preferir a primeira temporada à segunda. Diferentemente das ocorrências analisadas nos dois primeiros subesquemas, na oralidade, a produção de “real” faz-se de forma descontínua da sentença. A seguir, demonstramos como se realiza a produção dessa ocorrência a partir da análise acústica da fala por meio do *software* Praat.

Figura 19 – Representação da ocorrência 25 pelo *software* Praat



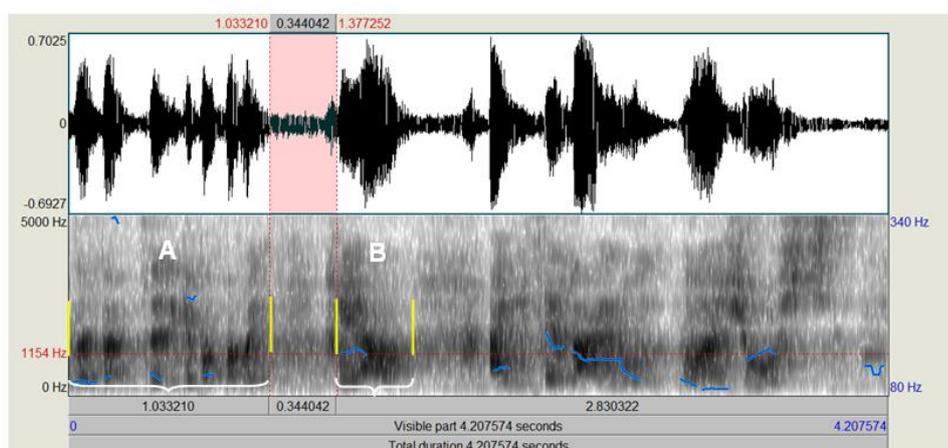
Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Conforme exemplificado na imagem acima, a porção sinalizada pelo símbolo gráfico de chave e também rotulada pela letra “A” refere-se à produção oral da sentença “eu preferi a primeira”, enquanto “B” indica a de “real”. As linhas em amarelo sinalizam o início e o término das construções analisadas: o escopo da modalização e a construção modalizadora, nesse caso, a sentença e “real”, respectivamente. Diferentemente dos outros subesquemas até aqui averiguados, nesse contexto, quando a modalização incide sobre uma sentença, ou seja, sobre o conteúdo de toda a proposição, é possível notar, na produção oral da fala, um *break*, intervalo de tempo, entre a sentença e a construção. Esse intervalo é possível de ser observado na tela pelas delimitações de tais construções representadas pelas quatro linhas em amarelo. Além disso, na tela acima, o *break* está destacado pela porção selecionada em vermelho. Utilizando a ferramenta do programa Praat, é possível verificar um *break* de 0,27 segundos entre a produção da sentença e a de “real”. Embora pequeno, esse intervalo de tempo nos apresenta indícios de que, nesse caso, “real” encontra-se menos integrado ao escopo da modalização – a sentença –, se comparado aos outros subesquemas. Portanto, levando em conta esse e todos aos outros argumentos acima levantados, assumimos que, de fato, o foco da modalização realizada por “real”, nesse caso, incide sobre toda a sentença, asseverando, assim, o conteúdo da proposição. Dessa forma, o falante direciona o foco de atenção do ouvinte à sentença, focalizando-a e, ao mesmo tempo, modalizando-a. Em termos semânticos, nesse contexto, “real” ainda apresenta seu sentido recuperado, se substituído por advérbios modalizadores como “realmente” e “de verdade”.

Já a ocorrência em (26) foi retirada de uma entrevista entre um blogueiro e duas pessoas famosas. Nessa interação, os entrevistados participavam de um jogo em que deveriam relatar situações que já viveram ou não. Um dos tópicos mencionados foi a possibilidade de ter mexido em um celular alheio sem permissão. Em seguida, os participantes contam seus flagrantes ao cometerem tal ação. Diante disso, o entrevistador dá instruções para o público e para os interlocutores de como mexer no celular do namorado sem que ele perceba. Como dica, ele instrui o locutor a fazer uma ligação para sua mãe e disfarçadamente cadastrar sua digital no celular dele, pois, assim, o acesso será liberado. Com o intuito de asseverar seu discurso e convencer seu interlocutor, o falante utiliza “real” coadunado à sentença, modalizando sua fala de forma epistêmico-asseverativa. Sendo assim, “real” incide

sobre o fato de se executar a ação de ligar para sua mãe “de fato”, “realmente”, “de verdade”, asseverando a veracidade do conteúdo proposicional, e não a do substantivo “mãe”. Vale destacar a importância da prosódia, nesse contexto, como definidora do escopo da modalização. Por meio de análise acústica da fala, é possível inferir que, nesse caso, “real” tem seu escopo sentencial, pois apresenta um intervalo de tempo, um *break*, entre a sentença e o modal, conforme demonstrado na figura a seguir.

Figura 20 – Representação da ocorrência 26 pelo *software* Praat



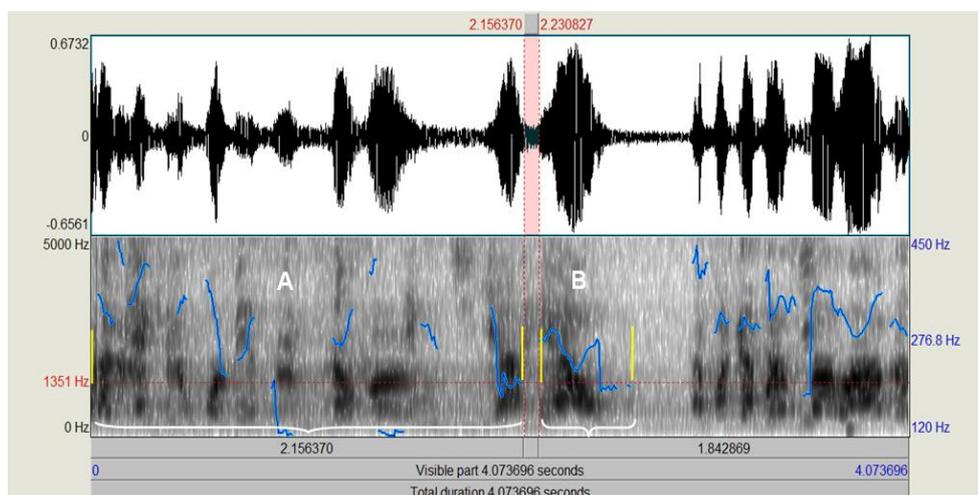
Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

A tela acima corresponde à análise acústica da ocorrência em (26). A porção sinalizada pelo símbolo gráfico de chave e também rotulada pela letra “A” refere-se à sentença “você liga pra sua mãe”; já a porção em “B” à de “real”. Como característica distintiva, a presença de *break* pode ser averiguada nas telas das ocorrências pertencentes ao subesquema 4. Nesse sentido, as quatro linhas em amarelo apontam o início e o término das construções investigadas: a sentença e o modalizador e, conseqüentemente, o intervalo de tempo entre eles. Na tela acima, o *break* está indicado pelo segmento selecionado e destacado em vermelho. De acordo com a análise acústica, é possível averiguar um *break* de 0,34(4042) segundos entre a produção da sentença e a de “real”. Isso nos sugere que, nesse caso, a construção modalizadora organiza-se de forma menos integrada à sentença, foco da modalização. É nesse contexto, portanto, que consideramos que o *break* averiguado constitui um traço prosódico relevante na categorização dessa microconstrução como pertencente ao subesquema 4, em que o escopo da

modalização recai sobre a sentença. No que se refere à função da construção analisada, de acordo com seus objetivos comunicativos, o falante assevera o conteúdo da proposição de forma epistêmica, de modo que o foco da atenção é direcionado à sentença.

A ocorrência (27) provém de uma entrevista entre uma influenciadora digital e uma cantora. No excerto, elas conversam sobre as diferenças linguísticas próprias das regiões Nordeste e Sul do Brasil, experienciadas pela cantora e seu marido. O falante, nesse caso, tem como objetivo convencer o ouvinte de que essa diversidade é marcante e capaz de interferir na compreensão entre eles. A fim de ressaltar esse argumento, o interlocutor utiliza “real” junto da sentença “a gente não se entendia”. Dessa forma, “real” modaliza, de forma epistêmico-asseverativa, o fato de eles não se entenderem. No que se refere à forma da microconstrução investigada, é possível averiguar, por meio de análise acústica, uma pequena pausa, *break*, entre a produção oral da sentença “a gente não se entendia” e a de “real”. O intervalo entre a sentença e “real” é de 0,07(4457) segundos, conforme a imagem abaixo.

Figura 21 – Representação da ocorrência 27 pelo *software* Praat



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Na figura acima, o fragmento indicado pela letra “A” refere-se à produção da sentença “a gente não se entendia”, enquanto “B” representa a produção de “real”. As quatro linhas em amarelo delimitam o início e o término da sentença e do modalizador. Isolando tais construções por essas linhas em amarelo, pode-se averiguar um intervalo de tempo. Esse *break* é indicado pela porção selecionada e salientada em vermelho. A partir dessa leitura, é possível verificar um *break* de

0,07(4457) segundos entre a produção da sentença e a de “real”. Sendo assim, isso nos indica que, nesse caso, a construção modalizadora coloca-se de modo menos interligado ao escopo da modalização. É nesse contexto que entendemos o *break* como um traço da prosódia capaz de auxiliar na definição do escopo da modalização. No caso apresentando acima, a sentença é o escopo da modalização. Sendo assim, “real” atua em relação ao que é enunciado, ou seja, o fato de eles não se entenderem. Desse modo, a atenção do ouvinte é direcionada à proposição. Acerca da função desse padrão construcional, a partir de seus propósitos comunicativos, com o objetivo de convencer e de ser mais expressivo, o falante utiliza “real” de modo a asseverar sua proposição. Nesse contexto, “real” está ancorado na realidade, ou seja, “real” atribui um tom de veracidade à sentença.

5.2.4.2 *Microconstrução 4.2*

Nesta subseção, versamos sobre a microconstrução 4.2, em que “real oficial” modaliza o conteúdo proposicional de uma sentença de maneira epistêmico-asseverativa, com *break* entre esses elementos. Nesse sentido, esse padrão microconstrucional apresenta como traço a presença de *break* durante a produção da sentença e “real oficial”, sugerindo um caráter modalizador sentencial. Além disso, na micro 4.2, “real oficial” constitui um *chunk*, formando uma unidade que, nesse caso, modaliza a sentença inteira. Essa produção realizada entre “real oficial” e a sentença pode ser verificada através da análise acústica da fala verificada pelo *software Praat*.

Na oralidade, “real oficial” são produzidos conjuntamente, de forma contínua, como se, realmente, estivessem unidos em um único bloco. Ademais, considerando a propriedade da composicionalidade, o sentido veiculado por “real oficial” não mais se depreende pela soma do significado de suas partes, mas sim pelo todo. Nesse contexto, é possível verificar um pequeno *break* entre a produção da sentença e a desse advérbio modalizador, de modo que “real oficial” estabelece uma relação com a sentença, tornando-a, assim, seu escopo de modalização.

A seguir, vejamos o único exemplo encontrado no *corpus* analisado pertencente a essa microconstrução:

(29) Ainda falando de Maybelline, chegou essa máscara de cílios linda que chama *Lash Sensacional*, tô com bastante vontade de testar. Eu acho que vai ser boa, porque eu adoro essas máscaras que tem essa, essa cerdinha mais curvadinha e gordinha. Sinto que esse tipo de cerda funciona mesmo, **REAL OFICIAL**. Bom, agora vamos falar de Kiss New York. (*Corpus Youtube*, 2017)⁷⁵

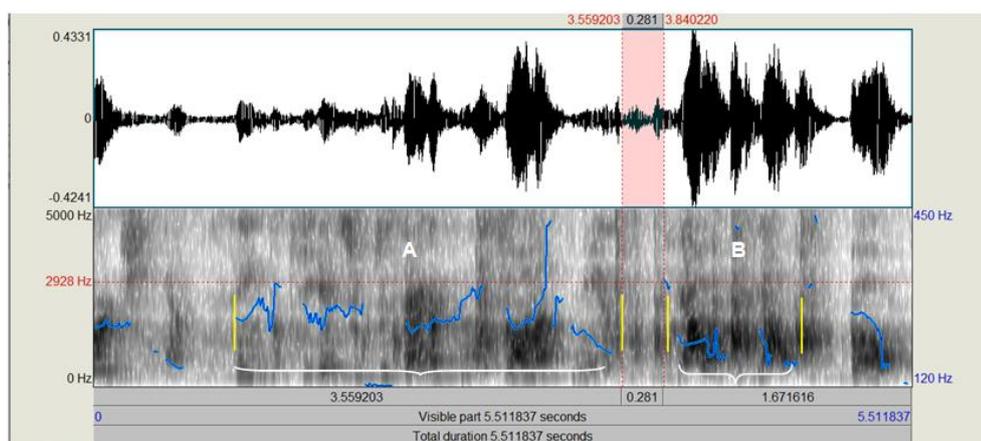
A ocorrência exemplificada em (28) foi extraída da transcrição de um vídeo em que uma blogueira tecia comentários acerca de produtos de maquiagem que recebera como presente da marca Maybelline. Considerando o gênero do vídeo, voltado para considerações sobre os produtos, é possível esperar que haja um posicionamento explícito do falante em relação ao que é enunciado. No trecho analisado, o falante faz suposições acerca da máscara de cílios e sinaliza seu desejo em testá-la. A partir de uma característica do produto, o tipo de cerda, o locutor emite sua crença positiva acerca da funcionalidade do produto. A esse respeito, o falante, com o intuito de apresentar sua opinião, de forma asseverativa, utiliza “real oficial”, modalizando sua proposição. Vale ressaltar que outros elementos linguísticos, tais como “tô com bastante vontade de testar”, “acho que vai ser boa” e “sinto que [...] funciona mesmo” também apresentam caráter de um posicionamento positivo. Portanto, ao enunciar “sinto que esse tipo de cerda funciona mesmo, real oficial”, a força locucionária da proposição direciona-se a uma função epistêmico-asseverativa, cujo escopo de modalização é a sentença inteira. No que se refere à função, essa construção, além de revelar um posicionamento asseverativo do falante, mostra-se mais expressiva, direcionando a atenção do interlocutor para todo o conteúdo proposicional. Nesse contexto, o sentido apresentado em (28) apresenta uma ancoragem mais intersubjetiva.

Como elemento comum às microconstruções deste subesquema, a prosódia, nesse caso, também auxilia na identificação do escopo da modalização. Nesse contexto, “real oficial”, com função adverbial modalizadora, incide sobre o conteúdo de toda a proposição, e não somente sobre parte dela. Vale destacar a importância da prosódia na definição do escopo da modalização também nesse caso. Vejamos,

⁷⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QN97ZGraOgo&t=962s%22>. Acesso em: 19 nov. 2018

a seguir, a partir da análise da imagem do programa Praat, como a prosódia desta microconstrução se configura.

Figura 22 – Representação da ocorrência 28 pelo software



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Conforme ilustrado na imagem acima, a fração unida pelo símbolo gráfico de chave ({} e rotulada pela letra “A” refere-se à produção oral da sentença “sinto que esse tipo de cerda funciona mesmo”; já em “B” à de “real oficial”. Conforme já mencionado nas análises das telas das ocorrências anteriores também pertencentes ao subesquema 4, pode-se notar quatro linhas em amarelo segmentando a sentença e “real oficial”. Além disso, é possível observar, na figura acima, entre as produções de “A” e “B”, um intervalo de tempo de 0,28(1) segundos. Essa descontinuidade mensurada pelo *break* contribui para a categorização dessa ocorrência como pertencente ao subesquema 4, visto que nos oferece indícios na identificação do escopo da modalização. Nesse caso, entendemos que a sentença “sinto que esse tipo de cerda funciona mesmo” é o alvo da modalização realizada por “real oficial”.

Nesse contexto, o falante direciona o foco da atenção do interlocutor para a proposição. Nesse sentido, “real oficial” atribui valor epistêmico-asseverativo ao que é enunciado. Em outras palavras, o falante revela sua opinião de forma a fortalecer e a demarcar esse posicionamento. No que tange a “real oficial”, pode-se observar que esse *chunk* formado por “real” e “oficial” é produzido de forma contígua, embora o contorno entonacional representado pela linha azul na tela acima se mostre descontínua. Isso se deve à produção de sons mais fracos e também ao desvozeamento dos fonemas /f/ e /s/ em “oficial”. Sendo assim, assumimos que, de fato, o foco da modalização realizada por “real oficial”, nesse caso, incide sobre todo

o sintagma sentencial, modalizando, assim, o conteúdo da proposição de maneira epistêmico-asseverativa.

No que se refere ao sentido, vale ressaltar que “real oficial” pode ser substituído por advérbios modais como “realmente” e “de verdade”, o que validaria sua função epistêmico-asseverativa. E assim como advérbios dessa categoria, “real oficial”, nesse contexto, também, apresenta mobilidade sentencial. Sendo assim, “real oficial”, se parafraseado ou interpretado de outro modo, pode ocupar diferentes posições na sentença – inicial, medial ou final –, sem perda semântica significativa, evidenciando, assim, que a focalização incide, de fato, sobre todo o conteúdo proposicional.

5.3 CONCLUSÕES

Esta seção teve como objetivo mais geral a investigação da instanciação e da convencionalização de construções com “real” e “real oficial”, em contextos de modalização epistêmico-asseverativa, a partir dos pressupostos assumidos pela Linguística Funcional Centrada no Uso. Sendo assim, buscamos, de maneira mais específica, descrever os padrões construcionais de modo a identificar os três níveis de esquematicidade propostos por Traugott e Trousdale (2013) – esquema, subesquema e microconstrução – e a propor a organização das construções em uma rede construcional.

A partir do levantamento das ocorrências em uma amostra sincrônica, as quais foram submetidas ao cálculo da frequência de uso e à análise qualitativa, entendemos que “real” e “real oficial”, nos contextos analisados, atuam como modalizadores, revelando o posicionamento do falante com atitude modalizadora epistêmico-asseverativa. Além disso, a modalização realizada por esses padrões construcionais incide sobre diferentes escopos, a depender da intenção subjacente à fala. Desse modo, com intuito de identificar o elemento modalizado e suas funções, lançamos mão do *software* Praat, para a análise acústica da fala.

Com base em todas as evidências mostradas na análise, é possível concluir que o falante utiliza essa construção com propósitos comunicativos específicos no que tange à asseveração epistêmica.

Em todos os subesquemas analisados, com base no levantamento da frequência de uso, observa-se maior produtividade das construções formadas por “real”. Desse modo, a propriedade da produtividade nos permite atestar a frequência de uso tanto dos construtos (*tokens*) quanto dos tipos construcionais (*types*), assim como verificar de que maneira eles interferem na organização das construções na rede. Nesse sentido, nota-se a preferência pelo uso das construções com “real”, em detrimento das com “real oficial”, averiguada pelo número de ocorrências. No que se refere à propriedade da composicionalidade, observa-se uma perda no grau de transparência dessas construções.

Tabela 6 – Frequência de “real” e “real oficial” por subesquema

	Subesquema 1	Subesquema 2	Subesquema 3	Subesquema 4	Total
Real	22	38	8	23	91
Real oficial	9	2	-	1	12
Total	31	40	8	24	103

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Conforme atestado na tabela acima, as construções com “real”, em todos os subesquemas, mostra-se como mais produtiva (91 ocorrências). Em comparação às construções com “real”, “real oficial” apresenta um número bem menor de ocorrências – apenas 12. Por meio da análise de dados, verificamos que as construções com “real” apontam para um sentido mais pautado na realidade concreta e literal. Já as construções com “real oficial” indicam uma ancoragem mais intersubjetiva, revelando um posicionamento e uma preocupação do falante acerca da interação.

No contexto das ocorrências investigadas, a prosódia mostrou-se fundamental na definição do escopo da modalização e, conseqüentemente, na função desempenhada por cada padrão construcional. É nesse sentido que entendemos o *break* (pequeno intervalo de tempo) entre a produção oral dos elementos da construção como recurso relevante na definição e na categorização das ocorrências dentro dos subesquemas. Além disso, o *break* nos oferece indícios acerca da iconicidade, a saber, a maneira como o falante conceptualiza e codifica linguisticamente tais construções em cada subesquema. Sendo assim, a partir de

uma análise dos aspectos tanto da forma quanto da função desse padrão construcional, distribuímos os dados do *corpus* investigado em quatro subesquemas.

O primeiro subesquema apresenta trinta e uma ocorrências. Dentre elas, vinte e duas relacionam-se à microconstrução 1.1 e nove à microconstrução 1.2. No que se refere aos dados da microconstrução 1.1, é possível verificar o uso de “real” como adjetivo prototípico com sentido mais ancorado na realidade e na veracidade nessas ocorrências. As ocorrências agrupadas na microconstrução 1.2 apresentam o uso de “real oficial” direcionado a um sintagma nominal. Nesses casos, “real oficial” formam um *chunk* que incide sob o SN. Embora “real” já revele sentido de veracidade e de realidade, “oficial” reforça essa ideia. Quanto à forma, em ambas as microconstruções, “real” e “real oficial” não apresentam *break*. Nesse sentido, compreendemos a ausência desse intervalo de tempo como indício de uma maior integração entre os elementos.

No segundo subesquema, verificamos quarenta ocorrências. Dentre elas, trinta e oito são pertencentes à microconstrução 2.1 e duas à microconstrução 2.2. Agrupamos, na microconstrução 2.1, ocorrências em que “real” tem como escopo de modalização um sintagma verbal, sem a presença de *break*. Nessa mesma direção, encontram-se as ocorrências da micro 2.2; entretanto, nesse caso, a construção modalizadora é constituída por “real oficial”. Quanto à forma, em ambos os casos, “real” e “real oficial” não apresentam *break*. No que se refere à função, com base nos dados, é possível notar um posicionamento do falante com atitude modalizadora asseverando uma situação ou um aspecto da realidade expressos por um sintagma verbal. Se comparados aos dados da micro 2.1, os casos da micro 2.2 mostram-se mais intersubjetivos.

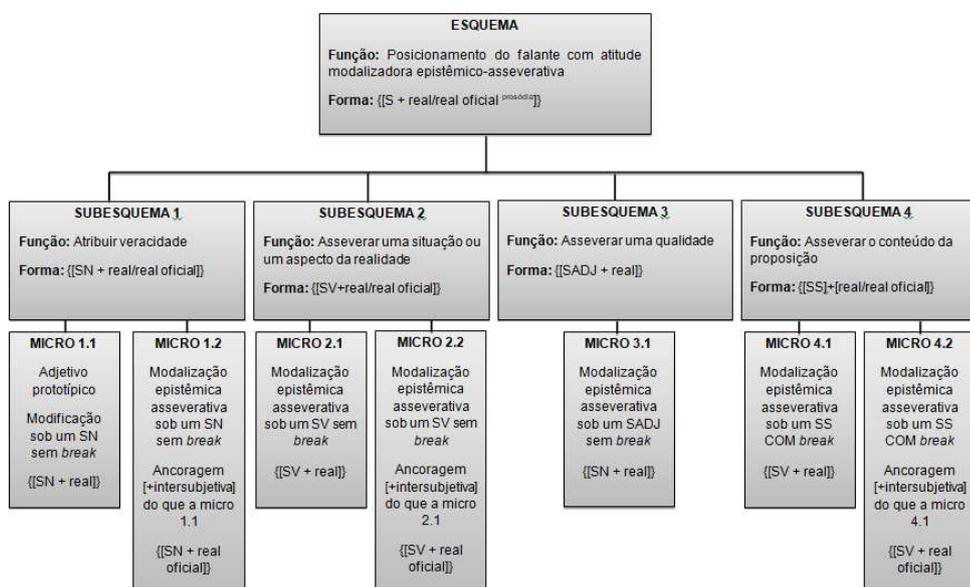
O terceiro subesquema é composto por oito ocorrências em que “real” atua sob um sintagma adjetival, com o intuito de asseverar uma qualidade. Além disso, assim como acontece nos subesquemas 1 e 2, a microconstrução pertencente a este subesquema também não apresenta *break*, incidindo, de forma pontual e integrada, sobre o escopo de modalização.

O quarto subesquema engloba vinte e quatro ocorrências, sendo vinte e três referentes à microconstrução 4.1 e uma à microconstrução 4.2. Diferentemente dos outros subesquemas, nesses casos, há presença de *break* entre a produção oral de “real” e “real oficial” e seu escopo de modalização, a sentença. Acerca da função, a partir dos dados, é possível averiguar um posicionamento do falante com atitude

modalizadora asseverando todo o conteúdo proposicional. A partir análise de dados, foi possível observar que, em todos os subsquemas, “real” e “real oficial” operam como focalizadores, ou seja, atribuem relevo ao escopo da modalização. Nos subsquemas, os sintagmas – nominal, verbal, adjetival e sentencial – recebem a modalização e são destacados como porções relevantes (figura), orientando, assim, a atenção do interlocutor e, conseqüentemente, sua interpretação.

No que se refere à interpretação desses padrões construcionais em contextos de modalização epistêmico-asseverativa, é possível notar um deslocamento de sentidos mais concretos relacionados à realidade a outros com ancoragem mais intersubjetiva, principalmente nos casos com “real oficial”, o que revelaria o posicionamento e/ou as crenças do falante em relação ao interlocutor a depender de seu propósito comunicativo na interação. Portanto, é nesse contexto que, a partir das evidências demonstradas na análise e dos argumentos já apresentados, propomos a seguinte rede construcional:

Figura 23 – Rede construcional com “real” e “real oficial”



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

É nesse sentido que, buscamos, com base na análise de dados, descrever as ocorrências, posicionando-as e ilustrando-as dentro de uma rede hierárquica. Entendemos, nesse contexto, que a análise aqui realizada, pautada no *corpus* investigado, configura apenas um pequeno recorte acerca dos padrões construcionais identificados, o que, com certeza, não esgota a realização de pesquisas futuras sobre o tema.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo mais geral a investigação da instanciação e da convencionalização de construções modalizadoras epistêmico-asseverativas com “real” e “real oficial”, em um determinado *corpus* do português brasileiro, à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso. Nesse contexto, buscamos, de maneira mais específica, descrever os pareamentos forma-função das construções a fim de identificar os três níveis de esquematicidade propostos por Traugott e Trousdale (2013) – esquema, subesquema e microconstrução – e de propor uma organização das construções em uma rede hierárquica.

Para tanto, partimos das seguintes hipóteses de pesquisa: (a) “real” e “real oficial” cumprem novos propósitos comunicativos na língua que diferem de seus usos convencionais como adjetivos e (b) as construções com “real” e “real oficial” constituem um pareamento forma-função na língua. Tais hipóteses, conforme demonstramos na seção de análise, foram confirmadas.

A partir do levantamento das ocorrências dessas construções modalizadoras epistêmico-asseverativas em uma pequena amostra sincrônica, estas foram submetidas ao cálculo da frequência de uso e à análise qualitativa, que contou com o recurso do *software* Praat para a identificação e a categorização das ocorrências nos subesquemas mediante uma análise acústica.

Assumimos que, em contextos de modalização epistêmico-asseverativa, “real” e “real oficial” desempenham funções adjetivais, conforme observado no primeiro subesquema, e funções adverbiais, nos demais subesquemas. Nesses casos, a prosódia, a depender da ausência ou da presença da pausa entre o escopo da modalização e “real” e “real oficial”, constitui um aspecto formal fundamental da construção, a serviço da função comunicativa pretendida.

Com base em todas as evidências apresentadas na seção de análise, procuramos demonstrar que (i) o falante utiliza essas construções com fins comunicativos específicos – a asseveração epistêmica evidenciada pelo esquema mais abrangente –; (ii) os subesquemas apresentam especificidades, principalmente no que tange à prosódia; e (iii) “real” e “real oficial” cumprem novas funções gramaticais nesses contextos.

De forma mais abrangente, a função do esquema descrito revela o posicionamento ou a crença do falante, de modo asseverativo, por meio das noções de realidade, veracidade, autenticidade e legitimidade. No polo da forma, o esquema pode ser descrito pela seguinte representação simbólica: {[S + real/real oficial]^{prosódia}}. As sete microconstruções verificadas estão reunidas em quatro subesquemas. No subesquema 1, foram agrupadas ocorrências em que “real” e “real oficial” desempenham funções adjetivais, tendo como escopo um sintagma nominal. Nesse subesquema, as microconstruções atribuem veracidade e legitimidade a um referente concreto ou abstrato. Como representação formal desse subesquema, temos: {[SN + real/real oficial]^{prosódia}}. O segundo subesquema tem como função a asseveração de uma situação ou um aspecto da realidade. Em termos de forma, ele pode ser representado da seguinte maneira: {[SV + real/real oficial]^{prosódia}}. Já o subesquema 3 tem como escopo da modalização um sintagma adjetival. Nesse caso, “real” modaliza de modo asseverativo a qualificação expressa por tal sintagma. Tal subesquema pode ser simbolizado da seguinte forma: {[SADJ + real]^{prosódia}}. Por fim, no subesquema 4, o conteúdo da proposição de toda a sentença é o alvo da modalização realizada por “real” e “real oficial”. No polo da forma, representamos esse pareamento da seguinte forma: {[SS] + [real/real oficial]^{prosódia}}.

Nos três primeiros subesquemas, o escopo da modalização – os sintagmas nominal, verbal e adjetival – estrutura-se de maneira mais integrada a “real” e “real oficial”, não apresentando pausa significativa entre esses constituintes, conforme demonstrado por meio da leitura das telas do programa Praat. Por outro lado, no quarto subesquema, o escopo da modalização – o conteúdo proposicional de toda a sentença – apresenta-se de modo menos integrado a “real” e “real oficial”, evidenciando uma pausa entre esses constituintes. A análise das microconstruções do subesquema 4, dessa forma, nos oferece indícios de que tais elementos estão cognitivamente menos integrados e, por consequência, revelam-se na fala da mesma maneira. Sendo assim, em todos os contextos, a prosódia é essencial na delimitação do escopo da modalização e, conseqüentemente, da função desempenhada por cada padrão construcional.

Ainda, no que se refere às características dos subesquemas, em todos os casos, as microconstruções com “real” mostram-se mais produtivas se comparadas às com “real oficial”. Além disso, as microconstruções com “real oficial” apresentam

ancoragem [+ intersubjetiva] do que as microconstruções com “real”, uma vez que estas imprimem um julgamento ou uma crença do falante em relação ao que é proferido de forma mais contundente e expressiva. Verificamos, também, nas construções investigadas, que “real” e “real oficial” atuam como focalizadores, na medida em que direcionam a atenção do interlocutor para o foco da modalização. Nesse sentido, o que é expresso pelos sintagmas recebe relevo atribuído por tais elementos, por meio da asseveração acerca da realidade e do valor de verdade.

É nesse contexto que procuramos demonstrar que a instanciação das construções modalizadoras com “real” e “real oficial” está presente na sincronia atual e pode ser percebida, principalmente, na oralidade, em contextos de fala menos monitorada. E entendemos, dessa maneira, que a pesquisa realizada será relevante para os estudos que têm como alvo de investigação o uso real da língua, bem como para aqueles que se desdobram acerca da modalização epistêmica na oralidade.

Contudo, reconhecemos as imitações deste estudo, bem como acreditamos que algumas questões mereceriam ainda maior atenção em trabalhos futuros, tais como: (i) a (re)definição e a ampliação do *corpus* de análise, com a inclusão de registros de modalidade escrita em diferentes graus de formalidade, bem como uma investigação sob a perspectiva pancrônica, a fim de se obter um maior número de ocorrências; (ii) a incorporação de outros padrões, como os com “total” e “legal”, ampliando, assim, a rede dessas construções e (iii) a investigação mais aprofundada acerca das possíveis motivações para preferência de uso por construções terminadas –al, tanto por aspectos de natureza fonético-fonológica, quanto por produtividade desses adjetivos nos contextos de uso.

REFERÊNCIAS

- ANDERSEN, H. Actualization and the (uni)directionality. In ANDERSEN, H. (ed.), *Actualization: Linguistic Change in Progress*, 225–248. Amsterdam: Benjamins, 2001, 225 -248.
- BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Variação linguística, mudança linguística e construcionalização. In: *XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.
- Boersma, Paul & Weenink, David (2019). Praat: doing phonetics by computer [Computer program]. Version 6.1.05, retrieved 16 October 2019 from <http://www.praat.org/>
- BÖGELS, Sara; SCHRIEFERS, Herbert; VONK, Wietske; CHWILLA Dorothee J. Prosodic Breaks in Sentence Processing Investigated by Event-Related Potentials. *Language and Linguistics Compass*. Blackwell Publishing, p. 424–440, 2011
- BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- BYBEE, J. L. *Língua, Uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha; Revisão técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- CASTILHO, A. de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.
- COATES, Jennifer. *The Semantics of the Modal Auxiliaries*. London: Croom Helm, 1983
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA LACERDA, P. F. A. da. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume Especial, dez de 2016, p. 83-101.
- CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. Introduction. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (Eds.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlim/New York: De Gruyter Mouton, 2010, p. 1-26.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016

- FINEGAN, Edward. Subjectification in grammaticalization. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. *Subjectivity and subjectification*. New York: Cambridge University Press, 1995, p. 1-15.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, p. 13-44.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. *Linguística Funcional: teoria e prática* 1. ed. São Paulo, Parábola Editorial, 2015
- FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 157-176.
- GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam, John Benjamins, vol. I., 2001
- GOLDBERG, A. E. A constructionist approach to language. In: *Workshop em XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática*, 2016.
- GONÇALVES, C. A. Foco e topicalização: delimitação e confronto de estruturas. In: *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v.7, n.1, jan./jun., 1998, p.31-50.
- HOPPER, Paul. Emergent Grammar. *Berkeley Linguistic Society*, vol. 13, 139-157, 1987
- HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. *Transitivity in Grammar and Discourse*. *Language* 56: 251–99, 1980
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2. ed. rev. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993], p. 1-6.
- KJELGAARD, Margareth M., SPEER, Shari R. Prosodic facilitation and interference in the resolution of temporary syntactic closure ambiguity. *Journal of Memory and Language*. v. 40. p. 153–94, fev. 1999
- KOCH, Ingedore. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez Editora, 2002
- LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar*. New York: Oxford University Press, 2008.
- LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, v.2. 1977.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- NEVES, M.H.M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- NEVES, M.H.M. *Texto e Gramática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

NEWELL, A. *Unified Theories of Cognition*. First Harvard University paperback edition, 1994

PALMER, F. R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001

PEZATTI, Erotilde Goreti. Uma abordagem funcionalista da ordem de palavras no português falado. *Alfa Revista de Linguística*, v. 38, p. 37-56, 1994

ROSÁRIO, I. da C. do.; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, 60 (2), p. 233-259, 2016.

SAINT-PIERRE, M. Illocutoire et modalisation: les marqueurs d'intensité em français. *Revue Quebécoise de Linguistique*, v.20, n.2, p.223-37, 1991

TRAUOGOTT, E. C. Subjectification in grammaticalization. In: STEIN, Dieter; WRIGHT, Susan. *Subjectivity and subjectification*. New York: Cambridge University Press, 1995, p. 31-54.

TRAUOGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. New York: Cambridge University Press, 2005.

TRAUOGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L.C. Relevô e desenvolvimento de tópicô discursivo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 48, n. 1, 2006, p. 53-70